

ANTONIO MIRANDA

**RELÓGIO, NÃO MARQUE AS HORAS**  
**crônica de uma estada em Porto Rico**

"Um texto profundo sobre coisas superficiais,  
uma obra irresponsável sobre questões sérias".

## EL RELOJ

Roberto Cantoral

Reloj, no marques las horas  
porque voy a enloquecer  
ella se irá para siempre  
cuando amanezca otra vez

Haznos quedar esta noche  
para vivir nuestro amor  
y tu te irás, me recuerdas  
mi irremediable dolor

Reloj, detén tu camino  
porque mi vida se apaga  
ella es la estrella que alumbra mi ser  
yo sin tu amor no soy nada

Detén el tiempo en tus manos  
haz esta noche perpetua  
para que nunca se vaya de mí  
para que nunca amanezca.

D

**Para Kira Tarapanoff**

E

Quero dizer que não tenho nada a dizer. Diante do papel em branco fico mudo. Estremeço. E recomeço: tudo o que eu queria dizer já foi dito. E bem dito. Existem verdades inteiras soterradas em textos ininteligíveis. Palavras enterradas em volumes infinitos.

Na América Latina todo mundo escreve e ninguém lê. Escreve até quem não tem o que dizer, como eu.

Sou de uma geração que só lê a si mesma.

## VÔO NOTURNO

O vôo da AA é igual aos outros, embora se intitule "**The American Way**". Dentro de um avião. Entubado. Sobre as nuvens, em assento apertado da **economic class**. A economia é no espaço e na qualidade do serviço.

Os comissários de bordo foram produzidos em série: atléticos, cabelos cortados como **heroes** funk e bigodes latinos. Bonitos. Tipo **machoman** das discoteques **gay** de N.Y. e Rio de Janeiro. As aeromoças parecem (e estão) uniformizadas, hieráticas, hirsutas como as bonecas Barbie dentro de suas caixas. Sorriso plastificado, posticho, descartável.

Tortura coletiva é a posição de dormir: sentados, apertados, com os cotovelos recolhidos. Mas o meu vizinho dorme à solta, contradizendo o desconforto. Dormiria de pé, em trem suburbano. O barulho pressurizado dá-nos a certeza de um alojamento dentro de um aparelho de ar condicionado, silencioso à vácuo, confundido com o burburinho de falares e dizeres superficiais dos passageiros. Por quê passageiros?!

Quase perdi o vôo, entretido em ligações telefônicas. Fiquei detido na inspeção eletrônica por portar dezenas de fchas no bolso, detonando o alarme como se fosse arma de terrorista. Tiveram que abrir a porta da aeronave. Não seria a primeira vez a perder conexões aéreas, distraído com leituras ou divagações metafísicas... (Há quem perca vôos dormindo na sala de espera ou perdido nas lojas do **Duty Free**).

Voar é um exercício de ficção científica. O 767 é um ônibus espacial em escala comercial, com banheiros sanfonados e telas de projeção. Os filmes (quais?) devem ser de ação ou comédias românticas. Gosto global, majoritário. E vendem de tudo, só coisas inúteis. O catálogo é sempre o mesmo, para as mesmíssimas pessoas, mesmo que troquem de nome.

...

No mega-aeroporto de Miami, em filas imensas e em corredores intermináveis, a gente percebe que viajar é uma sucessão de desconfortos com instantes de fascinação. Mais que nada, uma questão de atitude, de predisposição.

A cor predominante é o roxo. Roxo?! Tem flores de plástico e aquele trem asimoviano que faz a saudação aos transeuntes. Aqui começa o **Disneyworld**! Um fluxo contínuo de gente de toda parte e de todo tipo. Sobretudo gente feia. E muitas crianças buscando o sonho e a fantasia das atrações veranistas. Máquina de sonhos.

Brigitte Bardot, ao queixar-se da degradação do sul da França - onde grassa a violência, a vulgaridade e o consumismo ostentoso -, falou em algo parecido a **maiamização**. Aqui é a terra da breguice e da camelotagem de luxo, com raros espaços reais para a sobriedade e a elegância. Elegância soa **old fashioned** numa zona tropical que é um circo a céu aberto, um

supermercado de bugigangas e diversões. Mesmo na aristocrática parte **art déco** de Miami Beach, cenário dos novos-ricos, de **pantalla** como diriam os cubanos.

É uma cidade de imigrantes, de turistas, de aposentados. Borbulhante, enganosa, extravagante. Com muito de brilho e banalidade. Agradável e cativante.

## VIDA MÍNIMA

As ilhas do Caribe estão esparramadas pelo azul interminável, da Flórida a Porto Rico, lá em baixo. Atóis e bancos de areia, minúsculas porções de terras desoladas. Alguns paraísos praieros, pesqueiros, hospedeiros. Ilhas associadas ao lazer em que vivem populações sofridas, queimadas, provincianas, perdidas para sempre.

**Puerto Rico** não é das maiores mas comporta três milhões e tantos habitantes. É um estado livre associado, mas indivisível da territorialidade norte-americana. Tem suas vantagens para os ilhéus.

Uma brasa viva! Úmida. As plantas vicejam nesta estufa aberta e as pessoas enrugam-se.

Alojei-me em um amplo mas modesto apartamento da **Universidad**, com móveis simples e todos os eletrodomésticos da burguesia: geladeira, fogão elétrico, aquecedor de água (para quê?), máquina de lavar roupa e secadora elétrica (para quê?!). Mas sem o essencial: ar condicionado ou circulador de ar. Ainda bem, pois sou alérgico a tais aerações artificiais. O jeito é tomar três ou quatro banhos por dia. Felizmente, as janelas têm telas contra mosquitos e o ar (quando existe, se é que existe) circula.

E as rãs coaxam, os pássaros piam e, ao longe, os automóveis rosnam e explodem. Mas a área residencial é um bosque tropical, com árvores familiares e flores habituais: mangueiras, coqueiros, **flamboyants**, buganvílias e hibiscos. Tem até fruta-pão e alamandas nos jardins.

Não pretendo alugar telefone nem comprar carro.

Há tempos não vivo uma vida tão recolhida, tão tranqüila, sem estresse, sem pressões. tão minha!!! Espero não ser sufocado por tanta paz e angustiado pelo silêncio. Terei que limpar a casa, preparar algumas refeições à noite, e acostumar-me à solidão.

## KITSCH

Ando nú pela sala para enganar o calor. O barulho que vem de longe não é do vento, é dos automóveis enlouquecidos. Cães ladram à distância e o rádio toca a mesma música, por horas a fio, com letras variadas, mas que dizem a mesma coisa. São salsas e merengues, para um povo que dança até quando faz compras no supermercado. Levam radiolas nos ombros. A música é sempre a mesma, com uma voz esganiçada dialogando com um coro feminino, uma orquestra metálica marcada pela percussão. O tempo todo. Variações sobre um mesmo

tema. Sensuais, provocantes, seriam ingênuas se não fossem tão lascivas. Os aficionados percebem as diferenças de ritmo, os contrapontos do cantor e seu coro, nas orientações para a coreografia.

Há povos que dançam com os calcanhares como os espanhóis. Que seria dos ritmos gringos sem os joelhos? E as nádegas, que papel desempenham no samba? Os ombros são fundamentais para os cubanos mas aqui o predomínio é dos quadris.

(Haveria que prosseguir o exercício e buscar as funções do umbigo, dos dedos, das virilhas, dos braços e das mãos!)

Um sábado de calma. Andei pelas vizinhanças como quem delimita suas fronteiras, reconhecendo limites. Buscando similaridades e diferenças.

Nem triste, nem feliz. Apenas à toa. No supermercado as mercadorias exibem-se com extrema malícia. Vendem fantasia, conforto, vaidade e, principalmente, inutilidades e **status**. Comprar é vício além do necessário. As ofertas antecipam falsos desejos. Mulheres saem carregadas de sacolas e o prazer deve ser maior em adquirir do que em consumir.

O supérfluo custa mais caro do que o útil. E tem que ser. Novidades aguçam a curiosidade das pessoas. Nas lojas são exuberantes, em casa acabam esquecidas. Que importa? Foi barato.

Deve haver uma engenharia de vendas que precipita o cliente em um cenário de ilusões, para seu orgasmo exclusivo. O **self service** é a realização definitiva do capitalismo. Como conceber a democracia sem os **shoppings** e as liquidações?!!!

Só eu não me deixo seduzir pela breguice de uma porcelana **made in Taiwan**, cópia da cópia de outra cópia, mas parece legítima. Tem também um relógio em forma de coração **made in Korea** e um suporte para abajur com um ramalhete de flores de plástico aprisionado no acrílico. Melhor só dois: um de cada lado da cama, para um corpo obeso delirando com sua grandeza.

Relógios antigos feitos de plástico, cristo feito de vidro e um fantástico e imenso rádio no formato de uma nave espacial. Ou será uma arca? Vai tocar depois a mesmíssima música, todo o tempo.

Volto de mãos vazias.

**NO MERCADO**

Judith trabalhou para a **Peace Force** em Medellin, nos anos das guerrilhas urbanas que, por certo, ainda não acabaram por lá. Fala **spanglish** e dá aulas sobre regras catalográficas. Tem o espírito de uma missionária e parece estar sempre querendo ajudar as pessoas.

Miúda, olhos azuis, desajeitada. Sai na frente e é difícil acompanhá-la. Passos miudinhos, céleres, apressados. Escolhe frutas e verduras na feira e barganha os preços, por hábito - quem sabe, adquirido na Colômbia - e que aqui, em San Juan, apenas consegue um sorriso aquiescente do vendedor. Ele explica que o preço é esse mesmo, **sorry**.

.....

Minha amiga Blanca Alvarez, venezuelana, foi comigo a Cúcuta, na fronteira com a Colômbia. Espécie de zona livre, com um sortimento enorme de ofertas de objetos para o lar e o lazer. Ela foi ver produtos femininos e eu curiosar. Acabei comprando uma colcha. Era impossível escapar ao assédio dos vendedores. Agarravam o braço da gente, sugavam os clientes para dentro das lojas! Iam desmontando as prateleiras e jogando no teu colo. Abriam caixas e destruíam as embalagens para que tu tocassem os tecidos. "Este custa tanto, mas vai pela metade mesmo, é seu!" Para livrar-se do homem-papel-caça-moscas tu o humilha, oferecendo-lhe ainda bem menos mas ele topa, com um sorriso de triunfo, embrulhando a encomenda.

Quando abres o pacote, em casa, encontras uma peça ordinária que nem tinhas visto antes!

Das cinco camisas que compraste na loja vizinha, ao preço de quatro, só vieram três no embrulho. O eletrodoméstico que vistes funcionando veio faltando uma parte. Aí é quando se entende porque têm tantas lojas que vendem peças avulsas! A gente pensa, cismando, para que comprar peças sobressalentes e aí descobre que são os clientes que voltam para minimizar o prejuízo.

Mas eu tivera sorte e a colcha viera inteira, sem defeitos. Uma beleza! Blanca Alvarez levou um susto. Ela comprara a mesmíssima colcha pelo dobro do preço. Expliquei-lhe que o segredo estava em saber barganhar...

Judith aprendeu a lição e continua usando a sua habilidade, mesmo sem resultados. Ela acredita que isso inibe a inflação, que a vigilância dos preços constrange as remarcações. Deve pechinchar até na **Selfridges**.

Quando ela dava uma paradinha para olhar a qualidade dos tomates e a excelência das batatas, eu saía na frente. Olhava para trás, tentando localizá-la mas ela já ia adiante... Eu é que estava sempre atrasado, apalermado.

Tentou explicar que não era casada mas tinha um filho. Como não expressei nenhuma reação, ela completou o raciocínio, dizendo que nem todo mundo vê fatos como esse com naturalidade. Eu nem estava prestando atenção, entretido com uma fruta-pão. Igualzinha às do Nordeste do Brasil. Senti-me um tanto embaraçado, pensando em como comer uma fruta-pão. Crua, cozida? E dizer que eu sou nordestino... Mas Judith sabe como prepará-la. O filho não

gostou da vida simplória de Rio Piedras, voltou para Washington. A mãe de Judith também não gostou. Primitivo demais para o gosto dela.

- O pessoal daqui também me acha esquisita porque eu almoço às vezes nos restaurantes do mercado, com os feirantes.

## NO JARDIM BOTÂNICO

Veio num carro novo mas descuidado, bastante sujo, de uma cor opaca e escura. Depois de um dia e meio recolhido ao silêncio do apartamento, sua chegada foi bem-vinda. Veio na hora exata, às nove da manhã. Deteve-se para olhar, com muita parcimônia, uma buganvília no terraço contíguo da vizinha, plantada em uma lata. Roxa, fulgurante, marcando a presença de uma manhã luminosa. Trouxe uns limões que havíamos comprado em parceria no mercado.

- Eu já recebi os meus ... - atestei, mostrando oito deles dentro da geladeira.

- **Entonces yo cogí más limones que los que nos correspondía .**

Melhor assim, concluímos. Em vez de quinze, teria pegado uns vinte, indevidamente. Certamente por distração, jamais por esperteza.

Manejava o carro tão atabalhoadamente como anda pelas calçadas, adivinhando o caminho através de seus grossos óculos pesados. Senti-me transportado por caminhos ignotos, por uma avenida de trânsito rápido que ela emperrava com suas indecisões. Felizmente o trajeto era curto e logo estávamos caminhando. Tirou da mochila um gorro amarrotado, encardido e protegeu a cabeça e saiu na dianteira, abrindo caminho. Falava bastante, metade em espanhol e metade em inglês. Não misturava as línguas, senão que repetia as frases como para assegurar-se de que estava expressando claramente as suas idéias. O tom era de quem estava sempre se desculpando.

Numa das alamedas deparamos com uma gigantesca árvore. Não havia como ficar indiferente à sua presença. **Terminalia oblonga**, ou **Guayaba Tree**, originária do Brasil, desconhecida para mim. Imponente. Ficamos especulando sobre sua procedência. Amazônica? Da mata atlântica? É possível que aqui tenha crescido além de seu normal, tomando um porte excepcional. Ou - o que é mais provável - já deparara com ela em muitos parques sem ter percebido sua existência. Qual seria o seu nome vulgar em português?

Mais adiante estávamos frente a outra árvore enorme. Garanti que aquela sim era conhecida minha. Presumia ser nativa do nordeste do Brasil: **Artocarpus Altilis**. Suas folhas coriáceas, casca lactescente, nada comuns e o fruto, caído no chão, partido, exalava seus humores álacres. Uma pasta meio viscosa, um tanto espessa. Nunca havia tido antes um fruto como aquele em minhas mãos, apesar de estar cultivando a planta em minha própria chácara. Mas lá, na aridez do cerrado do Planalto Central, fustigada por meses de seca e umidades muito baixas, sujeita a perder muitas de suas folhas todos os anos, vem crescendo timidamente. Cheguei a plantá-la mais de uma vez, transportando mudas trazidas de hortos da Paraíba, onde

eram vendidas como fruta-pão. Uma placa informava tratar-se de árvore originária das Ilhas do Pacífico.

Judith andava sempre com seus passinhos miúdos mas céleres, à minha frente. Exigia esforço acompanhá-la. Uma calça fofa e muito enrugada, como que a propósito para expressar a sua modéstia. Diante dela sentia-me incômodo. Parecia ser um tanto mesquinha, mas seria talvez por discrição. Os anos de voluntariado nos Corpos da Paz devem ter forjado nela uma personalidade escorregadia, despistadora, dessas que querem fazer o bem sem serem notadas, reservando o mínimo para si. Incapaz de qualquer ostentação. Mesmo podendo, não gozaria determinados prazeres na vida dependentes de seu dinheiro. Excesso de pudores.

Acampamos debaixo de um galpão. Tirou da mochila cem gramas de uvas e um pacotinho de biscoitos canadenses à base de gengibre. Detestáveis. Quantidades estritamente individuais. Compartilhei do piquenique com certo constrangimento. Eu só comparecera ao lanche com as mandíbulas e ainda estava (mentalmente) criticando o cardápio.

Um guarda florestal espreitava-nos à distância, ouvindo merengue em um rádio de pilha. Só faltava que ela fosse até ele com o pacote de biscoitos de gengibre.

.....

Falou de sua estada em Medellin, na década de 70. Da beleza daquela cidade que sobe pelas encostas como um presépio, iluminado até às alturas. Um vale úbere, com muito verde e muitas flores, onde a gente até esquece que existe violência e narcotráfico.

Gostava de sua casinha com um pátio espanhol. A arquitetura moderna estaria dando as costas a soluções tão práticas, tão naturais - por que não dizê-lo? -, tão ecológicas. Tetos muito altos, espaços cômodos e bem iluminados. E havia uma rede. Perguntou se usamos **hamacas** no Brasil. Ela diz sentir saudade de sua rede, e daquelas pessoas a quem ajudava dando aulas sobre serviços bibliotecários na esperança de que a educação favorecesse o desenvolvimento social.

E quanto á discriminação contra os **ianques**? Ela simplesmente ignorava. Estaria preparada psicologicamente para enfrentar as vicissitudes do ofício de voluntária. Era questão de dedicar-se integralmente ao seu trabalho, todo o tempo, com o mínimo para si. Havia demasiado por fazer, achava-se incapaz de concluir toda a sua tarefa no espaço de tempo reduzido de sua missão.

- As pessoas pensavam que eu era alemã ou sueca. Nunca dizia de onde eu era. Nunca.

Nas horas livres, depois das aulas, ainda estava disponível para trabalhos comunitários.

.....

Quando eu era jovem, no Rio de Janeiro, ou já maduro, na Venezuela, via duplas de jovens dos Corpos da Paz com suas inconfundíveis camisas brancas de manga curta e calças azuis. Eram muitos, espalhados nas regiões mais pobres da América Latina. Avermelhados, suados, com caras de caipiras do faroeste. A imprensa esquerdista acusava-os de serem espiões da

CIA, de trabalharem contra o comunismo, de serem reacionários e atentarem contra os valores locais. Pedia-se a sua expulsão. Não se sabe a que causas reais estariam servindo como inocentes úteis, ou se respondiam a programas humanitários de seitas protestantes.

A julgar pelo testemunho ingênuo de Judith, pelo menos no caso dela, o que predominava era mesmo a força de trabalho. Ainda hoje, com um contrato como o de qualquer outro profissional, ela parece continuar atrelada aos mesmos propósitos, quase que envergonhada de receber um salário pelo seu ofício.

. . . . .

O serviço de meteorologia adverte sobre os perigos de chuvas e inundações. Previne sobre os cuidados a tomar-se caso alguma catástrofe se avizinha. Um furacão afastou-se da costa dos Estados Unidos mas pode dirigir-se para o sul com ventos superiores a duzentos quilômetros por hora.

## **ARIGÓ**

Arigó foi missionário à revelia. O médico Dr. Fritz apossava-se de seu corpo e realizava curas milagrosas, às centenas. Pobres e ricos faziam fila à porta de uma igreja abandonada em que praticava sua medicina clandestina. Congonhas entrara definitivamente na rota dos fenômenos parapsicológicos, mediúnicos, espiritistas. Arigó era um homem comum, não tinha sequer consciência de que suas mãos exerciam ofícios cirúrgicos instantâneos, sem os mais mínimos cuidados higiênicos. Operava tuberculosos, cancerosos, velhos com cataratas, crianças com tumores malignos, gente desiludida de/por médicos e especialistas. Filmavam e analisavam suas sessões paramédicas, não viam como acusá-lo de charlatanismo. Nem cobrava pelo seu trabalho, mas acabou preso duas vezes, nos anos 50 e 60, pela prática ilegal da medicina. Dizem que o próprio Juscelino, seu conterrâneo, o indultou. JK acreditaria em suas capacidades mediúnicas, ou estaria, como acusaram seus opositores, comprando votos dos miseráveis. Arigó jamais teve consciência da sua fantástica capacidade de fazer diagnósticos e realizar complexas intervenções cirúrgicas sem anestesia e sem causar dores ou provocar doenças hospitalares aos pacientes. Acredite se quiser. Arigó morreu no início da década de 70, vítima de um acidente automobilístico, sem capacidade de automedicar-se.

Judith conhecia-o pela literatura e desconfiava de suas curas, mas quis saber a minha opinião sobre o assunto.

## **HIPOCONDRIA**

As prateleiras de **Walgreens** estão entulhadas de remédios e cosméticos. É o paraíso da auto-medicação. Basta ler as bulas ou as indicações impressas nas embalagens quando os nomes à vista não são suficientes para indicar suas propriedades.

O setor de vitaminas é o mais próspero. Às centenas. Do A ao Z, para todas as funções e regenerações, quando não vêm combinações caprichosas de vitaminas que cobrem espectros amplíssimos de aplicações curativas ou reativas. Abracadabra. Vitaminas detêm a velhice, curam cegueira, regeneram tecidos e calibram campeões; excitam, reprimem depressões e fazem a prevenção contra gripes e estresses.

Existem também as fibras e outros produtos para o emagrecimento, para enrijecer os músculos e aumentar a potência, sem falar nos preservativos. Sexo deve ser a um tempo estimulado e regrado, conforme as situações.

Judith dirigiu-se ao setor geriátrico. Pílulas rejuvenescedoras, milagrosas, retardam a morte das células e contraem músculos esgarçados e flácidos; cremes e unguentos devolvem frescor à pele e revitalizam as funções respiratórias e circulatórias. Não se considera velha, nem pretende realçar vaidades, apenas manter-se em forma depois que abandonou os exercícios matinais.

Postei-me diante das aspirinas que estimulam a capacidade sangüínea e afastam os perigos dos enfartos. É o que dizem. Trouxe também relaxantes, antiácidos e outras químicas suaves para ajudar a digestão e eliminar as gorduras excessivas.

Meu amigo Milton Nocetti entraria em estado de graça, de levitação plena, diante de tal farmacopéia. Sem falar nos chás para todos os usos e momentos, das essências naturais mais cosmopolitas e até extravagantes. Chás afrodisíacos, calmantes, místicos, medicinais. E uma vasta literatura sobre suas faculdades e rituais. Irresistíveis. Milagres da biodiversidade.

.....

Nuvens de chumbo pairam ameaçadoras. Pesadas. Presságios espantosos. As aves recolhem-se aos seus esconderijos. Trovões tronitroantes abalam o horizonte. Explosões atordoam os pássaros e todos os seres vivos, estremecendo os alicerces do edifício. As vidraças estão ao ponto de estalarem. Chove sobre toda a ilha de Porto Rico. Uma chuva densa, imensa, instantânea. Milhares de sapos invisíveis saúdam a precipitação. Apenas uma chuva corriqueira, passageira.

Chuva de inundar caminhos, de encharcar corpos e derrubar árvores. Na enxurrada vai o humo da terra. É tanta água a cair que a autopista, lá longe, vai ficando lenta até que os automóveis desaparecem na cortina de chuva. Escurece. A respiração junto à janela embaça o vidro e a visão. Agora é só o ruído aquático, delimitando as distâncias insondáveis.

## AEROBICA

Vicente é um fisiologista desportivo, com doutorado em sua especialidade. Está sempre sorrindo. Somos vizinhos nas Residências, vivemos no mesmo bloco. O meu apartamento fica no último andar e não tem telhado. A laje recebe todo o sol do dia e transpira um bafo quente, africano, das savanas.

A avenida interna é um verdadeiro parque tropical com palmeiras, unhas-de-vaca, flamboyants e buganvílias. Numa dessas caminhadas para a Universidade, Vicente ofereceu-me carona. É uma pessoa comunicativa, prestativa. Fez questão de convidar-me para uma festa com o seu grupo de ginástica e para participar dos exercícios.

Trabalha com assistentes que o auxiliam nas caminhadas e na tomada da pressão arterial e do pulso. Minha pressão deixou Vicente muito preocupado: 14 por 10. Muito alta. Fiquei um tanto deprimido por participar, pela primeira vez, de um grupo da "terceira idade", embora os exercícios estejam abertos a pessoas de todas as idades.

O corpo é um instrumento sujeito à ação do tempo e a saúde é fundamental para manter o organismo em funcionamento. Vicente garante que vou rejuvenescer dez anos com a continuação dos exercícios.

- **Por las dudas me voy a pintar el pelo...** disse-lhe em tom de brincadeira. Mas ele falava sério.

A gente pensa em juventude como fonte de energia, de prazer, mas Vicente, provavelmente, associa a bem estar e equilíbrio com a natureza. Ficou muito feliz ao saber que não fumo nem sou aficionado das bebidas alcoólicas. Que levo uma vida saudável, regrada, embora excessivamente sedentária.

## OLDIES

Um famoso **discman** de Nova Iorque garante que o mercado consumidor de música velha é mesmo dos velhos... Lógico, há lugar para as exceções: alguns jovens curiosos, fora de seu tempo. Mas os velhos parecem irremediavelmente retidos em alguma esquina do passado, com os ouvidos refratários às novas experiências musicais... Para o **discman**, só um velho excêntrico entraria na onda **rap**.

Ainda bem para as gravadoras, que podem desentulhar todos os bagulhos das prateleiras e revendê-los sempre. Ângelas-marias, Nelsons-gonçalves, a "velha" Jovem Guarda, ressuscitando Wanderléias e Golden Boys. Sim, porque Renato e seus Blue Caps permanecem em vidros de formol e só saem para animar bailes de quarentões.

Os discos mais vendidos seriam os da juventude dos consumidores: vinte, trinta, quarenta anos atrás. Aquela canção do Roberto Carlos, aquele bolero do Altemar Dutra, aquela rumba da Emilinha Borba. Você nem gostava tanto assim daquelas músicas mas, de tanto ouvi-las, acabou associando-as aos melhores momentos de sua vida.

**"Que será,  
da minha vida sem o teu amor,  
da minha boca sem os beijos teus".**  
(Mariano Pinto - Mário Rossi)

Músicas mais velhas só mesmo para os estudiosos, para os especialistas. Não entram no esquema, vão para os escaninhos da "Velha Guarda" nas casas de discos dos supermercados: Francisco Alves, Carmem Miranda, Orlando Silva. Até os velhos os rejeitam, embora sejam os melhores.

As emissoras de Porto Rico são pródigas na execução de preciosidades dos anos 40, 50 e 60... Gregório Barrios, Sarita Montiel, Trio Los Panchos e Agustin Lara. Aqueles saudosos sons de filmes mexicanos, dos musicais de Hollywood no período da política de boa vizinhança dos Estados Unidos com o resto do continente.

Toda uma época! Só a vivi nos seus estertores, já competindo com a "modernidade" do **rock'n'roll** de Bill Halley, Little Richard e Elvis Presley.

Sabia, mesmo sendo adolescente, que era música de baixa qualidade, mas era o som que eu ouvia e dançava nas festas. E cheguei a ser campeão de **rock'n'roll**... Quase fracturei a rótula de minha prima Yeda num daqueles passos acrobáticos mal executados.

Agora ouço **Beatles** como **oldies**! Aquele yê-yê-yê juvenil, frenético, ingênuo dos anos 60. Trinta anos, afinal, não passam incólumes... Se arquejam as pessoas, também corroem os estilos. Os meninos da onda **funk**, **reggae** ou **axé**, certamente consideram Paul McCartney, Ringo Star, George Harrison e John Lennon os avós do **rock'n'roll**, espécie de quatro patetas com cabeleiras de franjinhas, roupas exóticas e instrumentos convencionais... Um som gostoso, mas definitivamente **old fashioned**. Velharia da discoteca do papai.

Não há geriatra que faça voltar o relógio do tempo, não obstante tantas campanhas e modas saudosistas que pretendem, de vez em quando, embaladas por filmes e telenovelas, devolver-nos aos anos 50, aos anos 60 e, à que foi, na opinião também de Jô Soares, a pior época de todas, aos anos 70.

Os anos setenta foram horríveis em todos os sentidos. Aquelas calças tipo sino, aqueles sapatos horrendos de plataforma! E que dizer daquelas costeletas de macaco que fizeram a imagem pública do Emerson Fittipaldi? Pior mesmo só a moda do cabelo afro, das túnicas indianas encardidas e dos símbolos evocadores de paz e liberação sexual. Foi a década dos excessos, da permissividade, da sociedade alternativa do Raul Seixas, do misticismo dos The Beatles, do psicodelismo nas artes, da superação das ideologias nos ensaios tardios de Marcuse e nas ecléticas canções derradeiras de Joan Baez e Bob Dylan. Os Beatles viraram experimentalistas e o rock progressivo, meio nirvânico meio embalado pelas drogas, saiu dos

salões de baile para as salas de concertos, até que a onda vulgaríssima das **discothèques** e dos johns travoltas redescobriram o rebolado e o **non sense**.

No Brasil foi a reação criativa do Tropicalismo, com seu caldeirão de influências. Ia da macumba ao jazz, do rock pauleira às evocações da bossa nova. Caetano, Gil e Os Mutantes brincaram e rolaram, demolindo ícones, debochando nas barbas da Ditadura Militar. Demoliram pouco e construíram menos ainda, mas desintoxicaram o ambiente já cansado de Celis Campelos e Silvinhas Teles.

Dizem que Caetano e Gil foram mais perseguidos por sua pregação das drogas e da licenciosidade sexual do que por sua mensagem revolucionária. Os censores nunca tiveram ouvidos muito afinados mas sempre foram moralistas. Aquelas letras eram demasiado complexas para serem entendidas por eles e pelo grande público...

**Oldies.** San Juan de Puerto Rico é uma ilha perdida na lembrança daqueles tempos. Está retratada nos filmes de época, com coqueiros, rumbas e guarachas. Cantada com o sotaque gringo do Nat King Cole. **"Sou-la-mente unna-bez am-ma-da miia"**. Igualzinha à Cuba de Batista, que era o paraíso da cafonice, com cha-cha-cha e Perez Prado. Tudo acabava em praia e romance. Os cantores abaritonados eram doces como favos de mel. A voz efeminada, mas luziam machíssimos e insuspeitíssimos bigodes. Nas cenas mais apaixonadas, a declaração de amor era em forma de bolero, ao som de marimbas. Os casais eram turistas norte-americanos que, **never!**, se apaixonariam por um nativo...

Maria Antonieta Pons era a expressão de feminismo mais percebida pelo público e ninguém negava a mensagem revolucionária de seus quadris!

Depois veio Fidel Castro. A América virou guerrilheira, heróica, até que um personagem com cara de Jesus Cristo foi fuzilado na Bolívia. Com ele parece ter morrido o romantismo dos anos 70. Chamava-se Che Guevara e agora sua imagem ilustra decalques, flâmulas, cartazes, pratos e até cinzeiros. Tem gente que o confunde com o Nazareno. A garotada de hoje não sabe bem se se tratava de um daqueles cabeludos de Woodstock, uma espécie de **superstar** ou de um político mambembe.

## EL HOMBRE NUEVO

A minúscula cadela de um vizinho espera sempre por mim, na escadaria do edifício, na certeza de que vai receber afago. Está condicionada ao meu tratamento carinhoso e tem um olho cego, branco, triste. É um animal solitário, desgarrado.

Na alameda arborizada que leva à Universidade, circulam automóveis e professores saúdam-se com certo formalismo e simpatia. A maioria, com suas famílias, cultivam plantas nas varandas.

**Doña** Consuelo, que não é "**la soltera**", como gostaria Garcia Lorca, já está em idade de aposentar-se e trabalha na Biblioteca Central. Seguimos o mesmo trajeto, todas as manhãs. Logo deu para perceber que era cubana. Trinta e sete anos afastada de sua terra, com a família dispersa por vários países. Bastava ouvir o nome satânico de Fidel Castro para começar a blasfemar. Como todo cubano, sonha terminar os seus dias em Cuba mas sabe que Cuba, mesmo que venha a ser reaberta aos seus filhos refugiados, não será jamais a mesma.

Está animada com a perspectiva de liberação do regime, com algum tipo de solução com o passado, mas reconhece que já é tarde demais para ela.

Numa estação de rádio local, os cubanos expatriados discutem seus problemas. Uma das pessoas entrevistadas pelo telefone, uma professora universitária, não acredita no diálogo com Fidel. Para ela, ditador é ditador, e só sai morto! A menos que seja um Pinochet, mas este pregava o neoliberalismo que ele mesmo protege, sem afastar-se do poder. Fidel é Fidel. É um utopista, um homem vaidoso, endeusado, que virou mito até para si mesmo. Enquanto houver um cubano fascinado por seu carisma - e sempre haverá - ele não se deixará vencer pela realidade, a menos que perca totalmente o controle da situação. **Doña** Consuelo sabe que grande parte da população, seja por desinformação ou por convicção, acompanha a causa socialista de Cuba. Até quando, ela não sabe. Sem parceiros, a Cuba só resta o pragmatismo nas relações internacionais e o apoio dos intelectuais.

A única abertura é a dos aeroportos para os turistas. E o turismo é a indústria da corrupção dos costumes, insumo à contra-revolução. Com bloqueio econômico, pressões internacionais, restaria a esperança de um golpe de estado.

- **Que vá, mijito. Cada vez que Fidel descubre un rival, lo manda a matar por haberse corrompido con el narcotrafico. Prefiere la fidelidad de su hermano, de su familia...** - vocífera **Doña** Consuelo, desanimada.

Queixou-se de que não tem mais nada esperando por ela em La Habana. Quase todos os seus parentes já se foram, ou morreram, e perdeu contato com os sobrinhos e primos. Não têm rostos. As suas propriedades - não eram muitas - já estão perdidas para sempre, os registros cartoriais queimados. Saíram todos com as mãos vazias, com os bolsos vazios, só com as lembranças de uma Cuba idilizada, que talvez nunca existiu, produto do desgarramento, fruto do exílio prolongado e de uma saudade irreconciliável.

Os cubanos são os judeus do Caribe, em diáspora interminável.

.....

Fui dos que saudaram a Revolução Cubana pelos seus ideais igualitários, mas sempre arrepiou-me o envio de opositores para a Ilha de Pinos. A forja de um **Hombre Nuevo** dividiu meu entusiasmo juvenil por seu idealismo rousseauiano, mas enfraqueceu o meu ânimo pela semelhança com o ideário fascista.

Homem de laboratório, na presunção de que é melhor do que os demais, sempre pareceu-me coisa de Frankenstein, de pregação religiosa, de fanáticos. E chegaram a usar uma falsa

psicanálise para reorientar os dissidentes, como se fossem doentes, ou a transformá-los em loucos.

.....

"**El Hombre Nuevo**" é também o nome do conto de um escritor cubano da nova geração, com forte influência lezamaniana: Senel Paz. Um grupo teatral porto-riquenho - Arete - fez a adaptação dramática e fui assisti-la no festival que se celebra na Universidade.

Um diálogo divertido e amargo entre um revolucionário e uma bicha assumida. Conheceram-se onde todos os **habaneros** se encontram: na mega-sorveteria Coppelia, no decadente bairro de Vedado. O revolucionário toma uma taça de sorvete de chocolate e a bicha amaneirada prefere a de morangos. Já conhece de vista ao belo jovem forjado pela Juventude Comunista e tenta seduzi-lo com a oferta de livros clandestinos de escritores em desgraça com o regime: os de Vargas-Llosa e o "Três Tristes Tigres" de Cabrera Infante. O marxista acredita estar na pista de um contra-revolucionário e aceita o convite para o diálogo, desde que platônico. A bicha adverte-o para o risco da visita: seu poder de sedução e a vigilância ostensiva dos vizinhos... Ser bicha, pobre e, se fosse pouco, negro é uma fatalidade em Cuba ou em qualquer lugar, sobretudo porque o negro em Cuba está sempre associado ao mito da virilidade.

Transportei-me à Cuba do início dos anos 90, à mesma Coppelia, onde um jovem atlético como o da peça tentava trocar pesos por dólares comigo, para satisfazer sua vaidade e fantasia de poder vir a comprar **jeans** e tênis modernos... Oferecia-me cinco vezes mais pesos no câmbio negro do que o oferecido pelo banco de Fidel. E levou-me a ver os jovens **hippies**, em frente ao Hotel Habana Libre, que "debaixo dos caracóis de seus cabelos" ansiavam pela fuga em massa, assumindo valores da contracultura.

Diego, o personagem de "**El Hombre Nuevo**" considerava os homossexuais uns **enrustidos** e as **locas** uns alienados. "Ela" se considera uma bicha assumida, dedicada ao cultivo dos valores perdidos pela Revolução, resgatando as pérolas da cultura de Cuba, guardando fragmentos de obras expurgadas, canções proibidas, idéias execradas. Considera-se um patriota à sua maneira, com direito à vida e à felicidade, mas reclama dos preconceitos e da falta de oportunidades para dar vazão à sua criatividade. Já esteve preso e sobrevive na clandestinidade. Ser uma bicha escrachada, cínica, acaba sendo uma couraça para resistir às perseguições, uma forma de protestar e de ridiculizar o machismo, até mesmo um refúgio, ao ser considerado "caso perdido" mas inofensivo. O regime começa a dar mostras de desistência na tentativa de reformar tais pervertidos.

Cenas hilariantes se seguem, com dublagens de Maria Callas, de uma rumbeira tradicional e outros virtuosismos de transformista. Mas o que se discute em cena é coisa muito séria. Uma espécie de "Greta Garbo quem diria acabou no Irajá", mas sem o escracho da peça brasileira dos anos 70.

Entre avanços e recuos, chega-se ao final, quando Diego vai deixar a ilha, já sem qualquer possibilidade de sobrevivência e dignidade, numa daquelas ocasionais trocas que Fidel fazia com os Estados Unidos, deportando pederastas, velhos doentes, ladrões e um ou outro preso

político importante. Era a limpeza periódica dos porões do regime, livrando-se de **gusanos** e outras excrescências.

A despedida é digna de um folhetim, de um episódio chaplineano, terrível em sua humanidade descarnada. Diego, antes do inventário que vai despojá-lo dos seus (mínimos) pertences, encomenda ao seu amigo David, a guarda de seus livros, seus discos, seus manuscritos e de uma xícara (porcelana de Sévres que ele confessadamente roubara tempos atrás). Quase nada, mas eram símbolos de sua rebeldia, de sua resistência pequeno-burguesa.

O belo guerrilheiro despede-se do amigo com um abraço pungente, sofrido, sem maiores esperanças ou convicção. Havia sido seduzido, senão pelo corpo, pela mais vulnerável das faculdades humanas que é a consciência. O quadro termina com o revolucionário na Sorveteria Coppelia consumindo, com certa tristeza, uma taça de sorvete de morangos. O público reconhece o talento do texto e a excelência da atuação com uma verdadeira ovação.

Saio do teatro com uma angústia existencial que nem Sartre seria capaz de equacionar.

.....  
Como muitos, deixei Cuba com a certeza de que, apesar de todos os seus erros, foi o mais extraordinário laboratório social implantado em nosso continente. O resgate da dignidade do povo e o culto à solidariedade foram marcas indelévels da experiência. A extinção de terríveis desigualdades sociais, a supressão do analfabetismo, a socialização da saúde pública...

Ou será que a revolução durou além do que podia? Como manter o ímpeto revolucionário sem transformar-se em tirania?

Até que ponto as esquerdas fecharam os olhos para o empobrecimento da ideologia, dando espaço ao poder unipessoal e ao burocratismo? Ou será que fomos insensíveis ou cegos e não apoiamos aqueles que, desde o início da Revolução, lutaram por desdobramentos mais profundos e por isso foram desterrados? Aí estão os exemplos de Maiakovsky e dos construtivistas russos - que trabalharam, à sua maneira, para a queda do regime anterior - e depois foram censurados pelos leninistas, acabando em desgraça, taxados de alienados e burgueses segundo a nova ordem do realismo socialista... E, pior ainda, como foi que, por silêncio ou omissão, concordamos com os desterramentos e expurgos, cada vez mais conservadores e reacionários, sob o pretexto de não fazermos o jogo do inimigo imperialista? Como diria o próprio Martí: "**en la política lo real es lo que no se ve**".

Marchar agora para onde, na direção de um neoliberalismo que cada vez mais despeja desempregados nas sarjetas em nome da produtividade?

Com o fim das ideologias, a que nova utopia entregar-se?

**BLOWING THE WIND**

Os terríveis furacões que periodicamente assolam a ilha de Porto Rico parecem explicar a ausência de telhados sobre os edifícios. (Garantem, porém, que se deve ao padrão norte-americano indevidamente transplantado...) Antes os furacões tinham nomes de santos e não eram menos devastadores. Aparecem entre junho e outubro mas são mais freqüentes em agosto e setembro, ou seja, nesta época do ano. Continuam tão devastadores como sempre, apesar da solidez das edificações. Depois do vendaval, os caminhos ficam intransitáveis, cobertos de árvores arrancadas pelos ventos; os rios transbordam de seu leito e invadem e destroem casas e plantações.

Judith garante que o pior vem depois com a falta de luz, de água potável, de abastecimento e de transporte público. Desorganiza toda a vida da ilha.

Já vivi os horrores do terremoto de Caracas de 1968. Vi edifícios rachando e a terra tremendo. O barulho era terrível e os quadros caíam das paredes, enquanto a terra parecia fugir aos pés da gente. Dormi três noites ao relento e o sismo repetiu-se várias vezes, até desaparecer, deixando edifícios desmoronados, ruas esburacadas e o abastecimento de água em colapso.

Já vi revoluções na Bolívia, golpes de Estado no Brasil e na Argentina, já presenciei ataques guerrilheiros na Colômbia e até fui preso, em Caracas, numa invasão policial às residências estudantis. Só falta um ciclone, que espero jamais presenciar.

.....

Ao entardecer, é ensurdecedor o piado de pássaros e o coaxar estridente de pererecas. Ouço sinfonias, jazz e merengues no rádio com o fundo musical, o som melodioso de centenas de minúsculos **coquis**, o animal símbolo do País. Os mais patriotas afirmam que esses batráquios só cantam em Porto Rico. Transladados a outras latitudes ficam mudos. Exagero? O certo é que é impossível ignorá-los. Mas garantem que a gente se acostuma, ao ponto de deixar de percebê-los. Como eles atingem decibéis tão elevados, deve ser com a perda gradativa da audição. Pode ser. Conheço gente nos subúrbios do Rio de Janeiro que já não percebe a passagem dos trens elétricos; já visitei uma amiga no bairro de Jabaquara, nos arredores do aeroporto de Congonhas, São Paulo, antes da construção do de Cumbica, que não alterava mais a voz à passagem dos aviões à jato, mesmo quando estes estremeciam as janelas: ela já falava alto o tempo todo; e há quem afirme que os desafortunados moradores de apartamentos às margens dos monstruosos elevados do Rio Comprido (RJ) e do Minhocão (SP), não perdem mais o sono... Difícil mesmo será viver no conjunto residencial em cima do túnel da Gávea, da autopista para a Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro...

Cheguei a morar à beira de uma autopista em Caracas mas tive que mudar-me do quarto alugado, depois de três noites sem dormir. Quase enlouqueci. Os donos da casa, uns espanhóis espalhafatosos, não entenderam as razões de minhas reclamações. Eles só falavam gritando, o rádio a todo volume e a televisão se ouvia a um quarteirão de distância.

E eu reclamando do ruído do coqui, um inofensivo devorador de mosquitos...

## OLD SAN JUAN

Judith lê as edições do **Women's Review of Books**, um tablóide feminista que faz resenhas de livros sobre a questão da mulher. Explica que não é feminista convicta mas está interessada na evolução dos direitos da mulher e em sua criação literária. É amiga de empresárias do ramo livreiro e editorial.

Anda sempre correndo, olhando a gente do fundo de seus olhos azuis profundos, protegidos pelos óculos fundo-de-garrafa. Sempre desajeitada, concentrada em seu labor de formiga. Como boa anglo-saxônica, de formação puritana, para quem o trabalho é uma forma de realização pessoal e de devoção divina, ela nunca conversa nos corredores da **Escuela**. A questão não está somente em trabalhar mas em mostrar que está trabalhando, enquanto os latinos fofoqueiam pelos cantos.

Não sei de onde vem o puritanismo de Judith. Ela não é protestante, é judia. Deve ter aprendido no banco das escolas e no processo de socialização familiar, orientando-a para o trabalho como atividade constante mais do que como resultado. O homem trabalhando escapa ao vício e reverência a Deus.

.....

Sábado pela tarde saímos, de ônibus, para a área velha de San Juan. Alegou que o estacionamento por lá é infernal mas logo descobri que ela não gosta mesmo é de dirigir. Tem horror ao trânsito .

Antes, almoçamos no apartamento. Tortilhas mexicanas que ela mesma preparou, acompanhadas de arroz moreno com ervilhas e salada. Dezenas de livros de culinária cobertos de gordura, sujos pelos ingredientes da cozinha, jogados sobre a mesa da copa. O vento atravessava todas as habitações e deixava camadas de pó e fuligem dos automóveis sobre os móveis, quadros e janelas. Vidros quebrados, um amontoado de coisas velhas e abandonadas pelos cantos. A maresia e as chuvas constantes corroem as grades das varandas e os marcos das janelas e portas, e o sol inclemente racha e apaga as pinturas das paredes, substituindo-as por manchas e nódoas de umidade, bolor e monóxido de carbono. É aquele negrume dos muros e paredes de Manaus, depois de tantas chuvas e de tanto calor sufocante.

O apartamento é bem grande, com móveis mal conservados e gravuras interessantes pelas paredes.

Dois cães pequenos amenizam a sua solidão, depois que a família partiu para Massachussets.

.....

**Old San Juan** conserva as suas muralhas e os sobrados com terraços, suas ruas inclinadas e calçadas empedradas, e os edifícios coloniais transformados em museus. Os espanhóis construíram igrejas, conventos e fortalezas. O que mais impressiona são as muralhas

íngremes, sólidas, para a defesa da cidade contra os ataques dos piratas. As velhas fortalezas agora são santuários turísticos ou permanecem como faróis para orientar o movimento dos imensos navios dos cruzeiros milionários pelo Caribe.

Embora fosse a minha terceira visita à ilha de Porto Rico, não lembrava bem daquelas ladeiras e praças, apenas das igrejas e da fortaleza de El Morro, que voltei a rever em cartões-postais.

É difícil reter as imagens dos lugares visitados há muito tempo, depois de tantas viagens. Uma excursão à Europa, por diversos países, acaba transformando-se em fragmentos, em vagas lembranças, em peças de um complexo quebra-cabeças que a gente não é mais capaz de recompor. Fica apenas uma impressão perdida no tempo, em que trafega uma figura humana que deixou de ser a gente, para tornar-se numa pungente referência. Pior se guardamos nossas fotos dos lugares visitados. Não existe nada mais patético do que álbuns de fotos de viagens: as da gente são dolorosas, as dos outros são ridículas. Ou então acontece como à minha tia Inês, com noventa anos, que passa horas contando os detalhes da viagem que fez à Europa e ao Oriente Médio há dezenas de anos atrás e só se lembra dos hotéis, das conexões e de uns poucos locais visitados e, o que é pior, volta sempre ao mesmo assunto, e conta tudo uma outra e outra vez. Agora não, agora as pessoas gravam vídeos, como antes tiravam fotos e revelavam diapositivas (que carunchavam e perdiam as cores). Como serão as imagens nos vídeos gravados hoje, quando revistos no futuro? Certamente, patéticos. Voltar a ver-se caminhando, anos depois, como um fantasma fossilizado, é um exercício de sado-masiquismo. Ainda bem que não me lembro bem das minhas visitas a San Juan, em 1971 e em 1984. Vejo tudo de novo, pela primeira vez.

Como Cora Coralina, a Aninha da Meia-Ponte, em versos tão profundos, os tempos atuais são infinitamente melhores. Ontem não existe. Amanhã, menos ainda. Hoje, sim. Subindo ladeiras, com Judith à minha frente, como se fosse uma freira de apargatas, forçando-me a andar mais depressa. Ela não tem paciência com a vida, parece ter vergonha de viver, de desfrutar a sua existência.

## RELOJ, NO MARQUE LAS HORAS

Fui tantas pessoas, em diferentes tempos. Se fui, não sou mais.

De um jardim próximo vem o perfume alucinante de uma dama-da-noite, de jasmins estonteantes, reportando-me a cheiros e situações em algum ponto perdido no passado, envolvido com pessoas que já desapareceram de minha vida. E dizer que representaram tanto para mim, pareciam insuperáveis, inseparáveis! Era outro que viveu e sentiu aqueles perfumes. Ainda bem, melhor assim.

**Reloj, no marques las horas.** Não sejas cruel. Olhando para trás, o tempo fraciona-se em períodos estanques. É inútil buscar uma relação entre eles, uma seqüência. É até possível que não tenhamos relação alguma, não mais, com aqueles momentos.

Tenho esta sensação sentado na cadeira, em Ocean Park. O vento é forte e a areia fustiga meu corpo quase desnudo, cada vez com mais força, como agulhas invisíveis sobre a pele. A praia é verdeazul e, lá longe, jovens exercitam-se em **jet skys** ou travam uma batalha, com seus **windsurfs**, para manter-se em equilíbrio. Não há farofeiros, nem arrastões. A Praia é tranqüila, com casas elegantes e, na linha do horizonte, os arranha-céus de Santurce.

A sensação é de já ter vivido esta situação no passado. Mas é outro o que contempla o mar, como uma pilha reabastecendo-se de energia. Senhores de tênis caminham com seus cães de raça e mulheres gordas abundam na água de ondas curtas.

Vivi boa parte de minha vida à beira do mar mas nunca fui um ser aquático, marinho. A praia sempre foi a exceção para mim. Estava mais interessado no sol do que no sal. Caminhava, mais do que nadava.

Diante do mar, reapareço em momentos diferentes de minha vida: em Copacabana, na praia de Araçagi, na seara cartaginesa de Monastir, na areia poluída dos arredores de Hong-Kong, em Callao vendo o insondável mar infinito e azul turquesa do Pacífico ou, mais recentemente, contemplando a placidez azul cristalina de Varadero, com suas águas tépidas.

Judith é anfíbia. Tem nadadeiras nos pés, por isso é que não usa sapatos fechados. Uma sereia sem escamas, com saudades do mar. Mas ela só vem ao mar em dias pré-determinados e sempre na mesma praia. Parece que ela só se sente feliz se transforma prazer em rotina. Até o horário é sempre o mesmo. Ocean Park, debruçado sobre o mar Caribe, de frente para a linha do horizonte, que divide o hoje de ontem, o agora do jamais. Esta proximidade com Judith começa a incomodar-me e a acomodar-me.

## MISUNDERSTANDING

Havia um ambiente de quermesse na praça em frente à torre central da **Universidad**. Barracas vendendo artesanatos e comidas típicas, debaixo das árvores, à luz dos refletores.

Judith passou a semana meio arisca, apressada pelos corredores da **Escuela**, carregando enormes volumes de livros. Desculpou-se por ter que isolar-se para os preparativos do Rosh Hashannah. O início do calendário hebreu exige reflexões, algum recolhimento antes do Ano Novo, mesmo para quem não se considera uma devota. Depois vem o Yon Kippur, as celebrações na sinagoga e ela poderá regressar à sua própria rotina. Mas prometeu vir ao meu encontro no concerto ao ar livre, da Orquestra Sinfônica. Ela mesma dispôs-se a vir, depois de sondar o meu interesse por música clássica.

Senhores de **guayaberas blancas de mangas largas**, espécie de camisas de pijama de luxo que os antilhanos e centro-americanos tanto apreciam, e calças pretas, pareciam uma legião de garçons prestes a atenderem os visitantes mas eram os músicos. Reuniram-se debaixo do imenso toldo de plástico branco, montado para servir de abrigo (em caso de chuva) e de palco.

Cadeiras por toda parte. Muita gente de pé, jovens sentados no chão ou deitados na grama. Judith chegou na hora de começar o concerto e sentou-se no lugar reservado para ela.

O regente começou atacando uma cavalgata **a la** Rossini, logo mergulhou nas profundezas enternecedoras de Mascagni, saltitou na **Dança das Horas**, subiu o tom uma **Ouverture** de Verdi e, se não bastasse, reservou para o **grand finale**, toda a vivacidade da **Navairaise** da **Suite El Cid**, de Massenet.

Judith interrompia a audição, fazendo-me perguntas. Eu fingia estar distraído, absorto.

A maioria dos músicos com cara de outras coisas. Quase todos de óculos, inclusive as poucas mulheres da orquestra. Tomado por tal impressão preconceituosa, recordei meu arrogante mas querido amigo inglês Russell Bowden em sua última visita ao Brasil. Estava estupefato com um cartaz anunciando a Orquestra Sinfônica de Uberlândia.

- Uberland?!

O tom era de surpresa e ironia. Antes que seguisse, atalhei:

- **Why not?**

Mudamos de assunto, ou brigamos, ele do alto de um pedestal e eu do fundo ou do fim do mundo. **Uberland!**

Judith tentava dizer que não morria de amores pela música romântica, que preferia a música... O sotaque confundia, a orquestra subia estrondosamente. Quando baixava, dava para ouvir as gargantas estridentes das pererecas coquis escondidas no jardim. Invisíveis, mas sempre audíveis! O corpo delas é só garganta, o diâmetro da boca talvez maior do que o corpo...

Judith insistia. Entendi que ela gostava de **joropo**. Estranha opção se comparada com música clássica. Mas, afinal, ela vivera na Colômbia e, certamente, ouvira muitos **joropos** por lá...

O Maestro Pabón agradeceu pelos aplausos. Recuperei, do fundo da memória, um conto cruel de Cortázar em que uma pianista volta à sua terra natal e toda a população - colegas do colégio, açougueiros, carteiro, religiosos, comerciantes, vizinhos, parentes - lotam o teatro e a ovacionam até incendiarem as mãos.

No concerto da Sinfônica só faltaram os cisnes de Tchaikovsky, o redemoinho das valsas vienenses da família Strauss. Mas foi, sem dúvida, um concerto sóbrio, agradável, didático, para saudar os estudantes.

Tomando chocolate em casa de Judith descobri que ela estudou na Alemanha, que freqüentava as densas óperas de Wagner mas que a sua predileção musical não era o **joropo** mas sim o **barroco**.

## PRAZER COMO ROTINA

**Again.** Judith anunciou sua chegada com a buzina fanha de seu carro japonês. "**We're going to the same beach, again.**" Usava um chapéu panamá que havia comprado numa loja em Old San Juan, na semana passada, e uma sacola velha que devia carregar consigo desde o tempo dos **hippies**. Alegre, quase juvenil.

Ela garante que a praia é diferente todas as semanas.

- **You may not believe, pero es siempre different.**

Realmente: o mar estava tranqüilo, sem vento e a água ainda mais morna do que sete dias atrás. O sol, abrasante.

Logo chegou Margareth, sua amiga editora. Margareth Melcher, responsável pela obra **Libros en venta en América Latina**, uma das mais extraordinárias tentativas de controle bibliográfico da região. Uma mulher de personalidade muito forte, embora seja suave e gentil o tempo todo. Mora num daqueles sobrados coloniais da parte antiga da capital, cercada de livros e de outros objetos preciosos. Da varanda interna de sua casa é possível apreciar os jardins da Casa Blanca, a residência dos antigos governadores.

Margareth chega sempre em torno das 9.30 horas, toma um longo banho de sol seguido de mergulhos, caminha pela praia e logo vai embora cuidar dos seus muitos afazeres de executiva. Uma presença breve mas marcante. Tenta convencer Judith da conveniência de um passeio à praia de Luquillo, talvez a mais bela de toda a ilha.

Aviões partem e chegam à direita, no firmamento quase sem nuvens. Pouca gente em Ocean Park.

Judith reconhece que o maiô que usa é um modelo dos anos 50, quando Esther Williams reinava nas piscinas de Hollywood. Com bustilhos e babados.

Dentro d'água ainda sinto os músculos estendidos, doloridos, dos exercícios de ginástica. Vicente garante que os exercícios não apenas acrescentam mais anos à vida como acrescentam mais qualidade de vida aos nossos anos... Jogo de palavras, questão de fé, estilo de vida.

Suor e o sal. De óculos escuros, para resistir à luminosidade dos trópicos. **Puerto Rico, la Isla del Encanto.**

.....

Bom mesmo foram os **croissants** que comemos no **Village Bake Shop**. É o único lugar por estas bandas em que é possível encontrar toda a sofisticação e a **délikatessen** de uma **rotisserie** francesa. Tortas e **baguettes**, bolos e biscoitos amanteigados.

Próximo dali, em El Condado, acontece a feira de artesanato e antiguidades ao som de **mariachis**. Não há muito o que ver. Livros ordinários, figurinhas de beisebolistas, roupas velhas no lugar de antigas. Alguns pratos e adornos orientais. Judith comprou uma enorme radiola dos anos 70. Um horror. Enferrujada, o plástico retorcido, faltando botões e a tampa de acrílico rachada, sem caixas de som. Inglesa, marca Sears. Custou cinco dólares. No feminismo avesso dela, coube a mim carregar a geringonça o resto do tempo.

.....

O Edifício Puerto Rico é uma jóia da arquitetura antilhana dos anos 40 ou 50. Três andares, escadas externas, varandas e balcões por todos os lados da esquina. Infelizmente, quase em ruínas. Grades de ferro carcomidas, madeiras apodrecidas, rebocos descascando. Judith mora no último andar e as cadelas de sua cria esperam-na detrás do portão de ferro. Miúdas, festivas, fedorentas.

Há uma imensa árvore grudada ao edifício, tão alta quanto este e os ramos entram pelas sacadas e as raízes levantaram o cimento dos caminhos. Há sempre brisa, luz, relaxamento.

Uma simples pintura nas paredes, uma demão de tinta nas portas da geladeira, a eliminação de caixas, vasilhames e outros objetos inservíveis ajudariam a criar um ambiente mais agradável e confortável, mas ela não sente necessidade de reformas ou melhoras. Colocamos, sobre um baú antigo, a radiola. Ela acredita que fez uma boa aquisição, que vai poder ouvir os discos de música barroca que jazem em caixas há duas ou mais décadas.

## REFLEXÃO PARALELA

Meu amigo Olindo, que vive nas lonjuras de Niterói, faz a apologia dos discos de 78 rotações por minuto. Para ele a tecnologia discográfica deteve-se naqueles pesados acetatos, tão frágeis e tão maravilhosos, mesmos os que foram gravados pela técnica pioneira. As vozes saíam meio afetadas, um tanto distorcidas, os tenores ganhavam afinamentos de sopranos, mas era isso mesmo. E daí?!

Olindo coleciona gravações originais, recusa versões em alta fidelidade, repugna as regravações em **stereo** e abomina as remasterizações digitais. Um sacrilégio. Melhor mesmo, é reunir-se com os amigos para as sessões de **chiados** e vozes saindo compactas com os sons dos instrumentos musicais, numa emissão única, não raras vezes com distorções produzidas pela alteração na velocidade do prato da radiola, ou pelo desgaste da agulha. E o prazer de apreciar o som na sua forma original?!

Ele não aceita sequer os "bolachões", os discos de vinil, gravados com recursos capazes de reforçar e ampliar os alcances vocais dos intérpretes. Na tecnologia laser, a engenharia de som supera a performance do intérprete, como o arranjo supera sempre o trabalho inicial do compositor.

Judith talvez apele para o lado possessivo e nostálgico de seus discos. Ela não pretende, provavelmente, ouvir novas versões de seus discos, mas aqueles mesmos discos que a acompanham, ainda que silenciosos e abandonados nos baús e caixas, há muito tempo. Eles fazem parte de sua vida, de sua trajetória humana, são testemunhos reais e insubstituíveis de momentos próprios de sua existência.

E, mais ainda, eles devem ser tocados, reproduzidos, em uma vitrola de época, não importa a imperfeição, o que vale é a representação autêntica das condições que ela deseja reviver. Por que não?!

.....

O problema não está nos sons, mas nos silêncios. O único sistema que respeita os vazios é o do disco laser. LPs e acetatos preenchem com ruídos as ausências de som. E as partes baixas das execuções? Imagine-se a parte inicial do **Bolero**, de Ravel, em **long-playing** arranhado ou com agulha desgastada... Para ouvidos sensíveis, será uma sessão de tortura! Mas Judith vive num entroncamento de vias e seu ouvido já está acostumado com buzinas e freadas.

Felizmente, as pessoas não são iguais. Judith - tudo indica - acostumada que está às audições ao vivo, não deve dar muita importância às versões gravadas. Duvido que ela seja capaz de postar-se diante do aparelho de som para acompanhar a sua execução... Ficar parada durante uma hora?! Se não se deixa imobilizar e embevecer pela presença dos músicos, tão real e tão impactante, como iria fixar-se em ouvir discos?!

.....

Ouvir música exige entrega, desprendimento, abstração, relax, projeção, ubiquidade. Sair de si, divagar, deixar-se levar pelo som e pela imaginação. Algo místico, ritualístico.

A capacidade de concentração é um requerimento **sine qua non**. Não é casual, nem sem razão, terem sido os japoneses, contumazes contempladores, ensimesmados pensadores, a inventarem o **walkman** e o **discman**. Os fones de ouvido isolam, separam, preservam os sons.

E eles navegam no inconsciente do ouvinte, percorrem espaços imaginários em nossa mente, ganham espacialidade, manifestam-se temporalmente.

O **walkman** é, certamente, uma denominação infeliz, de japonês expressando-se em língua alheia. Não é o homem que se desloca, mas o aparelho transistorizado. É prudente recordar que os fabricantes não recomendam o uso de seu invento em situações de movimento - correndo, dirigindo veículo - mas no recolhimento, nos momentos de paz e tranqüilidade.

Judith é agitada demais para valer-se de uma tal sabedoria.

## VIVER É MORRER

**El saber vivir lo hemos de aprender durante toda nuestra existencia, y también - cosa que más te sorprenderá - hemos de aprender a morir durante la vida". Séneca**

Viver é um processo de desgaste contínuo. Cada dia a mais, é um dia a menos. Inexoravelmente. E não me venham com a teoria de que os anos vividos nada têm a ver com idade. Papo furado. Idade mental é um parâmetro por demais subjetivo. Que a experiência acumulada rejuvenesce, só pode ser contraditada com acumulação de rugas. Ideal mesmo é encontrar a sabedoria dos velhos, nos jovens, o que é impossível. Encontrar a ignorância dos jovens nos velhos, é uma calamidade.

Relógio, não marque as horas.

Woody Allen, ao rever a sua brilhante biografia - de uma pessoa multifacética, tão criativa e contraditória - descobriu que foi várias pessoas, em diferentes épocas. Mas, não teve piedade de si mesmo e confessou que preferia ter sido outra pessoa. Talvez querendo dizer que gostaria de ter todas as pessoas que foi ao longo de sua vida, numa pessoa que já não é mais: queria (ou quer) continuar jovem. Com todo o seu talento acumulado...

Que eu saiba, Dorian Gray conseguiu. Pelo menos, na ficção de seu criador Oscar Wilde. E Dorian Gray não foi o único. Orlando, de Virginia Woolf, também, com a vantagem de mudar de sexo; o Príncipe Pier Francesco Orsini, o corcunda de **Bomarzo**, do romance de Manuel Mujica-Láinez. **Fausto**... A literatura está cheia de personagens que não envelhecem: encontraram a fonte da eterna juventude, preservando a integridade de seu corpo. Mas, o que é mais trágico é que o desencanto das bruxas, encantadas nos corpos de jovens encantadoras, sempre acontece diante do espelho. Rompamos todos os espelhos e arranquemos todos os ponteiros dos relógios!

O corpo é a única realidade de nossa existência.

.....

Os velhos inexoravelmente se apaixonam pelos mais jovens. É o complexo de Lolita. Woody Allen apaixonou-se pela filha adotiva; Michael Jackson está sendo acusado de perverter crianças. Como os antropófagos, há quem acredite que devorar os mais jovens é uma forma de recuperar a própria juventude. "Melhor do que uma de sessenta, são três de vinte". Só que

Woody Allen e Michael Jackson foram mais longe, ao romperem tabús. Incesto e corrupção de menores. Transgressões de preceitos religiosos e convenções sociais. Que, por certo, mudam com o tempo.

Judith tentou explicar-me o que era ser mãe solteira em meados da década de 70, numa sociedade puritana, e numa família judia. Barra pesada. Daí deve vir o seu feminismo. Pai solteiro, pode. Mãe solteira, não!

Na confeitaria, em Old San Juan, ela abriu o seu coração. Falava para si mesma, fascinada com a sua historia de vida. Tão ingênua, desgarrada da família, ao serviço dos Corpos de Paz. Hoje ela não cometeria o mesmo desatino. É óbvio!! Era outra a que se deixou iludir por um homem que se dizia solteiro mas acabou confessando-se casado na hora de assumir a responsabilidade de um filho. É a mesma historia de milhares de outras tantas Judites no lodaçal do machismo, do subdesenvolvimento e da intolerância típicos dos anos 70, que ainda perduram. E na Colômbia não existia a opção legal pelo aborto, nem havia a possibilidade do divórcio, caso ele pretendesse unir-se a ela...

Judith parecia querer justificar o seu desatino, como se confessasse um descaminho, um erro. Que ela assumiu. A família entrou em processo de desespero, sem saber o que fazer diante de um filho "ilegítimo".

Existem filhos ilegítimos? Ou seria ilegais? Tampouco. Apenas filhos, tentei confortá-la.

Ela teve que satisfazer aos pais dizendo ter adotado uma criança pobre nos tristes trópicos. Pelo menos para o resto da família e dos amigos.

.....

A cadela de minha vizinha tem um olho furado e espera que eu a afague sempre que subo as escadas do edifício. É uma cadela desgarrada. Vive do lado de fora. Duas outras cadelas, de raça, vivem do lado de dentro, protegidas pela grade da varanda. A vizinha não quer que as suas cadelas **arianas** procriem promiscuamente.

Chicha é o nome da cadela viralata, de olho furado. Mesmo do lado de fora, em plena liberdade, não sai da porta do apartamento de sua dona. Estranho senso de liberdade Chicha tem... E não deve ser apenas por causa da comida que ela prostra-se o dia inteiro ali, triste e rejeitada, presa a um relacionamento que ela acredita existir com a sua dona. Ora, veja, Chicha é um animal, e todos os animais são apegados por natureza!

## LUA CHEIA E BESTEIROL

Noite de lua cheia. As bruxas estão soltas em toda a ilha boriquenha. Cães ladram e gatos sobem aos tetos, contemplativos e circunspectos. Dizem que as negras ficam mais férteis e as

brancas, momentaneamente estéreis, invertendo as situações com a chegada da mingunte. Lendas, crendices. Os sapos e os grilos ficam alucinados. Os iguanas tornam-se prateados e acesos nos galhos das árvores.

Há assassinatos por ciúmes e as virgens saem desesperadas de seus esconderijos.

Na Bolsa de NY trama-se a queda dos preços das matérias primas para que as nações industrializadas possam comprar mais barato. O resto do mundo que se dane. Guerra é guerra.

Começou uma guerra civil no Brasil, há muito tempo, mas até agora só as seções policiais dos principais jornais registraram o fato. No Caribe também mata-se por um vintém. Por aqui só chegam as notícias dos massacres, infanticídios, das devastações. O ecocídio é a ordem do dia, e só vale para os países que ainda têm índios e florestas. Os nativos continuam dançando, os preços continuam subindo, dizem que haverá - finalmente! - paz no Oriente Médio mas há um gurú garantindo que a indústria de armamentos já conta com a expansão do genocídio balcã e dos somalis. O Papa vai poder catequizar a China e os japoneses acabam de inventar um eletrodoméstico para o alongamento do pênis. Custa só vinte dólares. Advertem para o perigo da propagação da aids, se usado em sessões coletivas. Você está duvidando? Dois cobaias conseguiram dez centímetros mais em dois meses, mas dois morreram eletrocutados. Trabalha pela dinâmica conjugada da massagem e sucção, com o **fringe benefit** de produzir excitação. Até em casos extremos.

Guerra é guerra! A vantagem de viver em uma ilha é que você pode fazer um périplo contínuo. Interminável. E depois suicidar-se no mar, se você não é daqueles que se desesperam e fogem de Cuba ou do Haiti em barcos à deriva. O mar é um cemitério de idealistas. Rota do contrabando e dos turistas albinos. De óculos e câmeras de vídeo.

Em verdade, toda ilha é uma prisão perpétua, cercada de água por todos os lados. E por tubarões. E pela guarda costeira dos Estados Unidos.

Noite de lua cheia. Acho que essa paz e esse recolhimento me levam ao desespero.

.....

Judith anda arisca, inquieta, correndo de um lado para outro, carregando pilhas e pilhas de livros. Parece que leva de manhã para uma sala e traz tudo de volta pela tarde. Montanhas de livros. Exibe-os, circula-os, empilha-os outra vez sob os olhares estupefactos dos alunos. Tristan Tzara, o genial dadaísta, dizia que um bibliotecário é aquele que reduziu todo o conhecimento humano a uma fila de livros em ordem alfabética. Supostamente não são livros de ler. Volumosos, finos, novos e velhos. Livros de ver, de transportar.

**SAUDADE**

"Oh que saudades que eu tenho / da aurora da minha vida / da minha infância querida / que os anos não trazem mais". Ainda bem, meu caro Casemiro de Abreu! Viagens retrospectivas só acontecem em nossa imaginação, e nos álbuns de velhas fotografias e de cartões-postais. E por falar em cartão-postal, o nosso patriotíssimo Olavo Bilac ficou revoltado quando viu os postais à venda no porto de Salvador, Bahia. Negros, casebres e muita velharia. Protestou. "É essa a imagem que vendem do nosso Brasil aos europeus?" (lógico, o mundo civilizado se reduzia à Europa, que é onde se falava predominantemente o francês). Mas a Bahia fica muito longe e eu estava falando de saudades da infância e da terra natal. Por certo, ao olhar-se para todos os lados no Caribe vê-se as palmeiras do Gonçalves Dias. Ou ele estaria falando de babaçu, açaí e bacaba? Sei lá, o certo é que "as aves que aqui gorjeiam, não gorjeiam como lá". Quem sabe? E que dizer das aves migratórias, que cruzam nosso continente, sem necessitar de visto e de passaporte? Gorjeiam lá como aqui, só que o poeta maranhense queria expressar a saudade de sua terra, não é assim? "As aves que aqui..." Mas eu estava falando de cartões-postais. Os daqui são iguais aos de lá: só mostram o que os turistas setentrionais querem ver: praias, frutas tropicais, relíquias coloniais e umas poucas exoticiades. Inclusive negros, para contrariar o Bilac. Exoticidade? Tucano é exótico? Índio é exótico? Tanto é que estão querendo preservá-los em reservas, como se fosse em zoológicos. Lógico, sem grades e sem fossos, e sem safaris. Não sei se Bilac estaria de acordo. Felizmente existem as ONG para defender tudo isso, não é mesmo? Eu estava onde, falando do que? Ah, das migrações. Pois é, brasileiro deixou de ser gregário e lançou-se ao mundo. Aos milhares. Distante da terra, são mais patriotas do que os que ficaram no Brasil. Menos pessimistas. Dormem sonhando com palmeiras e gorjeios. E aguardam cartões-postais. De praias, de tucanos, de negros. Para o imigrante, o Brasil é uma paisagem petrificada, parada no tempo. **Relej, no marques las horas**. Ao regressar, um dia, quem sabe, quer encontrar intacto tudo que deixou prá trás. Como **Doña** Consuelo, que saiu de Cuba. **'Cuando salí de Cuba, dejé mi sueño y mi corazón'**. Drummond, você tinha razão: Itabira é apenas um retrato na parede. E como dói! Governador Valadares também é um quadro na parede. Talvez apenas um tucano, uma palmeira, um negro.

í

## NEGRITUDE

A história da América Latina é a estória do paraíso violado. Colombo descobriu a América para os europeus e jurou ter chegado às Índias. Mas podia estar apenas mentindo para os Reis Católicos, de Espanha, fazendo **marketing**.

A história dos indígenas é triste; a dos negros, igualmente. Brancos, negros e índios foram condenados ao paraíso e descobriram que estavam no inferno. Mas preferiram, como Colombo, acreditar na hipótese do paraíso. **Así es se os parece**.

Mas foi no Haiti que os negros primeiro criaram a sua própria república. Sua utopia maior, seu quilombo libertário.

Sem exagero, os maiores avanços de nossa civilização no século XVIII foram a Independência dos Estados Unidos da América (1776); a Queda da Bastilha (1789) e, em seguida, a Proclamação da República de Haiti (1804). A primeira decretou o início do fim do colonialismo e reconheceu a força da iniciativa privada como fator de desenvolvimento coletivo; a segunda derrubou o absolutismo dos monarcas e permitiu o advento à burguesia, nas auras do enciclopedismo. A saga haitiana foi tudo isso e muito mais: colocou o negro na condição de igual, de livre, de capaz de autodeterminar-se. Antes que o reconhecessem a própria democracia ianque e o igualitarismo francês, de cuja cultura Haiti era apêndice.

Quem quiser os detalhes dessa extraordinária façanha que leia **El siglo de las luces**, do cubano Alejo Carpentier. Vai poder, então, desfrutar do auge do "real maravilhoso" de nossa literatura e constatar que a realidade supera a imaginação.

O Haiti converteu-se depois em um hospício. Não por culpa de seus idealizadores mas pela perversão ou adversidade de um desvio histórico. Ora, a França de Diderot e D'Alembert também caiu no messianismo imperial de Napoleão. O sonho haitiano continua sendo uma das páginas mais esplêndidas da aventura do homem sobre a terra. Mas a tirania, hoje, devora seres humanos e renega seus valores. **Caderno de um retorno à terra natal** é um poema telúrico. Aimé Cesaire abriu as chagas de sua pátria para desvendar, nesses versos vegetais, suas entranhas apodrecidas. Teve que esgarçar o francês para expressar a sua dor, toda a sua negritude. Mas a poesia é sempre libertadora. Enquanto houver poesia, há esperança.

## LEMBRANÇAS DO PASQUIM

Domingo é dia de praia. Judith chegou nervosa:

- Desculpe-me, **I'm late**.

Chegava pontualmente, sempre às nove. Estava transtornada, tivera que recolher Natasha.

- Atrasada?! - exclamei. Por acaso temos hora marcada com Netuno?

Ela nem prestou atenção. Não tem senso de humor. No fundo, estava criticando a jovem e bela Natasha, filha de amigos, pelo atraso. Dez minutos.

Entendi porque ia sempre à mesma praia, no mesmo lugar, no mesmo horário. Lá encontrava Margareth e Sarah, suas únicas amigas, esta última curadora da Casa do Livro, uma instituição dedicada à promoção da leitura, onde crianças vão à hora do conto. Sarah não despe a roupa, mesmo sob o sol mais causticante. Não deixa sequer as pernas e os braços de fora. Natasha,

filha de uma croata e de um norte-americano, beleza eslava, é uma adolescente suave e insinuante.

Os latinos trazem quantidades de comidas para compartilhar; os gringos não trazem coisa alguma e, quando trazem, cada um come o seu, sem oferecer aos demais. É assim, não é bom nem ruim, cada um com os seus costumes.

Anfíbios, ficamos metade do tempo mergulhados no verde claro da água, agora mais agitado e fresco com a aproximação do inverno. Ao longe, chove sobre o mar.

Queira-se ou não, o tema acaba se impondo: o plebiscito em campanha. Sarah defende a fórmula do "deixa-estar-como-está-para-ver-como-é-que-fica" da manutenção do "estado livre associado", uma aberração jurídica; Natasha, portoriquenha de geração mais recente, manifesta-se pela **estadidad**, na conversão da ilha no 51º estado da federação norte-americana; surpreendentemente, Judith prefere a emancipação total de Porto Rico, para que "se tenha cara própria". Não se sabe se os EEUU aceitariam um novo estado com sua língua e símbolos próprios, como se pretende; e há dúvidas sobre a independência sem tutela...

A nação borinquenha sempre esteve atrelada aos interesses coloniais de outras potências.

"Regresso" ao Brasil, pelo mar-oceano, desde minha cadeira de praia, olhando para ao sul. No firmamento, gaivotas errantes e os aviões de carreira. Quem sabe os aviões da Panair...

Já não existe o Pasquim para ler nem a ditadura para se malhar. Não há desculpas para os desacertos. Nem o plebiscito recente ajudou a sair da mesmice. Ganhou o presidencialismo dos fisiologistas. A carta de meu amigo Pedro Mattoso fala da elevação do dólar e da classificação do Brasil para a Copa do Mundo, com os goals de Romário, lavando a alma do povão, no Maracanã, no mesmo estádio em que o mesmo Uruguai derrotou o Brasil na Copa de 1950. Eu estava presente, era um menino, e chorei as dores da nacionalidade humilhada. Pelé, que tinha a minha idade, também chorou lá com seus Três Corações e jurou que ia dar ao Brasil a glória do campeonato. Meu juramento foi mais modesto, quis apenas sobreviver ao holocausto.

Por que o Brasil não ganha mais as copas do mundo se tem os melhores jogadores de futebol do mundo? Exatamente por causa disso. Romário deixou Barcelona às vésperas do jogo e veio para fazer dois goals. Ganhou 50.000 dólares e regressa em seguida. Dizem que futebol é time e time é equipe. O técnico Parreira tem um plano **sistemático** para treinar mas não consegue um entrosamento **sistêmico** em que os jogadores atinjam a máxima performance. Prevalece o individualismo, o estrelismo, para não apelarmos para explicações mais superficiais como "vestir a camisa" e patriotismo. E o Brasil está necessitando desse **esprit-de-corps**, principalmente na equipe de governo, no campo da trégua política. Basta de ser do contra, precisamos ser a favor de alguma coisa, coletivamente. Mas os brasileiros que vivem nos Estados Unidos, menos desunidos e mais patriotas, estão apostando no Tetra, em massa, nas bolsas de palpites. As análises do **News from Brazil**, revista brasileira em território norte-americano, baseadas em metodologias supostamente científicas, garantem que desta vez a taça é nossa. É ver para crer. Também está apostando nos novos rumos da economia e da política no Brasil.

.....

Justo quando Judith **decide** que é hora de partirmos. Ela tem horários pré-estabelecidos e roteiros para tudo e fica atordoada se a rotina não se cumpre. Ela jamais faltaria a um compromisso - a uma aula, a uma reunião, aos serviços da igreja, ou à hora de passear seus cães pulguentos - para gozar a vida, de improviso. Não sei como conseguiu engravidar. É preciso buscar uma explicação nos mistérios de Macondo, nas pragas que assolam o nosso continente sofrido, nas febres e vertigens das zonas equatoriais ou no desconcerto de seu relógio biológico a causa de seu descontrole, de sua salvação. Como dizia D'Annunzio, não viemos ao mundo para salvar-nos mas devemos saber como perder-nos.

Judith ganhou uma mesa artesanal, pintada à mão por um artista insular. A peça - horrenda - estava estorvando a sala de Margareth. Eu fui escalado por Judith para ajudar no transporte do enorme trambolho. Por milagre, coube no carro de Margareth. Com o assento traseiro desmontado tive que dividir o espaço do porta-bagagens com o monstro. Mais difícil foi subir a peça ao último andar do Edifício Puerto Rico, pela escada estreita. Em compensação, fomos convidados para um almoço no restaurante chinês das redondezas. Um exótico prato apimentado, com gengibre. A conta resultou maior do que a mesa transportada. Judith dividiu por três e, assim, pagamos nossa parte do convite. Vivendo e aprendendo.

## VOLVER A LOS DICISIETE

Relógio, devolva-me aquele belo rapaz que escrevia poesia concreta e saía nas passeatas, esguio como um quixote, e fugidio dos valores de seu tempo. Ele vivia no futuro. Era belo e apaixonado pela vida, mas acreditava que a literatura era mais importante do que a própria vida.

Relógio, devolva-me aquele belo rapaz que lia seus versos nos porões da Biblioteca Nacional e que foi-se embora do Brasil em busca de sua outra pátria - a Venezuela. Era belo e sabia que o seu mundo era de muitas pátrias, de muitas gentes e muitas esperanças, e vivia seu próprio futuro.

Quero-o diante de mim. Quero que ele me reconheça e me revele o seu segredo. Perdeu-se de mim, sem dar-me a chave de sua sabedoria. Ando buscando-o pelos caminhos andados, relendo seus pensamentos, mas já sou outro. Quero beijá-lo e liberar-me dele, para buscar meu próprio futuro.

Vim buscá-lo em Porto Rico. aqui estive, quando eu tinha 31 anos. Quiseram impedir a viagem, problemas consulares. Aqui apresentavam a sua obra **Tu país esta feliz**. Levaram-no do aeroporto ao teatro e chegou a tempo para subir ao palco, depois da função, aturdido pelos aplausos e enfeitado pelas próprias palavras, e proclamou a independência de Porto Rico. **Puerto Rico es latinoamerica!** Seguiu-se uma ovação, mas ele foi tragado depois pelo furacão.

Hoje está diante de si mesmo, frente ao espelho, com um relógio na mão. Podia ser uma bomba, mas é apenas um poema. É a hora de seu reencontro, como Narciso, debruçado sobre a fonte. Liberto, sem remorsos. Estamos no ano de 1993. Há 500 anos que Porto Rico foi descoberto e desde então é uma colônia; o Brasil é independente mas não sabe cultivar a liberdade. Outros jovens continuam deixando a sua terra, numa diáspora dilacerante. Paus-de-arara das galáxias. Reconheço-me neles, nordestinos de todas as partes do Brasil, alargando as fronteiras de sua existência. Pátria maior. Pátria amada, idolatrada.

### PICASSO: “YO NO BUSCO, YO ENCUENTRO”

"Para los míseros mortales  
el mejor día de la vida  
se escapa primero".

Virgílio

"?Y quién duda de que el mejor día huye primero  
para los mortales míseros, es decir, frívolamente  
ocupados?"

Séneca

Os dias enfileiram-se entre palmeiras e crotons, no percurso entre a residência e a universidade. Os vizinhos começam a ter caras familiares, os guardas já me reconhecem e até os cães parecem acostumados com meu semblante. Discos, livros, objetos novos povoam a intimidade do meu apartamento e de minha sala de trabalho.

Milagros tem-se esforçado para que eu conheça aspectos culturais da vida borinquenha. Ela é fragil e delicada, inteligente, refinada. Faz pesquisas na área psicossocial e **malhamos** juntos nas sessões de ginástica de Vicente. Melhor seria dizer **camiseteamos**. O percurso é sempre o mesmo, passando pela torre da universidade, várias voltas pela **plaza** interior (plantas trepadeiras quase escondem as árvores e há uma umidade abafada no ar) e o contorno da **glorieta**, uma espécie de coreto aberto, antes de regressarmos ao patio do centro estudantil, para os exercícios finais. Milagros aproveita a caminhada para dar-me lições de **puertorriqueñidad**. E traz livros para que eu leia, e vem buscar-me depois, em seu carro, para irmos a concertos, ao teatro, a exposições, a lugares menos vulgares que os que dominam o casco urbano de Rio Piedras.

Minha pressão arterial baixou um pouco, sinto-me mais relaxado. Até o calor parece ter diminuído com o vento (**moderato**) do início de um inverno que é apenas uma nuance do eterno verão tropical caribenho.

Não sei a idade de Milagros nem ousaria perguntar mas ela é leve, grácil e juvenil em seus **ademanes**, mas um tanto formal e reservada.

.....

Judith anda irascível. Nervosa, angustiada com seus compromissos. Não raras vezes, rude. Carrega uma mochila nas costas, como se fosse um jabuti. Talvez um jabuti-ninja, dando patadas no ar. Outras vezes reage como uma criança enciumada. Egoísta. É capaz de ser generosa pela manhã e mesquinha pela tarde. Começo a rever: ela não é tímida, parece encurralada, defendendo-se. Impaciente. O tempo é só dela. Acostumada à solidão, dá mostras de desespero. Tenta atrair-me para os seus programas mas jamais faz consultas ou troca idéias. Ela decide, a priori, aonde ir, qual o trajeto e a que horas regressar. Parece desejosa de regressar logo à sua solidão e aos seus cães fedorentos. Mas tenta sempre comprometer um novo encontro, desde que seja numa programação rotineira. Nunca estaria disposta a seguir uma sugestão alheia, a sair sem destino e sem horário. Como diria Picasso, "encontrar sem buscar", de improviso, pelo simples acontecer. Perambular, perscrutar. Mas, imbuído desta carcaça de jabuti condicionado está uma alma que vibra com a vida simples, com a beleza de uma boa leitura e é criativa e versátil em sua superlotada cozinha. Para ela as livrarias são catedrais votivas que ela entra com os pés descalços e a pele sensível, as narinas aguçadas, as mãos ansiosas e os olhos ávidos e descobridores dos insondáveis prazeres da existência. Ela continua sendo um mistério, um paradoxo.

## CUBA COR-DE-ROSA

**"Cuando salí de Cuba  
dejé enterrado mi corazón.."**

Uma revista de Miami garante que os cubanos no exílio já estão com uma garrafa de champanha na geladeira, na certeza de que em breve vão poder brindar à queda de Fidel Castro. Estão comemorando a pior safra da história na Ilha, o terrível racionamento de gasolina, de luz elétrica, de comida e o fechamento de indústrias depois do fim da União Soviética e o endurecimento do bloqueio estadunidense (causa de muitos males da economia cubana) que já dura mais de trinta anos. Só falta que um ciclone arrase tudo de uma vez; ou uma guerra civil, que tanto desejam!

Pablo Milanés, antevendo a crise, já canta "**Aqui me quedaré**". Uma canção emblemática, cheia de disfarces. Como diante de um sonho que se avizinha de um pesadelo:

**"Yo me quedo con todas esas cosas  
que hoy lucen más hermosas,  
sin traicionar mi fé."**

.....

La Habana é uma estação retrocedida no tempo. Um certo ar **demodé**, suave, tranqüilo, devagar. Pelo **malecón** circula a eterna sensualidade de sua gente morena. Lá no fundo estão os edifícios-reíquias do domínio colonial, aqui em Vedado, onde começa a calçada da avenida costeira, os prédios arruinados são vestígios de sua burguesia extraditada. Como de castigo, de joelhos frente ao mar, os edifícios mostram -se sujos e envelhecidos. Envergonhados.

Eu passeava o meu estranhamento, lançando olhares ao infinito azul do mar. A tarde resplandecia sobre a curva do horizonte. Raros automóveis circulavam naquele domingo de descobrimentos e perguntas sem respostas. Cuba é uma fantasia protegida da contaminação enlouquecida do consumismo e do desenvolvimentismo. Valores bizarros amalgamam sua solidariedade, sua teimosa resistência.

Mas foi um jovem universitário que desafiou as minhas simpatias. Seguiu-me pelo **malecón** como a desafiar as minhas convicções. Era alto e belo, com fartas e claras vestes juvenis, branco, apolíneo, passeando sua juventude como um trunfo e uma forma de agressão. Roupas finas em contraste com a modéstia franciscana dos paisanos. Queria polemizar. Para ele Pablo Milanés e Chico Buarque eram figuras **oficiais** do regime, ele abominava. Podiam ser ótimos, mas não prestavam. Representavam sua desesperança, seu confinamento. Seu irmão havia morrido afogado no adernamento de um barco tosco e suicida, prófugo, buscando um porto em ultramar. Ele queria ir-se também e preferia a companhia dos turistas ao fanatismo de alguns companheiros de faculdade, resistentes e renitentes marxistas. Para ele, apenas uns machistas, intolerantes, **enceguecidos** pela idolatria.

Aos poucos fui-me deixando seduzir por sua verbosidade eloqüente, por seu destempero. Sabia que aquelas roupas deixavam-no vulnerável, classificavam-no como um alienado, que ele assumia com alguma estoicidade. Praticava o mercado negro do dólar para patrocinar o seu ingresso na sociedade de consumo.

Mostrou-me o vazio das lojas. Sua mãe vivia num apartamento compartilhado com outra família e não tinham bom relacionamento com os camaradas como para conseguir uma lata de tinta para pintar as paredes engorduradas. Estava proibido levar visitas ali. Uma convenção envergonhada estaria querendo encobrir as suas vicissitudes.

Não deixava espaço para outros argumentos. Parecia adivinhar minhas defesas e esgrimia suas convicções. Concordava que ser um estudante de medicina era um privilégio, reconhecia os progressos do setor de saúde em seu país, mas nada disso parecia causar-lhe orgulho. Queria viver a sua vida, à sua maneira. Sentia-se castrado, cerceado, confinado às convicções alheias. Queria que eu comesse em sua casa, mas não haveria o que oferecer. Não havia tampouco lugar nos poucos restaurantes públicos, e ele não tinha acesso aos restaurantes mais sofisticados porque não usava **guayabera de manga larga**. Espantosa discriminação! E não entrava nos táxis, que estavam reservados aos turistas. Não podia ir aos restaurantes dos hotéis de luxo porque os cubanos atendentes iriam olhá-lo com censura e recriminação. Acabamos com umas latas de cerveja deitados na grama do jardim, onde muitos casais, indiferentes, devoravam-se ruidosamente. Ele sonhava, olhando o firmamento. Buscava estrelas errantes onde só havia estrelas fixas. Queria saber as liberdades que os jovens de minha terra distante podiam desfrutar. Eu era um pombo correio prestes a voar de volta.

Ao despedir-se de mim, pediu desculpas por fazer-me uma última pergunta. Estava um tanto constrangido. Levou-me a um lugar mais apartado. Buscava as palavras com cuidado, como confessando um pecado, contornando. Era apenas uma curiosidade. Queria saber se um jovem como ele, belo como ele, cheio de vida e de ânsias de viver, poderia, no Brasil ou em Nova Iorque, beijar-se na boca de um outro homem, sem sentir vergonha de si mesmo, sem ser recriminado e perseguido.

Ficou com um sabor amargo em sua boca ao saber que não era menor o preconceito lá do que aqui, com a única diferença de ser a perseguição menos ostensiva. Senti igual amargura em minha boca por não ter mentido, por não alimentar sua esperança.

## MAIS QUE NADA

**"detiene el tiempo en tus manos,  
hace esta noche perpetua  
para que nunca te olvides de mi".**

Marcamos um encontro numa **fuelle de soda** em Caracas, no bairro de Los Chaguaramos. Apenas um bar como qualquer outro, fechado com grades de ferro para evitar o trânsito de moleques de rua ou de pedintes inoportunos. Bebia-se rum ou uísque com coca-cola nas mesas vizinhas e um rádio escondido tocava "Mais que nada", de Jorge Bem, numa versão americanizada do Sérgio Mendes. Vinha mais luz dos postes próximos do que havia no interior; as vozes misturavam-se ao barulho dos automóveis.

Antes estive caminhando pelas ruas adjacentes, por detrás da igreja de São Pedro. Diante do Edifício Eden olhei para o alto, ao terceiro andar e senti um estremecimento, um calafrio que quase me levou ao desmaio. Como diante da morte, o coração precipitou-se em um abismo insondável, parando o relógio do tempo. Lá estava eu. Olhando-me. Era um estudante universitário, que havia deixado o Brasil e alugara um quarto de pensão. No **'Edifício Eden, 3er. piso, apto. 15'**. Um tanto triste. Do horror passei à sensação do desconforto, da intranqüilidade. Apressei o passo, trôpego, como sem equilíbrio e fôlego. De longe, antes de dobrar a esquina, olhei de soslaio. Gelou-me uma mirada derradeira, penetrante e irônica, rindo de mim, caricatura de mim mesmo. Que inútil é a vida! Tão insignificante, tão frágil, tão cheia de covardias! Eu, que passei a vida inteira endeusando aquele jovem talentoso e cheio de planos e iniciativas que fui, percebi a sua espantosa limitação e ele riu-se de mim, da minha incapacidade de realizar os seus sonhos e os seus projetos de vida. Renunciei àqueles projetos e, em seu lugar, deixei apenas desconfianças e esmorecimentos, na certeza de que uma única vida não seria suficiente para realizar o que aquele jovem sonhara, que acabara sendo um arremedo, tornando-me um conformado, disfarçado de rebelde. Mas ele desmascarou a minha mentira e sorriu com escárnio. Cheguei à conclusão derrotista de que a vida é feita de oportunidades - perdidas ou não - e que somos forjados ao seu capricho e azar. Estou, logo sou.

Então percebi, no bar, que o retrocesso no tempo fora um armadilha da música rediviva do Sérgio Mendes e seu **Brazil 66**, com seu recorrente som bossanovista. Diante de mim postou-se meu amigo Ronald. Tinha os olhos amendoados como os de minha mãe e ainda conservava a figura de um jogador de futebol, o corpo aprumado sobre os ombros e quadris resistentes, mas a cabeça já revelava uma calvície emergente, corroendo-lhe a juventude, aquela imagem de um tempo em que fomos como irmãos xifópagos, gêmeos de vontades e aventuras, inseparáveis na hora do estudo e das idas às praias caribenhas, que ele imaginava serem as do Brasil e eu as descobria como terras novas, e tomava posse delas com toda a ânsia e o fervor dos meus vinte e tantos anos, e mergulhávamos e vínhamos à tona como se fosse em uma taça de champanha, e, diante um do outro, bebemos até ficarmos inteiramente ébrios para recordar toda aquela felicidade, e nos perdemos para sempre no emaranhado selvagem e impreciso das palavras, buscando nas memórias as verdades de nossa existência como pesca/dores desesperados e sem anzol, apenas movidos pela emoção de nosso reencontro. Lamentamos a distância intransponível daqueles momentos, na certeza de uma perda definitiva de nós mesmos. Chorei.

O certo é que não vejo Ronald desde que nos despedimos há mais de vinte anos marcando um encontro no futuro que nunca aconteceu e agora, tiritando como se estivesse bêbedo, recordo-o no bar em que estivemos hoje, minhas amigas Milagros, Gloria e eu. Não exatamente à hora que estávamos bebendo e comendo, sem pressa, adernados depois dos exercícios de ginástica do Vicente, trocando idéias, tentando conhecer-nos melhor, falando um pouco de nós mesmos e de nossas experiências como é freqüente entre as amizades novas, senão agora, na quietude e na solidão em que rumino estas lembranças, divagando por épocas distantes e passadas de minha vida, para constatar que convivo com os meus fantasmas e que dialogo seguidamente com eles.

## NAVIO DE PAPEL

Um navio imenso da Cunard se despede com um apito que estremece e aperta o coração. Passa pela baía de San Juan como um descomunal paquiderme, de cores vivazes, ao largo das muralhas e do farol de El Morro. Afastando-se lentamente. Vai reduzindo-se até desaparecer no horizonte como um brinquedo perdido. Que pungente e comovente é o apito de um navio! As luzes declinantes da tarde ofuscam e intimidam.

Nunca esquecerei a primeira viagem de navio. Era uma criança de sete anos e o **ita** em que viemos de São Luís para o Rio de Janeiro pareceu-me uma enormidade! Ao lado destes fabulosos hotéis flutuantes do Caribe seria apenas um monte de ferro velho deslocando-se preguiçosamente pela costa leste do Brasil... Mas eu era pequeno e o deslumbramento foi tão extraordinário como deve ter sido a descoberta do gelo para Aureliano Buendia. Em alto mar eu cheguei ao êxtase e escrevi meus primeiros versos.

A memória é cruel ao apagar os detalhes. Não enjoei, como outras crianças a bordo. Acordava cedo e dormia tarde. A lua sobre o mar causou-me um fascínio à parte. E que dizer do sol afogando-se no mar, em brasa? E os golfinhos saltitantes?

Meu amigo Antonio Giacomelli passou toda sua vida a ver navios em sua imensa coleção de cartões-postais. São quase vinte mil e conhece a história de cada um desses gigantes marinhos, sob que bandeiras navegaram, que reformas sofreram, quais foram afundados em períodos de guerra ou em desastres memoráveis. O mar é um cemitério de navios! E é no Caribe o paraíso dos cruzeiros milionários, das rotas românticas aos portos dos corsários ingleses e batavos, às praias legendárias, ao encontro de culturas mestiças e afrodisíacas (mais afro que dionisíacas).

As praias são um capítulo à parte! Praia Colorada, na Venezuela; Santa Marta, na Colômbia. São tantas! As que mais me impressionaram foram as de Aruba. Fascinou-me aquele caldo de culturas, uma arquitetura tão insólita e aquelas praias argêntas em que se destacam árvores dividivi crescendo na direção dos ventos... Que caprichosa e surpreendente é a natureza! É possível que eu volte por lá, em breve, mas não deve ser mais aquela quietude que conheci no fim da década de 60. Aquela simplicidade, aquele desterro deve ter dado lugar a um **resort** sofisticado, com máquinas caça-níqueis e zona franca para a fantasia consumista. É assim.

.....

Desenhava navios voadores e como tapetes aéreos singrava espaços dantes nunca jamais em tempo algum navegados. O escritor é um ser plural capaz de transferir às palavras o outro lado da vida, habitar terras estranhas e infinitas, às quais chega em seu navio solitário, porque é sempre solitário o ofício da escritura desde o começo do mundo. Escrever é tomar posse das coisas, penetrar até o fundo do abismo com o coração dilacerado e as mãos cúmplices de arrebatamentos e desencantos. Senão, seria banal.

Um navio é apenas um navio, mas ele fui e flutua no universo fátuo das palavras, e faz as circunvalações impossíveis em torno das palavras. O navio deixa de ser um navio para ser o navio, naquele mar que não é apenas mar, que desaparece na linha do horizonte que é todos os horizontes na pluralidade das percepções. Ah, o navio! Sobre o mar do Caribe que é o azul de Pancetti, sob um sol que é redondo na acepção anárquica do Miró, que singra em linhas verticais, sobre cristais, num cinetismo que só existe nas esculturas de Cruz-Diez. Um navio-brinquedo, um navio cartaz, um navio-navio, de papel celofane e estrelas de purpurina sobre cartolina.

Giacomelli viaja em seus navios de cartão, ancorados em portos estáticos e em tempos todos presentes, em seus olhos juvenis. Porque, como disse Caetano Veloso, **"na frente do artista / O tempo não para / E no entanto ele nunca envelhece"**. Elysio Belchior é outra criança colecionando postais, tirando-os de caixas mágicas e montando paisagens infinitas que começam na baía de Guanabara, sobem o Himalaia e despencam nas profundezas do Salto Angel. Milton Nocetti guarda em casa um zoológico em que convivem animais extintos e imaginários, uma fauna universal petrificada desde o paleolítico até os dias atuais, que ele anima em sua imaginação criadora. E dos álbuns de Yolanda Roberto saem mulheres e marinheiros, famílias reais e edifícios já demolidos pela insânia dos homens, mas ela os

conserva em estado de graça, como pérolas caçadas no tempo primeiro e definitivo das coisas e das pessoas. **Uma força estranha!**

**"Eu vi o menino correndo / Eu vi o tempo correndo ao redor / Do caminho daquele menino"**: Caetano de todos os mares e de todos os portos. Eu menino no convés de um navio pescando palavras no mar. Palavras paradas no tempo. **Relej, no marques las horas, haz esta noche perpetua, para que nunca te olvides de mí"** diante desse imenso navio em direção ao ontem e ao sempre, no milagre das palavras:

NAVIO

NAVI

NAV

NA

N

.

## VIDA E LITERATURA

**"ya escuché decir que hacer o leer poesia es perder el tiempo. Como hacer el amor. Como beber con amigos. En fin, vivir es una perdida de tiempo." Guillermo Piernes**

O ócio parece ser um incentivo à literatura... Não sei exatamente se leva à produção de relatos intimistas ou ao esforço descritivo, à tentativa de desvendar os mistérios do cotidiano e do universo imediato das pessoas. Literatura frente ao espelho ou derivativa da contemplação mesmada. Ou levaria à uma viagem regressiva no tempo, **a la recherche du temp perdu ?**

Não se trata de provar uma hipótese mas de ressaltar as evidências. Em casa de Margareth Melcher, a suave e discreta editora, estavam alguns desses escritores descritivos de sua paisagem imediata, estrangeiros curiosos das circunstâncias e das imagens circundantes. Uma ilha deixa de ser uma ilha para ser a ilha de nossa experiência singular, objeto de um estudo reiterativo, participante, em algo particularizado e ressaltante. Elizabeth Langhorne escreveu a história de Vieques, a ilha em que passou memoráveis temporadas tropicais, onde mantém uma casa para retiros programados, segundo ela cada vez mais curtos mas sempre carregados de significados e fantasias.

Outro que escreveu sobre Vieques é o botânico George R. Proctor, este com uma visão mais científica das plantas rasteiras da região.

**- En que se diferencian los helechos de la isla de Puerto Rico de los helechos de Vieques?**

A curiosidade ressaltava da obra **Ferns of Puerto Rico and the Virgin Islands**, por ele publicada há pouco tempo, que fez circular entre os convidados do chá das cinco de Margareth.

**- No difference at all. Maybe in Culebra you can find something more peculiar, I'm not sure.**

Seja como for, estava com um livro pronto para editar em que aproveitava parte das gravuras do livro anterior e revelava, senão espetaculares descobertas botânicas, pelo menos fotografias originais e algumas peculiaridades ecológicas de Vieques.

A enorme sala da casa tradicional de Margareth, em Old San Juan, reunia sobretudo amigos norte-americanos dedicados ao ofício de escrever. Eu era uma exceção, uma curiosidade sul-americana mas eles acabaram interessando-se mais pela realidade das Antilhas, do prazer e luz dos trópicos, pela simplicidade e primitivismo em risco de destruição. Imagens recolhidas logo em poemas, em biografias, em pesquisas históricas, em pinturas e fotografias.

Havia também queijos e saladas frias, o chá com leite à inglesa e a paisagem serena da baía vista do terraço, ao qual se chegava por uma escada íngreme de madeira até ao teto do sobrado.

Há tempos não saía com Judith. Desde que enturmei-me com Milagros, Gloria e Sonia e saímos em uma frenética e intensa programação pela cidade e caminhos da ilha. Festivais de cinema, passeios ao litoral - a Dorado, a Mayaguez, a Boquerón -, aos bares e **fastfoods**, às sessões de música popular, sobretudo de **plenas** e merengues, promovidos pelos independentistas. Os porto-riquenhos de nível universitário parecem sempre preocupados em reafirmar sua identidade latino-americana e são gentis, comunicativos, afetuosos.

A paisagem da ilha, que parecia estranha e **ajena** começa a ser familiar. No trajeto do ônibus - Judith nunca vai de carro ao centro - já é possível reconhecer as paredes e muros de Rio Piedras, as pontes, as vidraças pós-modernistas dos novos edifícios bancários de Hato Rey, os grandes hotéis do Condado, à direita, e as construções mais antigas do centro histórico. **Old San Juan** é sempre uma festa para os olhos: suas ruas estreitas, as muitas lojas e relíquias históricas, o prosaico **Paseo de la Princesa** que se estende entre o mar e as muralhas e, lá

em baixo, a vastidão da baía e do porto (com os eternos navios do Giacomelli) e, à noite, as luzes da outra banda, nas imediações de Cataño, para onde se deslocam ferris preguiçosos.

Judith anda queixosa, expressa sem reservas seu abandono, simboliza sua desolação no trato ostensivo e obsessivo de seus cães de companhia. Mas está por chegar o filho, que vem para o recesso de Ação de Graças. Ele odeia Puerto Rico, nega e renega sua ascendência latina. Tinha problemas no colégio, não queria falar espanhol. Hoje vive em um colégio em Massachussetts, sob o patrocínio da avó. Judith sente-se melhor assim, entregue a si mesma, vivendo o seu mundo peculiar, um tanto solitária mas com o contraponto do trabalho, que é uma forma de apoio, de ponte com o mundo exterior.

Foi quando lhe falei da iminente vinda de minha amiga Leila Mercadante. Espécie de irmã espiritual, cheia de vida e disposta sempre às viagens, aos bons livros, aos restaurantes e teatros. Expressei na descrição de minha amiga todo o meu carinho e minha saudade do Brasil.

- Eu também gosto de livros e adoro música - foi o que disse, como que reclamando um pouco de atenção.

De regresso ao apartamento sinto falta da cadela do olho furado. Desapareceu há mais de uma semana, talvez escoraçada pelos donos. Apago a luz para que os meus fantasmas habitem o espaço com desenvoltura e mergulho no mutismo de minha própria solidão.

## **AMÉRICA LATINA NO PORTARETRATOS**

O melhor está sempre mais adiante. Em outro lugar. Aqui é o lugar da tristeza, da desgraça - acabemos de uma vez por todas com o falso mito de que somos um povo carnavalesco e feliz (carnavalesco porque buscamos a felicidade por atacado). Coletivamente. No varejo, busca-se culpados, não se busca explicação. América Latina é o espólio, a chaga atormentada. Há quem fale em nome de todos mas é no isolamento que forjamos as desigualdades. É como se todos fôssemos inquilinos, forasteiros, estrangeiros em nossa própria terra. Por isso cultuamos as tradições que não são nossas, as origens que são dos outros e estamos envergonhados dos crimes que, pela propagação da fé e da civilização, cometeram em nosso nome. Mortificamo-nos eternamente pelo extermínio de índios e pela escravidão dos negros, mas continuamos exterminando índios e discriminando negros. Nossa vergonha é atávica, não é telúrica, é uma dívida histórica e alivia-nos a mentira de nossos cronistas e políticos. Somos os invasores destas praias e destas selvas, depredadores do paraíso, ou seus descendentes. Dá na mesma e não nos perdoamos. Quando vislumbramos a África em nosso continente é porque somos europeus; quando descobrimos o esplendor da Europa em nossas relíquias, é porque somos negros e índios assumidos. Não apenas estamos sem sermos, como somos os outros e nunca nós mesmos, cafuzos e mulatos, mestiços de toda e vária combinação. Naquilo que somos iguais buscamos a nossa diferença, nossa identidade.

Meu amigo Mariano Maura Sardó pergunta-me todos os dias, ao almoço, qual é o caminho. Ele acha que eu sei. Eu vim de longe. Mas também estou buscando. E está sempre mais adiante a resposta.

Amanhã será.  
Hoje, não,  
hoje estou muito ocupado,  
verdadeiramente muito ocupado,  
pensando no amanhã.

Assim proclamava o Jesus-Cristo-Revolucionário-Latino-Americano de minha peça teatral **Jesucristo Astronauta; autosacramental sobre lo profano y lo divino**. Isso foi há vinte anos e não sei se entenderam minha mensagem. Ou eu é que não soube efetivamente proclamá-la. E acreditava ter uma mensagem para transmitir, estava convencido de alguma verdade que eu queria comunicar. Hoje, como Diógenes, apenas busco uma verdade que está mais adiante, como está mais adiante o melhor. E milhões de outros diógenes estão migrando o tempo todo. América Latina é um rio humano em movimento. Uma terra de nômades, de desterrados, carregando as mesmas culpas atávicas.

Em **Vidas Paralelas**, o cineasta cubano Pastor Vega revelou a perplexidade desse moto contínuo, como em círculo. Os cubanos de Cuba querem ir-se, os de fora querem voltar. E quem viu o filme percebeu a única verdade expressa todo o tempo: o movimento. Não sei se o autor estava consciente, mas ele fez uma ode ao movimento, com gente fervilhando, movendo-se, indo de um lado para outro como que impulsionados por uma dinâmica qualquer. É possível chegar-se a uma moral da história, nada edificante: que o cubano é um paranóico, um desequilibrado em movimento perene, que só existe em translação. Ou pior: que a vida dele é a mesma merda sempre, no socialismo ou no capitalismo. Comprando sem ter com que ou querendo gastar sem poder.

Não é essa, certamente, a resposta que meu amigo Maura está buscando. Parece ter chegado à conclusão, como sugere Alejo Carpentier, de que somos pródigos em denunciar e incapazes para solucionar problemas. Se não há problemas, inventamos.

Saltamos do barroco para o pós-moderno e caímos no abismo das ideologias redentoristas, em que não mais acreditamos. Buscamos novas fórmulas e alquimias de laboratório político mas só encontramos verdades estéticas e convicções poéticas. Por isso ainda não chegamos à crise definitiva de nossa existência como povo transladado. Por isso continuamos migrando, continuamos buscando. Enfim, o melhor está sempre mais adiante.

.....

Enquanto isso, no México, tenta-se uma integração econômica com os Estados Unidos como um mal necessário. Em Porto Rico, alguns querem acabar com isso, antes de serem definitivamente descaracterizados. Os Estados Unidos têm horror à identidade dos povos que compõem a sua federação **melting pot**. Salada de frutas. Melhor seria dizer: vitamina de tudo, **merengada**. X-tudo. Todos podem ser diferentes numa democracia, desde que sejam todos iguais. **It's the American Way of life**. Sartre disse que isso era a **tradição do novo**. Haveria

que destruir, para construir. Sartre era um observador europeu, e na Europa cada povo quer ser nação, mesmo na contradição de uma **comunidade européia**. Comunidade de desiguais.

Ou teria sido o nacionalismo que afundou o comunismo?

Que aconteceria a Porto Rico, por hipótese, se conquistasse a independência? Esta é uma resposta que ninguém está buscando, até porque parecem conhecê-la no porta-retratos. **Ser** latino-americano mas **estar** norte-americano, eis a questão. Ou então simplificar definitivamente o problema, e acabar de uma vez por todas com essa mania de dialética latina, superar a diatribe **ser - estar** e proclamar, em linguagem mais universal e realista, a solução definitiva do problema (que é sempre o início de um novo problema):

### **To be or not to be American?!**

Nós, brasileiros, carnavalescos de todas as gerações, proclamaremos nossa independência de forma mais anárquica, mais no âmbito do real-maravilhoso, no melhor estilo **oswaldiano**:

### **Tupy or not tupy?**

E a **via** continua.

## **LA GUAGUA AEREA**

A solução está mais adiante. Existem caminhos de ir, não existem caminhos de chegar. O caminho dos porto-riquenhos leva a Nova Iorque. Vão de avião mas psicologicamente continuam no ônibus, na **guagua aerea**. E não se sabe se chegam a lugar algum. A dúvida é do autor do roteiro do filme **La Guagua Aerea**, baseada nos contos de Luis Rafael Sanchez. Apenas uma questão de movimento, não de mudança. Via ponte aérea, o problema é que muda de lugar. Ele viajariam com suas debilidades, sua ineficiência, sua falta de objetividade, na esperança de que lá fora, no novo regime, serem submetidos a um novo processo de produção e de acumulação de riquezas. Há quem duvide. Outra personagem afirma que eles vão ficar metidos no pântano das atividades secundárias, da mão de obra barata, sujeitos à exploração capitalista e à discriminação.

Era assim no início da década de 60, continua assim na década de 90. Cidadania de segunda classe, embora os mais otimistas falem agora da imigração também de técnicos e profissionais - o **brain drain**. Não exportamos apenas pobres. Mas as elites já sabiam o caminho norte, abrindo passo aos profissionais. Outra vez América Latina no porta-retratos. Os porto-riquenhos podem ver-nos em fotografia ou em movimento, de corpo inteiro. Mambembes fugindo do circo, por falta de pão.

Brasil é a **terra do futuro**, já dizia Stephan Zweig. América Latina é o porvir. Hoje somos uma legião de povos em translação, em mutação, em movimento, atraídos pelo imã do norte ou em estado de ebulição constante.

América Latina é também a terra da promessa, da esperança.

Amanhã será. Hoje estamos muitos ocupados, pensando no amanhã.

Intelectuais, líderes sindicais e políticos acreditam no amanhã mas não acreditam no presente. O amanhã é que é, está mais adiante, onde tudo é melhor, onde tudo pode, onde vai ter, onde vai estar e poderá ser, sem medo de ser feliz.

As esquerdas estão sempre entrincheiradas na oposição. É mais fácil unir-se nas críticas do que em torno de soluções. Apela sempre para a razão, em nome do ideal e da utopia; as direitas falam aos sentimentos populares por via do pragmatismo e dos preconceitos. Pode crer. As elites conservadoras sempre preferiram perder os anéis a perderem os dedos; os esquerdistas sempre preferiram perder a cabeça. Ou tudo ou nada!

Preferimos o discurso à ação. Em movimento, nunca em ação.

Nossos governos sempre são repudiados e contestados por todos. A esperança está sempre no próximo governo. Estranha visão de futuro! Só há verdades e soluções na oposição. **Si hay gobierno soy contra.**

Para não falar na tese do **quanto-pior-melhor**. Melhor é mais adiante. Pior é mais embaixo. A situação só tem defeitos, a oposição só tem razões, razões que a própria razão desconhece... Estranho maniqueísmo, fruto de nossa cultura católica e apostólica!

Seria uma situação igual a essa que teria levado Lênin a queixar-se da doença infantil do esquerdismo?

Pior é que as idéias **deles** os unem e as **nossas** idéias nos dividem... Estranha dicotomia! E, como resultado, adiamos os nossos sonhos e projetos. O melhor está mais adiante.

Se o Estado está contra nós, a Nação que somos busca uma saída. Até agora a melhor saída continua sendo o aeroporto. **La guagua aerea.** Varar as fronteiras, por terra ou à deriva nas águas do Caribe!

A gente vive na América Latina mas consome no Primeiro Mundo. Mais adiante. Lá é que é. Aqui não é, não dá pé. O barco está afundando. Dos porões dos regimes saem presos políticos e empresários corruptos. E os miseráveis, que já são a maioria.

Antes éramos o quintal em que se plantando tudo dava. Plantavam banana e levavam ouro. Até que começou a diáspora definitiva. Hordas puseram-se em movimento, na direção norte. Chicanos e porto-riquenhos, centro-americanos e todos os demais. É a lei de Malthus.

Os Estados Unidos e a Europa, como Midas do colonialismo, transformaram miséria alheia em fonte de riquezas. Nós acumulamos problemas e continuamos inventando novos!

Parece que foi Fidel Castro, o eterno comandante, que começou a deportar o lumpem, depois de expulsar as elites. Doentes, pederastas, dissidentes. Não há lugar para a oposição em nosso continente. Milhões vão tentar o mesmo caminho, enquanto houver por lá uma ilusão e aqui medrar a desesperança.

Os ianques tinham medo de que a sua população negra crescesse e demandasse direitos civis e oportunidades. Foi o que aconteceu. Agora, brancos e negros norte-americanos estão apavorados com a chegada das marabuntas latinas. E inventaram uma nova raça - a latina. Brancos, negros e mulatos, oriundo do triste sul, agora são **latinos**. Devorando seus empregos, suas oportunidades.

À noite tive um pesadelo. Acordei no meio da noite com o pavor estampado no rosto. No rosto dos norte-americanos, não no meu. Mr. Rodriguez foi eleito Presidente dos Estados Unidos da América. Os Smiths começaram a emigrar para o sul, no dia do **Thanksgiving Day**, buscando uma terra nova.

## CAP DE MAR

Ramón está apaixonado por Gloria e o assédio é feito nas sessões de ginástica. Trota ao lado dela, enquanto caminhamos pela praça interna do edifício central da Universidade. Ela ri e não lhe dá muita atenção. Mas ele, apesar de tímido, insiste.

Milagros, Sonia e eu inferizamos a vida dela nas horas em que saímos juntos. Gloria ri, não leva a sério.

À principio ele falava comigo. Depois, à medida que foi percebendo que eu era o preferido e ele o preterido, passou a lançar-me olhos de ciúme e raiva. Deve angustiar-se ao ver-me sair no carro de uma delas, depois dos exercícios.

- Tu não sabes o que é um porto-riquenho ciumento! - advertiu-me Milagros, em tom de gracejo.

Para dar curso ao jogo, uma vez falei para Gloria, na fila de um cinema da **Plaza de las Americas**:

- Não olhe para trás... Ramón está ali, observando-nos...

Ela sorriu mais uma vez e concluiu:

- Que nada, ele não tem jeito de quem vem a um festival de cinema...

Eu completei, com sarcasmo:

- Pois, cuide-se. Vai acabar convidando-a para ir a uma rinha de galos.

.....

A família de Gloria tem propriedades em Cap de Mar, frente ao Atlântico. Uma praia minúscula, de areias amareladas e grossas, no fundo de uma pequena baía cercada por penhascos. As ondas violentas passam sobre arrecifes esculpidos pela erosão, formando figuras bizarras e se chocam contra os rochedos. De verde passam a azul e terminam brancas e espumantes, galgando as escadas das falésias. O vento do mar passa por debaixo, por um túnel natural e sai por um buraco, onde se refugiam os caranguejos. As encostas são abruptas e a vegetação rasteira fixa o resto de dunas nas margens do caminho.

Da casa dos pais de Gloria descortina-se a prainha, lá em baixo. Poucas casas, algumas de madeira, construídas sobre pilotis de cimento, distribuídas pelas encostas. Algumas rústicas, outras mais sofisticadas.

Entra-se na água tibia e, a escassos metros, já se sente faltar chão aos pés. As ondas castigam com força. Água muito verde, transparente. Olhando-se na direção da praia, o sol se põe, vagarosamente, deixando um rastro de luz sobre a areia. Sombras sobre o mar e, a intervalos, algumas ondas são iluminadas pela luminosidade declinante e dourada do pôr-do-sol.

A sensação é de recolhimento, de aconchego. Um prazer descomunal, sem limites. O corpo mergulhado na água salgada, a paisagem quase exclusiva, a camaradagem tão espontânea e alegre dessas amigas porto-riquenhas, uma brisa suave e fresca. Instalou-se em mim o temor de que tanta felicidade fosse algo instantâneo, momentâneo. A sensação era de não querer que o tempo se esgotasse, que tudo se eternizasse. Vontade de segurar os ponteiros do relógio, de virar estátua de sal.

Milagros, Gloria, Sonia e Ema.

Ficamos adernados sobre a areia, a conversar e a comentar as nossas impressões.

Falei para Ema:

- Você quer saber como é o Ramón? Imagine-o: tem 1,80 m, olhos verdes, corpo apolíneo, veste-se com grifes italianas, fala várias línguas, sempre um bom papo e, se não bastasse tudo isso, sobra-lhe dinheiro nos bancos. Melhor partido, impossível...

Rimos muito. Ramón é um sujeito singelo, feio, baixinho e certamente pobre.

Crueldade nossa, mas por pura brincadeira, sem maldade.

.....

Voltamos à praia mais tarde e sentamo-nos todos sobre uma enorme lençol. Uma imensa lua cheia, no fundo da baía, e aquela estela de luz sobre o mar em movimento, vindo em nossa direção! Um prateado total e umas poucas estrelas opacadas por tanta luz! O barulho agitado do mar quebrava o silêncio da noite. As casas iluminadas sobre as encostas pareciam cenário de teatro, não pareciam reais.

Ali ficamos até que um de nós - creio que foi Ema - caiu na realidade, advertindo-nos da iminência de partirmos de volta.

Difícilmente viverei outro instante como aquele. De perfeição, de beleza, de realização plena. De simplicidade e de amizade.

.....

O caminho de volta foi de desgarramento, devagar, para que a transição entre a fantasia e o cotidiano não fosse tão abrupta. Cruzamos a pequena cidade de Dorado já bem tarde e atravessamos Bayamón e San Juan, em direção a Rio Piedras, quase em silêncio. Um pouco de cansaço, um tanto de resignação.

Antes de dormir debrucei-me sobre as folhas de papel como para ruminar, reviver e recriar, no universo das palavras, aqueles instantes de prazer. As palavras pareceram-me pálidas e imprecisas e resignei-me a um registro simplório, apenas para fixar algumas imagens e sensações.

.....

Milagros, Sonia, Gloria. E tem também Diana, que estudou português e é artista plástica. Ela ficou de me transmitir alguns segredos da modelagem em cimento, de seu **know-how** no preparo da massa, das misturas de cimento com outros componentes.

Diana é irmã de Gloria e de Sonia. Sei quase nada sobre elas e não faço perguntas sobre a vida delas. Elas tampouco perscrutam minha vida privada. Vamos descobrindo aos poucos, de uma conversa para outra. Fragmentos, detalhes soltos, peças de armar.

Um dos filhos de Gloria - o Daniel, um jovem muito alto e forte -, encontrou-se conosco numa caminhada pelos meandros do Parque Nacional de El Yunque. Vinha em sentido contrário ao nosso, com seus colegas do curso secundário, fazendo levantamentos ecológicos. Depois conheci o outro filho dela - o Rafael -, um belo e afetuoso garotão de seus dezenove anos de idade. Estuda engenharia mecânica na Universidade de Porto Rico, no campus de Mayaguez. Fomos até lá na semana passada. Mamãe Gloria e tia Sonia trataram-no com um carinho que só os latinos conseguem transmitir e ele retribuía com muita verve e bom humor, enquanto comia seguidos pratos no **self-service** Bonanza. Parecia ser a primeira refeição da semana! "Rafa", como é apelidado carinhosamente, já tem uma considerável experiência em projetos tecnológicos, tendo viajado à Argentina e à Guatemala para encontros com outros jovens cientistas. No momento está na Austrália, com uma equipe da Universidade, participando de uma competição pelo deserto, num carro movido a energia solar. Mamãe Gloria está orgulhosa de sua cria.

Milagros é etérea, diáfana. Pousa no chão como uma borboleta. Sonia é mais circunspecta, auto-suficiente, mantém uma reserva ou espaço entre ela e as pessoas, sem ser fria bem distante. Diana é simples, gentil, meiga.

Vicente tem razão: as aulas de ginástica também servem para o conagraçamento, para aproximar os membros da comunidade.

## À BEIRA DE UM ATAQUE DE NERVOS

Judith deu sinais de tolerância e aceitou a idéia de ficar dez minutos a mais na praia. Dez minutos! Fez isso como um ato de generosidade... Eu havia recusado ir à praia com Vicente para poder acompanhá-la. (Vicente sai às seis da manhã para uma corrida à beira mar e regressa logo.) Acompanhá-la é a palavra certa: a gente vai com ela, mas ela não vai com a gente. Isso envolve a indulgente Natasha, que estava meio enjoada e circunspecta naquela manhã. Judith delatou-a e constrangeu-a:

- Natasha está com o problema da regra...

Crueldade? Não: torpeza, como dizem os porto-riquenhos. Achou natural dizê-lo ou, quem sabe, fez a delação para justificar o atraso de uns minutos causado - como sempre - pela bela Natasha. A jovem reagiu como latina, sentiu-se violentada em sua intimidade. Mas apenas baixou os olhos.

Eu queria secar o calção de banho. O sol estava tímido em Ocean Park, por detrás das nuvens e só aparecia a intervalos imprevisíveis. E cumpriu-se o percurso de sempre, sob o controle do cronômetro: lanche na confeitaria Kasalta e compras no supermercado Grande. Lá foi quando Judith desesperou-se, caiu no estado de impaciência: na fila do caixa e na saída do estacionamento. Ela entra e sai pela mesma entrada. Tentando retroceder na contramão encontrou carros entrando, o que é no mínimo natural e previsível... Mas ela atribuiu o problema ao atraso de dez minutos na programação! Descontrolou-se, disse palavrões em inglês e quase chocou o carro contra um dos postes.

- Calma com o andor - adverti. Não se irrite à toa.

Mas Judith estava possessa, furiosa com um carro parado atrás, impedindo-a de retroceder.

Já a caminho de casa desabafei, com certa cautela:

- Você precisa ser mais paciente. Não resolve o problema assim, só consegue agravá-lo. E o que é pior: consegue irritar os outros também.

Ela olhava com cara de espanto mas com uma assumida consciência de que era isso mesmo e de que nada faria para mudar.

- Você vai acabar sozinha e com úlcera! - arrematei.

Natasha lançou um olhar de cumplicidade, como se eu estivesse falando por procuração.

Mas Judith é assim. Passa do estado de doçura ao de irritação em questão de segundos. E dá patadas no ar. Vocifera em inglês, com acento sulista, franzindo e torcendo os lábios. De-me por vencido, ou até arrependido pois o meu comentário em nada contribuía para mudar sua natureza, mas certamente deixou-a angustiada e culpada. Felizmente, por pouco tempo. Ela sempre dá a volta por cima e segue em frente. No dia seguinte, trouxe-me um poema que acabara de escrever.

## NOVA IORQUE, NOVA IORQUE

O imigrante é um estranhado.

Convivi com muitos deles na Venezuela: espanhóis, colombianos, portugueses. Os espanhóis pertenciam à classe média ou a assumiam em terras americanas, depois de anos de acumulação de capital. Os colombianos eram os mais discriminados, sob o rótulo pejorativo de **indocumentados**. Os portugueses eram considerados **brutos**, que em castiço queria dizer **burros**. Gente de extração humilde e ordeira, dedicava-se exclusivamente ao trabalho. Geralmente com pouca cultura e menos educação, tinha também mais dificuldade para aprender a nova língua e os costumes locais. O processo de aculturação é sempre dilacerante.

Filhos de imigrantes, netos e bisnetos de imigrantes discriminam, sem perceberem a extensão do processo migratório em nosso continente. Agora são os brasileiros nos Estados Unidos e na Europa. Os bolivianos no Brasil, os dominicanos em Porto Rico. E os porto-riquenhos em Nova Iorque. Um continente inteiro em movimento.

No vôo para Nova Iorque estava um desse muitos imigrantes, de origem dominicana. Negro **brown**, como existe o negro **black**. Uma simpatia inteira, uma bondade expressa no rosto, um sorriso alvo e completo. Já está assimilado ao novo **habitat**, pelo menos nas exterioridades: no estilo **drag**, com boné invertido, camiseta sem ombros, tênis de cano longo. Todo de preto, como os **skin heads**, mas com um sorriso bonachão, alegre, serviçal. Como marca de sua origem latina, um colar de ouro com uma imagem religiosa. Trabalha em serviços de limpeza na região de Washington, DC. A família emigrou para Porto Rico, ele foi mais longe, chegou a Maryland. Informa que lá o salário é mais alto do que na ilha borinquenha. Conhece vários brasileiros, segundo ele, gente com "mais cabeça". Dá para entender-se, pois muitos dos imigrantes clandestinos do Brasil foram para lá de avião, fingindo-se turistas e, não raras vezes, são profissionais universitários desviados, ainda que temporariamente, para tarefas que os da terra não apreciam: lavar pratos, vender cachorros-quentes, trabalhar na construção civil, servir como garçons ou até limpar esgotos. As economias, depois de tanto sacrifício, é que parecem

compensadoras caso decidam voltar, o que nem sempre - ou quase nunca - acontece. A lógica seria que voltassem porque tiveram sucesso lá fora. Quase sempre voltam porque fracassaram ou foram expulsos. E muitos fracassam porque não têm a obstinação dos europeus e a persistência dos orientais. Ou esmorecem diante de tanto trabalho e exigências.

Os brasileiros continuam achando que o Brasil é um paraíso terrenal. Principalmente depois que se foram. Eles é que não tiveram chance, não foram capazes. Na mesma proporção que descobrem as agruras e o terrível desgarramento da vida de imigrante - e foram para fora crédulos da existência de tremendas oportunidades -, começam a idilizar um Brasil em que tudo é possível e tudo é melhor...

Os brasileiros parecem ser mais gregários que os outros latinos e padecem da terrível doença da saudade, que lhes corrói as entranhas nas noites mais geladas do inverno. É como uma febre que vai amolecendo os ossos e dobrando os músculos até prostrá-los diante do seu santuário. Em vez da **Virgen de la Caridad del Cobre** dos cubanos, os brasileiros depositam flores aos pés de cantores populares ou de jogadores de futebol. Ou do Ayrton Senna. É verdade: o brasileiro é um fetiche de ídolos modernos, mas sem muita fidelidade. Os nomes mudam com o sucesso. Vai de A a Z, passando por Adriana Perez e terminando em Xuxa (**please, the correct pronunciation is shusha**). Até a próxima estação ou nova safra.

.....

A primeira vez que eu vi nevando foi em New York. Véspera de Ano Novo. Flocos de neve caíam do céu como migalhas de algodão, leves e voláteis. Parecia cenário de Walt Disney, não parecia real. Em pleno Rockfeller Center, no coração de Manhattan. Foi em 1971. Carregava no bolso alguns dólares obtidos com o sucesso de "**Tu país está feliz**" na Venezuela.

O Empire States Building era ainda o mais alto edifício do mundo, bem antes da inauguração das torres gigantescas do World Trade Center, e do Sears Building de Chicago que derrubaram a supremacia daquele símbolo da grandeza americana. O Empire States é uma espécie de monumento fálico confeitado para o consumo. **The American Dream**. Visita obrigatória.

Mas eu nunca me senti turista em Nova Iorque nas seis viagens que fiz à cidade. Nunca visitei a Estátua da Liberdade.

.....

Se Rio de Janeiro é maravilhosa, NY é fantástica. Ninguém é estrangeiro em NY, estrangeiros são os outros.

Torre de Babel. Mais interessante do que admirar a verticalidade vertiginosa de sua arquitetura é observar a humanidade multifacética de sua população. Fixa ou flutuante. Todos os idiomas do planeta. Rostos e costumes de toda origem, uns exóticos **para** os outros mas nunca para um nova-iorquino que sabe da universalidade e cosmopolitismo de sua urbe, desde a sua origem.

A cidade tem rostos cambiantes, como em um caleidoscópio. De todas as cores. Gente chic e gente muito estranha em sua peculiaridade. Porque em NY as pessoas luzem mais individualistas, mais autóctones do que em seus países natais e estão expostos como em uma vitrine ambulante. E solitários. Em nenhuma cidade do mundo se é ou está mais solitário do que nessa megalópolis do sonho e do desgarramento. E em nenhum lugar do planeta a pessoa se sente menor, se sente mais um do que aqui. Nem tanto pela enormidade de seus edifícios e pela quantidade de gente mas, sobretudo, pela extensão e variedade urbana e humana. Apesar de revelar a insignificância de qualquer um - morador ou transeunte -, sente-se orgulhoso de viver nela ou de havê-la visitado. Por que Nova Iorque é Nova Iorque. Outras cidades tentam imitá-la, mas só ela pode auto-denominar-se - como verdadeiramente o faz - **New York, New York**.

Como diria meu amigo Allen Morrison, Nova Iorque tem tudo. Basta buscar. Circula mais dinheiro na cidade do que em muitos países do mundo. Tudo é barato mas a vida é muito cara. Um paradoxo. Isso mesmo: NY é um paradoxo, é mágica, é cativante, é fantástica e está na vanguarda do mundo. Primeiro de tudo, é lá mesmo.

E existe também a **Latin New York**. Fala-se espanhol nos elevadores, portarias e lojas baratas. Uma multidão com **accento** chicano ou boricua, ou seja, mexicano e porto-riquenho. Mas tem gente de toda parte: Cuba, Costa Rica, Peru e Argentina. Brasileiros e portugueses. Somos minoria mas em expansão contínua. Minas Gerais, presente! E tem também turistas paulistanos nas lojas de classe média comprando as mesmas coisas que estão à venda nos **shoppings** Morumbi e Eldorado, ou no Mappin. Questão de opção.

E cada um tem sua própria memória de NY já que é impossível ter uma visão completa da metrópole. Tem **prá** todo gosto: os grandes musicais da Broadway para o público menos exigente; as temporadas de ópera e de música clássica no Lincoln Center; as lojas de eletrodomésticos orientais vendidos por judeus; a maratona do outono e as pontes de praças com os traficantes de drogas; e, entre tanta coisa mais, a pornografia explícita nos redutos do Village. Com tempo e disposição descobre-se de tudo, até uma loja dedicada exclusivamente à exposição de camisinhas de Vênus, incluindo as mais mais bizarras e fantasiosas. Na **cable TV** é possível assistir, no mesmo canal, a missa das sete e ao sexo grupal **gay** das onze. E depois telefonar para ouvir mensagens excitantes, no meio da madrugada solitária e solidária de Manhattan. Vende-se fantasia e vulgaridade. Fabricam-se sonhos e projetam-se religiões como **business** e **entertainment**. Mas eu acabei numa estranha reunião de "fanáticos de bondes", onde gente de todas as idades reúne-se para ver filmes amadorísticos realizados por aficionados aos transportes em países onde trafegam bondes: Hong Kong, Memphis, Assunção do Paraguai e Amsterdã. Esses clubes têm a mesma função socializante das igrejas, na tentativa de congregar e relacionar seres solitários através de sua identidade e interesses comuns. Do contrário seria viver em completo isolamento.

## NOTÍCIAS DO BRASIL

Chegam notícias inquietantes do Brasil. Um grupo de anões tomou de assalto o orçamento da República. Senadores e deputados montaram uma agência de repasses de verbas, cobrando comissões, ágios e pedágios. Por uma porcentagem módica é possível encomendar-se obras para qualquer localidade. E dar asas à criatividade. Alguns projetos são muito criativos mas estão surgindo propostas ainda mais ousadas: uma réplica do Pão de Açúcar no Rio Potí; cursos de inglês para os ianomamis com a participação de missionários e cantores de rock; um memorial em Maceió para guardar a coleção de ternos e gravatas do ex-Presidente Collor e a transformação da Torre do Rio Sul em edifício-séde das ONGs no Brasil. Lógico, sem custos para os ocupantes e com heliporto ligando ao Galeão. E o mesmo médico nissei que inventou a cesariana para homens, sob os auspícios do INPS, agora insiste na construção de uma maternidade masculina para expandir a nova técnica. Tem vários deputados endossando a emenda orçamentária específica.

Meu amigo Geraldo Franco escreve que o Getúlio tinha toda razão: a saúva acabou com o Brasil. Quando a gente achava que havia acabado com os fantasmas do Executivo surgiram os anões do Legislativo. Agora estão apavorados com as traças do Judiciário. Está em tramitação na revisão constitucional uma emenda que dará lugar a um novo código civil possibilitando a criação de uma nova vara para lidar com as relações da iniciativa privada com os poderes da República. Tem muito empresário participando. São as marabuntas. Elas devoram tudo e repartem dividendos.

E avisa também que entramos uma vez mais no **Guinness' Book of Records** graças ao deputado João Alves como o homem mais sortudo do Brasil, tendo ganhado 24.341 vezes as loterias.

O pacote de recortes de jornais com as notícias da CPI da corrupção é tão pesado que bem merecia um avião especial. Por certo, leio nas reportagens que o jatinho do João Alves faz escalas em San Juan e seria o caso de pedir carona. Aqui chamam **pon** a esse tipo de favor. Ninguém sabe, a rigor, explicar a origem de tão bizarro substantivo. Como não se sabe a origem de muitas de nossas fortunas. E havia tantos selos no pacote que o tornou ainda mais pesado. Selos comemorativos do sesquicentenário do selo postal brasileiro - o olho-de-boi. Valor ainda em cruzeiro velho, antes do **real**. Deviam ter usado selo tipo **tarifa**, sem valor impresso. O Brasil também inovou na área filatélica - como me ufano! - e criou o selo sem valor nominal. O vale-quanto-determina-o-reajuste. Genial. Os colecionadores estrangeiros devem ficar desorientados tentando descobrir que moeda é essa chamada "1º Porte" e "2º Porte" mas nós brasileiros nem percebemos mais tais sutilezas porquanto manipulamos um sem-fim de moedas paralelas para calcular o valor real do cruzeiro. Que é nominal em cruzeiro, mas é cotizado em otn, upc, rpm e, para quem não tiver treinamento tão específico, em dólar mesmo. E por falar em inflação, meu amigo Raimundo Tadeu Correa manda uma notícia preocupante: um neologismo. O economês expande-se mais que a dívida externa, inventando novas denominações para novos desafios. Agora é a vez do **aumento decendial** inventado pelas montadoras de automóveis. E o Tadeu, prestativo e diligente, apressa-se em explicar-me: "relativo a decêndio (espaço de dez dias)". Ele sabe que eu estou a milhas e milhas de um dicionário Aurélio e a anos-luz de tais novas conceitualizações. Mas arremata, para meu consolo, que inflação também é cultura. Quem tem dúvida?! Eu, que sou mais

rasteiro em minhas especulações, tentei explicar ao Professor Maura - estupefacto com a nossa criatividade - que se poderia reduzir tudo ao conceito simplista de hiperinflação. Aí ele entendeu.

Tadeu, de forma sempre didática, tenta diminuir a minha angústia, consolando-me com explicações mais culteranas. Ele sabe que os intelectuais não perdem o sono com problemas reais, mas sim com teoremas não resolvidos. Uma vez encapsulado o problema real em uma fórmula ou pressuposto dorme-se com a consciência tranqüila e até ficamos satisfeitos. Até agradecemos a existência de problemas que expandem a nossa inteligência.

Mas o raciocínio que viemos desenvolvendo até aqui está menos para o corte epistemológico e mais para as distâncias geográficas e as reflexões temporais. Distante do Brasil, o Brasil é um ponto no mapa mundi. Distante na geografia e no tempo. Consola-me, então, o testemunho paralelo do Tadeu: **"Quando eu estava para me mudar para o Piauí, sem conhecê-lo, alguém me disse: "após duas horas de avião vais aprender a diferença entre distância geográfica e distância cultural". Não deu outra..."**

**"Cyro dos Anjos, em "O Amanuense Belmiro", escrito pelos anos 40 e que retrata a vida insípida de um barnabé, lá pelas tantas faz o personagem principal visitar o lugar onde passou sua infância e do qual tem tantas boas recordações. Chega lá e vê que está tudo mudado: "acham-se no tempo, e não no espaço, as gratas paisagens". Afinal, "as coisas estão é no tempo, e o tempo está dentro de nós"."**

Distante do Brasil, imagino-o. Outro que faz um esforço por informar-me é o bom amigo Pedro X. Mattoso que reclama da dificuldade da tarefa. Um escândalo soterra o outro, ou abre nova crise. Depois da chacina nas favelas do Rio veio a compra de "passes" de deputados, seguido da suspensão temporária do processo de revisão constitucional, incluindo o episódio em que um deputado arrancou o microfone das mãos do Humberto Lucena, que logo reapareceu como acusado na CPI da corrupção do orçamento, quando ... Não dá para acompanhar esse enredo ou imbróglio todo. Como lembra o Professor Maura, o Gabriel Garcia Marques reconheceu que não recorria à imaginação para criar suas histórias fantásticas, pois, segundo o autor de **Cien años de soledad**, a realidade supera sempre a fantasia... Com vantagens. Mattoso se desculpa de não poder mandar boas notícias. Ledo engano: as notícias são ótimas. Pior era o silêncio da ditadura ou, como ele concorda comigo, melhor o caos com democracia do que a ordem com ditadura. Só que fico impotente ao não poder competir com a realidade. Ela sai na frente e nem dá para registrar tudo, tarefa própria do jornalista e nunca do escritor.

## O MELHOR DE DOIS MUNDOS

O casario antigo do Velho San Juan, construído em diferentes épocas mas tão cuidadosamente restaurado e preservado, é um cenário grandioso. Sobrados elegantes, ruas estreitas e limpas e balcões senhoriais.

Vendo e revendo através dos olhos de Leila foi mais fácil certificar-me da beleza do lugar. Andamos por toda parte. Subimos e descemos ladeiras, entramos em pátios coloniais e contornamos as muralhas do **Paseo de la Princesa** com renovado interesse.

Tão logo terminavam as sessões dos congressos e as recepções oficiais saíamos deambulando sem um plano específico,ã fascinados estávamos com aquela arquitetura de tons claros e festivos.

Leila veio ver-me em Porto Rico como teria ido a Caracas ou a Ciudad de Mexico, se eu lá estivesse. Uma amizade muito forte, uma grande identidade, uma irmandade curtida em tantas coisas em comum.

Ela quis acreditar que Porto Rico é parte integral dos Estados Unidos, mesmo sendo um país com tanta identidade, mas logo suspeitou das tremendas contradições em que se dá essa associação permanente com o império ianque. Chegou às vésperas do Plebiscito. [Queria-se saber se era para continuar como sempre esteve ãuma opção a ser considerada. Ninguém levantou jamais a hipótese real de uma total independência.]

Andamos com o mesmo entusiasmo com que antes descobrimos outros paradeiros. Foi inevitável relembrar um passeio que fizemos, há muitos anos atrás, pela parte antiga do Rio de Janeiro. Estávamos com Rebeca e com Diva, duas grandes amigas, e eu era o guia. Passamos pelo arco do Teles, cruzamos as ruelas mais antigas do centro e acabamos na Confeitaria Colombo, onde aqueles imensos espelhos de cristal são o testemunho de um passado de esplendor, pelo menos em nossa imaginação.

Em San Juan, descobríamos ângulos novos de uma viagem ao desconhecido. Não tínhamos roteiro nem destino.

Leila é diretora de um sistema de bibliotecas lá em Campinas mas sempre encontra oportunidades para as viagens. Com as filhas criadas, viuva e com recursos e saúde para trilhar seu próprio caminho pelo mundo. E com graça e inteligência. Sabe desfrutar de um bom restaurante como de uma galeria de arte mas não é nem esnobe nem formalista. Sempre espontânea, bem humorada.

Diante do mar regozijamo-nos como crianças em férias. E descobrimos um barco à vela prestes a sair pela baía, em festa. Por treze dólares podíamos embarcar na nave do prazer.

Gente muito simples, casais de namorados, jovens comemorando aniversário, e turistas surpreendidos, como nós, saímos no veleiro ao som de salsas e merengues, murgas e cumbias. Dançamos o tempo todo, de olho no contorno suave da cidade-promontório, a noite cheia de luzes refletidas na água. Estávamos imensamente felizes com o passeio inusitado. Durou pouco, mas foi tão extraordinário e feliz! A felicidade é um estado de espírito que só habita os puros e os inocentes. E nos depuramos.

.....

Porto Rico ostenta um ingresso per capita alto se comparado com muitos países da América Latina mas é também o país que conta com a proporção mais elevada de gente desempregada e dependente da ajuda governamental, que vem dos fundos federais. O déficit público é descomunal e o crédito fácil mantém a todos endividados.

Metade da nação vive nos Estados Unidos, a outra metade vive na ilha-país caribenho. Duas faces de uma mesma moeda, de uma mesma realidade que nem mesmo quase cem anos de protetorado norte-americano conseguiu descaracterizar por completo.

E o plebiscito acontece no momento em que, depois do desmantelamento do bloco socialista europeu, o mundo se divide entre duas forças contraditórias: de um lado as lutas - mais que nacionalistas, étnicas -, de povos aspirando à independência; de outro, as forças globalizadoras da nova ordem mundial, dos novos blocos econômicos supra-nacionais - a fusão logística na produção e distribuição de mercadorias.

O estado nacional está em crise.

Tentei discutir com meu amigo Mariano Maura o significado desta crise. Os ideais pan-americanistas de Bolívar foram esmigalhados em lutas separatistas. O sonho internacionalista do socialismo científico deu origem a brigas de fronteiras e à balcanização dos novos feudos nacionais depois do desmoronamento da União Soviética e da Iugoslávia.

O que vai acontecer, um dia, com a China continental?

Os Estados Unidos da América conseguiram a federalização à custa da aculturação dos povos indígenas, franceses e espanhóis, no caldeirão cultural de seu processo histórico. Não havia grandes resistências culturais autóctones (como no México ou no Peru) e abriu-se logo o país à imigração de tantas raças e povos que vieram animar a sua diversidade étnica posterior.

No Brasil, a unidade nacional corre por conta da língua portuguesa e dos canais de televisão. Só um projeto econômico que permita minimizar as tremendas disparidades sociais e regionais conseguirá manter o milagre da unidade territorial e da paz social.

O espelho é válido para Porto Rico, que votou pragmaticamente pela manutenção do **status quo**. Ou seja, adiou o problema, que é uma forma bem porto-riquenha de resolvê-lo.

Amanhã será. Hoje, não.

.....

Voltamos a Cap de Mar. Milagros, Sonia e Gloria. Eu e Leila como hóspedes. Era o dia da comemoração dos 500 anos da descoberta de Porto Rico. 19 de novembro de 1993. Havia pouca gente nas estradas e o comércio estava fechado. Mas era possível comprar pão.

Fresco e perfumado. Apesar do sucesso do **arroz con pollo y habichuelas** da Gloria, foi o compartilhamento do pão que nos uniu pelo percurso de praias e baías atlânticas. Chovia a intervalos e o mar estava agitado. Descobrimos então toda a hospitalidade da gente porto-riquenha nas atenções de nossas amigas. Gente tão prestativa e solidaria que não acreditávamos mais existir em lugar algum do mundo.

## INCIDENTE

Poderia ter sido apenas um mal-entendido mas desbordou-se, foi além dos seus limites.

Judith interrompeu a conversa que eu travava com umas colegas do Uruguai, da Argentina e do Chile, no intervalo de uma das sessões do encontro latino-americano de professores. Como sempre, não pediu licença.

- Não sei se você se lembra mas, depois de amanhã, você vai dar uma palestra para os meus alunos.

A pergunta, feita em tom apelativo, parecia uma admoestação.

- Claro que me lembro - contornei.

- Pois você **tem** que se encontrar comigo amanhã para discutirmos o temário.

Não entendi bem a convocatória, mas apelei.

- Você já me deu o temário por escrito, com horário e tudo, e já conversamos sobre os objetivos de minha participação.

Mas ela insistiu:

- Eu **tenho** que discutir os pontos que você vai abordar, para estar certa de que eles se encaixam em meu programa, se são os que realmente interessam.

Minhas amigas do cone sul arregalaram os olhos e sorriram com escárnio. Eu tentei contornar:

- Ora, Judith, você me convidou depois de assistir as minhas aulas como ouvinte, e já conhece o teor do meu discurso. E eu já preparei, pode ter a certeza, o roteiro do que vou dizer à sua turma. Você sabe que eu ando muito ocupado e com visita em casa. Vai ser difícil um encontro, à última hora.

Ela não entendeu a minha mensagem. Estaria perseguindo outros objetivos.

- Nem que seja uns quinze minutos. Eu não posso ir à aula sem conhecer com antecedência o que você vai dizer aos meus alunos, sem saber se é o que eu quero que você diga, se tudo não está sob controle.

Enfureci-me:

- Perdoa-me, Judith. Eu já dei, a convite, dezenas de palestras. E nunca tive que submeter-me a uma sabatina prévia.

Ela repetiu a rogatória. Era assim que ela trabalhava, tinha um tempo limitado e queria cobrir, exclusivamente, os pontos de seu interesse.

A professora argentina, com um acento carregado de jotas, expressou a sua perplexidade, e até exagerou:

**- En Buenos Aires se prodría enjuiciarla por quiebra de la libertad de cátedra. Yo....**

A' colega uruguaia sussurrou que era, no mínimo, uma grosseria aquela insistência.

- Muito bem, se é uma exigência sua fazer uma discussão prévia comigo, então eu desisto. Não tenho tempo, nem me submeto a semelhante exigência. Non sense.

A uruguaia interveio para confirmar que era inadmissível. Caberia a ela - Judith -, depois de minha apresentação, discutir com os alunos e extrair os ensinamentos. Nunca impor ao convidado o que ele deveria dizer. O interessante seria ouvir pontos de vista diferentes, outras visões, novas perspectivas mesmo quando contrárias à própria orientação do professor.

Judith insistiu, quase por capricho. Parecia estar naquilo que os norte-americanos chamam de **point of no return**.

Minhas colegas já debochavam do inusitado incidente. Recomeçou a reunião. Eu estava desorientado, irritado. Escrevi uma nota e passei-a a Judith, que estava sentada na fila de cadeiras atrás, mais ao alto. Desculpei-me. Invoquei a impossibilidade de assistir ao encontro prévio à minha palestra, argumentei estar atendendo a uma visita em casa, logo do regresso de uma longa viagem. Em virtude do que eu declinava de minha participação. Quem sabe, em uma outra oportunidade...

Ela, ao ler, deu sinais de perturbação. O rosto dela sempre reflete os próprios pensamentos. Devolveu-me a nota com um comentário um tanto confuso, em um espanhol enviesado, tentando dizer que não aceitava a minha renúncia (sic), que apelava para a minha flexibilidade. E concluía que já não exigia a reunião prévia, se eu não queria. Creio que foi isso que pretendeu comunicar.

Gardei o papel, sem externar qualquer reação. Continuei assistindo a uma conferência, sem olhar para trás. Percebia a inquietação de Judith mas concentrei-me no tema em discussão no fórum até esquecer-me por completo do problema.

Evitei-a, depois.

## FOGOS DE ARTIFÍCIO

Lamentei tanto não estar com minha querida amiga Leila no concerto ao ar livre, em frente ao Castillo de El Morro. Ela teria, com certeza, adorado o programa e a apresentação.

[Quando de minha despedida do Brasil fui a São Paulo para encontrar-me com ela e com Diva Andrade, de quem somos inseparáveis, apesar da enorme distância entre Brasília e a Paulicéia. Fomos a um concerto da Orquestra Sinfônica Brasileira nos gramados do Parque Ibirapuera, sob a firme direção de Isaac Karabitchevski. Caminhamos pelas alamedas, conversamos com economia de palavras para colocarmos em dia todos os nossos assuntos comuns. Já estava quase frio e os nossos tênis venciam passos com um suave impulso, ao unísono.]

Leila, àquela hora antilhana, já estaria chegando a Miami, quase por milagre, ao conseguir furar uma greve da American Airlines. Fui ao concerto com Gloria e Sonia. Havia muita gente naquele início de noite festiva. Celebrava-se os quinhentos anos e um dia do descobrimento da ilha. As muralhas estavam, como sempre, iluminadas e um palco fora erguido sobre o gramado para a Orquestra Sinfônica de Porto Rico.

Noite fresca, com nuvens ralas e uma lua crescente timidamente aparecendo, por instantes, no firmamento. Deitado na calçada, olhava o céu de uma geografia mais vasta que a da ilha. Sobrevoava, ao lado de Leila, ao largo da costa de Cuba até descer no mega-aeroporto de Florida. Eu deveria estar viajando com ela. Minhas amigas Sofia Vivo e Trina Quiñones e o meu editor Victor Alegria estavam lá esperando-me. Íamos lançar a nossa antologia **Caminhos de Integração** na feira internacional do livro de Miami, mas eu falhei ao encontro. Seria impossível embarcar. A American Airlines tem quase o monopólio dos transportes aéreos com o continente e havia muita gente desesperada nas filas por causa dos cancelamentos de vôos.

Devia ter tentado, ter insistido e viajado com ela. Mas estava ali, arrependido, buscando estrelas no céu carregado de nuvens. A orquestra seguia com muita competência um programa leve e oportuno que incluía Wagner, Verdi, Berlioz e o sempre recorrente e pungente Tchaikovsky. Nada mais adequado para um final grandioso do que a sua **Overture 1812, op. 49**, com a luminosa e resplandecente de fogos de artifício. Seguida de uma ovação patriótica.

Acabamos no Café Berlin, degustando uma torta de chocolate com chá e leite, como manda o figurino. Gloria sorria como de costume, som uma simpatia sem medida. Sonia, não menos simpática mas bem mais introvertida, exultava a beleza do espetáculo, em que mais brilhara o cenário colonial da imensa fortaleza e, como um detalhe quase sem importância mas

carregado de muito significado para mim, deslizava ao fundo um imenso e iluminado navio de passageiros em direção ao horizonte marinho e ao sonho eterno dos viajantes.

## PÃO COM FORMIGAS

Ao levar o pão à boca, durante o café da manhã, senti que as formigas caminhavam pela minha mão. Eram muitas e eu tentava livrar-me delas roçando na calça, mas elas iam subindo aos poucos entre os cabelos do pulso, entrando por debaixo da manga da camisa. Instintivamente, rocei o pano contra a pele mas o efeito em nada ajudou a evitar um comichão debaixo do braço, em direção às costas. Não sei se passei ou não a mão pela boca mas a sensação era de cócegas e desconforto. Com a palma da mão tratei de esfregar o rosto, tentando limpá-lo enquanto sentia um ferver no outra mão, que segurava o pão. Corri para o banheiro e abri a torneira e comecei a lavar os braços e o rosto com uma certa agonia. Cuspi formigas com as migalhas de pão que tentara mastigar. Eram tantas! Eu não as via mas sentia o trilhar de centenas delas pelo meu corpo. O recurso foi despir-me e abrir o chuveiro, com sofreguidão. Já sentia um movimento frenético nas pernas e um desassossego nas virilhas, como se fosse uma dormência súbita e intensa. Rocei com a esponja cada centímetro de meu corpo na busca das minúsculas formigas. Não picavam, apenas se moviam mas em vão buscava-as a olho nu. Pareciam transparentes, eram quase da cor da pele, apenas podiam ser vistas com muito esforço.

Dentro do pão, alojaram-se em cada oco e em todos os vazios, por todo o tecido, em aglomerados e em fileiras contínuas. Entraram às centenas por todos os espaços e trilhas internas. Tive que buscar os óculos para reconhecê-las. Amareladas, beges, quase da cor da matéria de que estava feito o pão. Ia partindo e encontrando mais e mais formigas no miolo da enorme **baguette** que compráramos dias atrás. Sobre a cerâmica da cozinha havia uma trilha de formigas em direção à porta da área de serviço, por onde se es-tendiam milhares e milhares de outras formigas em um movimento contínuo. Tentei matá-las com água fervendo e queimei os pedaços de pão com outras muitas formigas alojadas em suas entranhas.

Lavei paredes e o piso da cozinha e da varanda com detergente mas sem a certeza de tê-las exterminado por completo. Ainda sinto uma certa gatura na boca, uma sensação de nojo e a pele guarda a memória de rastros indeléveis.

## ORLANDO

A sexualidade é transparente e vária, a sexualidade é como um arco-íris ligando dois extremos de uma mesma fantasia. Só nos brutos ela se define pelos extremos.

**Neither a woman, nor a man  
We are joined, we are one  
With a human face.**

(Sally Porter)

Ou, dito de outra maneira, sexo é aparência mas não é diferença.

Se sexo é um distintivo, ele deve ter uma escala quase infinita. Que se metamorfoseia ao longo do tempo e do espaço. E nas formas que assume.

Talvez não existam dois opostos perfeitos salvo na possibilidade de um hipótese.

É óbvio que o sexo está determinado pelas convenções sociais. Mas, no interior de cada um, que ordem se estabelece ou desfalece?

## FRUTO DO AMOR

Acordei tarde naquele domingo de sombras e ventos atravessados. Deixara uma nota para o intrépido Vicente não acordar-me às 6.30 como era seu costume, para ir ao banho de mar. Ele odeia o sol. Garante que envelhece e provoca câncer. "No Caribe o sol envolve a todos por igual, não há porque buscá-lo." Meu olho recusava-se a abrir à claridade difusa da manhã. No dia anterior assistira a três filmes de um festival internacional, em sessões seguidas. Cada um mais chato do que o outro!

Uma companheira de trabalho, mais intelectualizada, olhou-me, ao final da última projeção, com certa perplexidade e rompeu o silêncio:

- **Mira Ud. que a mi sí me gustó** - opinou como que desculpando-se.

Mudei de assunto antes que viéssemos a afundar num diálogo impossível. Eu assistira ao pseudodrama, com um olho aberto e o outro dormindo. Ela deve ter gostado da metade que não assisti.

Da cama passei para o sofá da sala e afundei. Os olhos queriam sair das órbitas. Das proximidades chegavam latidos de cães domésticos e ruídos de carros esquentando os motores. Logo ouvi a voz de Judith chamando-me da varanda. Quis fingir-me de morto. E esta meio-morto, entorpecido mas logo reagi. Ela certamente acabaria descobrindo-me pela janela.

KKK

Não estava surpreso com a aparição. Afinal, Judith já estava como que condicionada à idéia de passar pelo meu apartamento todos os domingos à mesma hora, a caminho da mesma praia, pelo mesmo percurso. E não é de guardar rancores. Dá sempre a volta por cima, depois de suas **mancadas**, que são frequentes. E é insistente, desinibida. Quando convida - com uma programação só sua, em que não cabem sugestões - nem espera resposta, certa de que está sendo generosa e altruísta... "Compartilhar" é a palavra com que ela define o companheirismo em que as pessoas vão ver o filme que ela quer, ao lugar que ela deseja, pelo tempo que ela mesma determina. E se a gente não gosta do filme que ela escolheu, então acaba amargurada, pensando que a gente quis, em verdade, expressar que não gosta **dela**.

[Numa dessas manhãs domingueiras acabamos em um concerto de estudantes de música em que estavam programadas as tais peças barrocas de sua predileção. Quando eu confessei, com certo cuidado, que era uma interpretação muito simplória de composições igualmente singelas, próprias para estudantes, quis expressar também a minha insatisfação por não ter sido consultado sobre o programa. Respondeu que eu era exigente demais, que eu havia sido convidado e que era, além de tudo, grátis. Não havia porque reclamar...]

Nem cheguei a tomar café. Queria apresentar-me ao filho Bark, que viera de Massachusetts para o **Thanksgiving Day**. Em cima de um corpo volumoso e flatulento apurava-se uma cabeça redonda e simpática. Senti a aspereza de uma casca de árvore no aperto de mãos. Cabelos castanhos anelados e os olhos escuros. Falava um inglês quase ininteligível para mim, dificultado por uma espécie de gagueira que deixava angustiado aos demais, mas ele falava o tempo todo com a mãe e com a doce Natasha, como que para compensar o tempo de reclusão no internato. Cativante, sociável. Com dezoito anos, tem as reações e manias de um jovem de seus quinze anos. Na praia verifiquei que as mãos estavam descascadas e que uma perneira rosada se alastrava pelos sovacos, pelos joelhos, cotovelos e, certamente, entre as pernas.

A gagueira era a mesma da Judith quando fica nervosa ou tensa, mas nele era permanente. Era o fruto do amor com o colombiano, de sua fase de voluntária dos Corpos de Paz.

Sorte do garoto ter ido de volta para os Estados Unidos e de ter uma avó com recursos para pagar-lhe uma escola especial. Em Porto Rico era um desajustado, vivia mudando de escola e a mãe parecia - conforme o testemunho dos colegas de trabalho - uma zumbi nos momentos de crise. Ele negava-se a aprender espanhol e não tinha rendimento escolar suficiente para frequentar escolas bilingües e mais sofisticadas.

Ao contrário do dia em que estivera lá com Leila, na semana anterior, a praia de Ocian Park, então, estava calma e logo o sol abriu-se com intensidade. Os mergulhos reanimaram o meu corpo e venceram a sonolência e o *aburrimiento*, aquela sensação de estar na festa errada mas ainda assim à vontade.

A despedida, Judith tentou comprometer-me com outras programações futuras e, como de costume, foi-se sem ouvir meu manifesto, certa de que estava praticando uma política de boa vizinhança e **compartilhando**, que é a sua maneira peculiar de fazer amizade sem mudar seus costumes.

## NO PRESENTE A MENTE O CORPO É DIFERENTE

### "O passado nunca mais"

Belchior

É mesmo: os tempos atuais são infinitamente melhores, já dizia a cantora Cora Coralina. O passado é um fardo para quem não sabe superá-lo.

O tempo não pára, como garantia o filósofo Cazuza. E há quem seja capaz de ver "o tempo, brincando ao redor" como o menino Caetano Veloso. Para ele o tempo parou, porque a vida é amiga da arte. Mas ele, São Caetano, não podia parar (como São Paulo, que só pára quando há greve e congestionamento).

O passado é uma roupa que não serve mais, afirmou o compositor Belchior, que amava o passado e que não via que o novo sempre vem. Tão profundo e tão raso!!!

- O passado é um defunto, não raras vezes um cadáver insepulto. Era melhor porque se foi. Como diria o escritor Horacio Vázquez Rial, "**hemos perdido la vida en la vida**".

O pedante do P. Drucker é que está certo: só existe amanhã, no hoje. Ele pensava poder administrar o tempo. É o tempo que parece administrar as pessoas.

Não é o Brasil que é o país do futuro? O Brasil é o país do vai-ser, do quem viver verá. Será?

É possível: a razão é pessimista, mas a vontade é sempre otimista. E o Brasil é o país dos otimistas. Ou foi.

O Brasil agora é a Geni, esperando pelo Zeppelin. Todo mundo malha, mas ela é que pode redimir-nos e salvar-nos.

Santa Geni, salvai-nos dos políticos que usam as palavras para disfarçar a realidade. Salvai-nos dos empresários que galopam na inflação e só dividem os lucros com os banqueiros. Livrai-nos da onipotência dos juizes e da prepotência dos militares!

E que chegue logo o Carnaval! Com o Arcebispo-gay abrindo alas, secundado por um batalhão de mulatas disfarçando o nosso racismo. E salve-se quem puder.

.....

Preso numa ilha do Caribe, com água até o pescoço, lanço garrafas ao mar. Antes que eu morra afogado, ou morra de saudade.

E antes que me chamem de saudosista, faço a devida aclaratória: minha saudade nada tem a ver com o passado. Tenho saudade do presente que está mais longe, de que me privo.

É quando entendo a angústia dos cubanos de Miami, com imensos binóculos a 90 milhas de La Habana, espreitando sinais e sargaços. Esperando garrafas com mensagens. Buscam a esperança que já perderam de voltar à ilha de seus sonhos.

É a dor do expatriado.

## **SIM, PORQUE SIM**

Os **isleños** estão enlouquecidos desde a festa de **Halloween**, possuídos pelo clima natalino. Logo chegou o **Thanksgiving Day**, com as comidas pomposas, com peru e outras iguarias, em que uma tradição estadunidense, arraigada há quase um século, acabou adquirindo cor local. É um Natal antecipado, só que celebrado na hora do almoço.

Há bruxas e anjos levitando sobre o céu do Caribe, anunciando os três reis magos que vem sempre do Norte!

Logo começou a romaria aos supermercados - há mais **shoppings** que igrejas nos arredores de San Juan - com os congestionamentos nas ruas, avenidas e autopistas. E as praias ficaram, de repente, vazias. Dizem que é por causa do "inverno", perceptível apenas por causa de chuvas mais freqüentes e uma brisa mais suave que apenas acaricia os termômetros. Talvez a água do mar fique um pouco mais fresca e as ondas um tanto mais fortes, quem sabe?!

As mulheres vestem-se ainda mais formalmente, reforçam a maquiagem - que já é sempre bem acentuada - e os homens continuam com roupas esportivas, talvez um pouco mais caras e elegantes. E a estranha combinação do traje de gala das mulheres com o vestuário **light** dos homens, versão local da prática norte-americana de usar - numa situação inversa e paradoxal - o **smoking** com tênis. Nem formal, nem informal para um povo que cultiva um certo formalismo mas não abre mão de certo relaxamento tropical, combinando a rede de descansar

na varanda com o aparelho de ar condicionado. Ou algo como adotar o estilo hamburguer de caviar.

E haja festa de conagraçamento, coquetel de lançamento e despedidas de ano! Em toda parte celebram festinhas entre os colegas de escola, do trabalho e entre vizinhos de rua. Um espírito comunitário e gregário próprio de quem vive numa ilha e todos, de uma ou outra forma, fazem parte de uma mesma família, embora vivam reclamando da desagregação social e da criminalidade. As despedidas do ano começam em novembro porque as agendas das pessoas não encontram espaço para tantos compromissos...

E Natal é com árvore de pinus verdadeira, com um cheiro do verde e uma grinalda de lampadzinhas cintilantes que começa dentro de casa, passa pelas sacadas dos edifícios e continua pelas árvores do jardim e das ruas...

.....

Como um furacão tardio mas devastador, fora de estação, passaram pela ilha os megashows de Madonna e Michael Jackson, dos símbolos da música pop. Madonna conseguiu escandalizar boa parte dos porto-riquenhos, povo um tanto provinciano - e quem afirma é o cáustico ensaísta José Luís González, o polêmico autor de **El Pais de Cuatro Pisos** -, e supostamente também um tanto moralista. E recatado. Na Ilha não há lugar para a pornografia explícita e muitas convenções sociais - do tipo festa de debutantes, eleição de **miss** e festas de noivado - ainda tem a graça e o charme dos anos 60. E não é que a Madonna passou - conforme a polida e bem comportada imprensa local - a bandeira nacional boricua pelas "partes baixas" ou, em linguagem mais óbvia e solerte, **por el culo**. As vésperas do plebiscito! Deu lugar a uma polêmica e à indignação por toda parte. Madonna atingiu o seu objetivo. Mas houve quem fizesse uma leitura menos patrioteira do incidente, ao compreender que o sexo é a parte mais apreciada e exaltada pela musa do rock e o gesto de esfregá-lo com o pavilhão pátrio valeria como uma associação com o prazer e admiração. Mais racionalmente, haveria que perguntar-se qual a diferença entre passar a bandeira entre as pernas ou carregá-la debaixo do sovaco... Talvez a diferença esteja na visão puritana de que sexo é coisa feia e vergonhosa. Sim, porque sim.

## CASAMENTO EM NAGUABO

A autopista para a cidade de Ponce corta o verde e montanhoso interior da ilha, na direção sul. Poucas fábricas, umas plantações esparsas e casas em todas as direções, povoados e bairros por toda parte. Depois tomamos o caminho pitoresco e sinuoso de Humacao e Naguabo.

Glória pilotava um elegante Mitsubishi Mirage S, em azul turquesa claro, alugado para a ocasião. Milagros luzia um vestido festivo, bonito, próprio para o casamento a que íamos assistir.

Casamento na roça. Melhor: no povoado de Naguabo, numa igreja simples, cercada por prédios modestos e a praça típica do interior, onde convivem as linhas conservadoras e rústicas da arquitetura tradicional e a modernidade de uns poucos novos locais de comércio.

A noiva com o vestido branco, de longa cauda, buquê e grinalda. Uma franjinha bem aparada e duas mechas laterais caindo-lhe suavemente. O noivo em seu uniforme cinza e azul da força aérea e uma cara de anjo, com as asas batendo palmas. Baixinhos, tensos. Juntos pareciam bonecos de fantasia. A cerimônia foi longa e a missa pontilhada de música adaptada ao estilo caribenho, com um coro de meninas aparántadas e jovens formalmente vestidos. As mulheres na igreja ostentavam seus trajes domingueiros e os homens seus blusões de linho ou seda, os mais velhos com suas **guayaberas de manga larga**.

Um sargento empunhava a câmera de vídeo e houve tempo para as fotos oficiais da boda, depois dos juramentos eternos e da troca de alianças. O padre sorria, vacilava o corpo e movia a boca ao som e ao ritmo, com uma cara de **parrandero**, de festeiro mor.

Lembrei-me da história que uma amiga baiana contou-me do pároco de sua cidade natal. Ele vivia nos bilhares, tomando sua cachaça e terminava a noite nos prostíbulos. No Carnaval saía de nega maluca grávida. Quando tinha que ir para a celebração do santo ofício, dizia para os companheiros de boteco:

- Segura essa aí, que eu já volta depois da porra dessa missa.

Milagros e Glória notaram o sorriso nos meus lábios:

- Que está **aprontando** ?!

Para elas, ser brasileiro é ser irreverente.

Depois contei-lhes que no Brasil algumas noivas trajam vestidos roxos, amarelos, pretos e que eu imaginara uma cena de casamento com os noivos sendo acorrentados pelos sogros e o padre, vestido a la Sarita Montiel, cantava árias de ópera bufa. Os nubentes eram arrastados até ao altar onde, após o juramento de eterna submissão, suas asas eram cortadas. Afinal, tinham caras de anjos. Eram anjos.

Almoçamos em um restaurante à beira mar, na romântica praia de Naguabo, onde existe um lindo **malecón** - um passeio acimentado, com postes de luz e, ao fundo, duas preciosas casas no melhor estilo **art nouveau**, conferindo à paisagem um indefectível ar **fin de siècle**.

O mar calmo, com gaivotas no ancoradouro e pescadores velando suas toscas embarcações. Serviram-nos peixe ensopado, no melhor estilo crioulo.

Estivéramos juntos em muitos passeios e em muitos lugares da **Isla del Encanto** mas aquele instante parecia-nos eterno e definitivo. Uma certa graça européia combinado à luz e ao esplendor colorido do Caribe, com as águas tranqüilas e seu reverbero constante.

Acabamos a tarde visitando o recém reinaugurado hotel El Conquistador, de Fajardo. Depois de vê-lo, o Copacabana Palace continua requintado e saudoso mas reduz-se a um detalhe se

comparado ao El Conquistador! Imenso! Campos de golfe, praias, piscinas pôr toda parte, nos diversos níveis em que o descomunal **resort** se multiplica, havendo um plano inclinado interligando os pavilhões superiores e suas casas adjacentes, aos últimos chalés, às piscinas derradeiras e à marina cheia de barcos e veleiros. Uma decoração bem ajustada, com muitas palmeiras, bromélias e orquídeas em flor, um sofisticado mini-**shopping**, restaurantes e bares, e uns tantos salões abertos à paisagem de ilhas e águas delineadas pela baía. Ali estivera Glória em sua lua de mel, antes que entrara o hotel em decadência. Era - e voltou a ser - o símbolo do turismo porto-riquenho, uma experiência inesquecível para os seus ocupantes, por sua excessividade, por seu estilo da década de 60 - os anos dourados! -, num cenário hollywoodiano de Great Gatsby, para novo-rico nenhum botar defeito, para o exibicionista ficar à vontade. Irresistível. Mas os noivos de Naguabo certamente tiveram que contentar-se com a estada numa casinha de praia de algum parente mais afortunado, nem por isso menos encantadora.

.....

Geraldo Franco reclama que falta sexo a esta narrativa. Calúnia. Não bastam as referências a duas luas de mel num único texto?! É o máximo que se permite por aqui, onde as novelas da TV Globo chegam censuradas. Ou será que ele deseja sexo explícito, com os noivos naguabenhos nus, frente ao espelho, excitados por serem quatro? Ele, Geraldo concupiscente, metido na estória, sendo o quinto, curtindo o seu morbo. Vai acabar cobrando sexo grupal, onde apenas registro o colóquio de anjos em seu farfalhar e arrulhar de plumas e regozijas. Se acha pouco, que tal anjinhos fornicadores, copulando no ar? Sem chegar, é lógico, ao extremo dos caralhos voadores do Nelson Rodrigues, porque então já seria pornografia maior.

## BABYSITTER DE CACHORRO

Os cães entraram na vida dela pela vontade imperiosa do filho Bark, que os queria de qualquer maneira. Menino voluntarioso, teimoso, soube sempre chantageiar e vencer a relutância da mãe com uma insistência inabalável. Acabaram adotando-os de alguma casa recolhadora de animais **realengos**, que é como designam por aqui os bichos abandonados. Mas o filho foi-se de Porto Rico e os cães entraram definitivamente em sua minúscula existência e em sua descomunal solidão, ao ver-se em país estranho, longe da família e entregue inteiramente à própria sorte. Podia ter-se devotado às plantas mas isso requereria uma paciência que nunca foi capaz de suportar. Havia também o recurso tranqüilizante da culinária mas esta se pratica em horas determinadas e com o agravante de levar ao óbvio - que ela rechaçava - que era o ato dramático e patético de comer sozinha, olhando o prato para não sentir a opressão das paredes.

Dois cães bastardos, sem qualquer alcurnia. Sem resquícios de pedigree, mas parte indissociável de sua vida ou, se se prefere, de sua rotina, que é a forma como encara a vida.

Dizem que os cães se assemelham ao donos. 'As vezes chego a acreditar que são os donos que se parecem a seus cães!

Imagino Judith caminhando cães, atabalhoadamente, os bichos cruzando em direções opostas, ela pulando e tratando de desenredar-se da rédeas, puxada para frente, pulando cocô de outros animais no mesmo trajeto. São animais domésticos justamente porque domesticaram seus proprietários, obrigados a atendê-los nas horas certas, a comprar-lhes a ração exata, a levá-los ao veterinário mesmo quando não valem as consultas e os medicamentos. Que heresia! Os cães são parte da família, tão afeiçoados ficam mutuamente cães e donos ao longo do tempo.

Ao viajar para a Hannekah - o Natal judeu -, junto à família em Virginia, trouxe-os para o meu apartamento. Não havia escolha. Antes que eu dissesse não, ensaiou o argumento de que um tem de fazer pelo outro, como indicando que as gentilezas que teve comigo foram favores. Que eu saiba, a ninguém ocorreria considerar como favor o fato de levar alguém em sua companhia a uma praia; é possível que o favor seja de quem acompanha... Para ela, eu lhe devia favores e chegara a hora de pagá-los, que foi o que insinuou. Sim, e sem direito a não.

Pedi que ao menos os lavasse antes. Chica costumava roçar o rabo no assoalho para amenizar suas pulgas ou suas sarnas e Chinche fedia a qualquer distância. Ela jurou que estavam lavados e que tomaram pílulas para repelir as pulgas. Pelo jeito como coçaram nos dias seguintes, as pulgas adoraram o repelente e passaram a feder ainda mais.

Havia que passeá-los duas vezes por dia, dar-lhes de comer e beber. Ainda assim continuaram mijando e cagando pela varanda e pelos aposentos, e sujando móveis pois não havia como mantê-los na área de serviço, sem que latissem o tempo todo. Entre a reclamação dos vizinhos e a sujeira da casa, optei pela última, como quem paga uma penitência por um pecado cometido - no caso, por ter aceito os supostos favores. A vizinha veio reclamar do mau cheiro que partia de minha varanda e invadia a cozinha dela, o jeito era lavar com detergentes e pedir-lhe desculpas.

Judith levou-os de volta na semana seguinte, já sondando a minha disponibilidade para futuros períodos de guarda de seus diletos companheiros. Não sabia o que fazer com eles durante as próximas viagens programadas para uma pesquisa no Caribe, a um congresso profissional e, se fosse pouco, para o seu ano sabático!

## **EU, O OUTRO**

RRR

E havia aquela voz dentro de mim, contradizendo-me. Onipresente. Não sei se era o Anjo da Guarda ou o Coletivo Social, o outro Eu feito à minha dessemelhança e contragosto, desgostando e desgastando o meu entusiasmo.

Houve momentos em que fingi-me surdo e mudo, fugindo ao diálogo que eu sabia de antemão perdido.

Era uma cobrança constante, um juízo inflexível. Mas eu movia o corpo, assumia a minha ossatura e fazia mover a minha tessitura frágil e obstinada para vencer temores e pudores. Creio que era a voz do dono, a voz do Outro, soprado em minha alma desde o amanhecer de minha existência. Uma difícil convivência. Na adolescência transformou-se em um tribunal constante. Não obstante, resistia. Fugia, gastava energia e vontade.

Estava possuído, consumido. Era uma voz plural, convencional. Eu não, eu era o anti, o contra, o insubmisso. Isso e o outro. Porque estava em mim, eu sabia se devia, se podia mas escapava, saltava, descia a uma realidade avessa, torta, tortuosa.

Os livros da infância me cegaram, as lições do colégio me crucificaram. Eram lições de fora, eram porções de feira, eram textos e preconceitos. Preceitos.

Creio que havia um exemplo a seguir, um ritual a cumprir, um caminho a percorrer. Havia o caminho do Bem e o tortuoso caminho do Mal, que era o melhor de todos.

Disseram-me que morder a hóstia enchia a boca de sangue; que blasfemar contra Deus era condenar-me ao inferno da vida e da outra vida. E eu só queria esta vida, que me era negada ou manipulada, em nome da outra.

Havia o recurso do espelho, para dialogar comigo mesmo. Quando não nos entendíamos eu quebrava a imagem, para superá-la. E falava sozinho, para o meu abandono, nas noites sem sono, almejando espaços impossíveis.

O mundo é cada vez menor! O espaço diminui geometricamente enquanto a humanidade cresce aritmeticamente. Não há espaço para todos. Há regras, há limites. Só é possível crescer para dentro, desalojando este Outro que nos sufoca.

Suicidei-me pela metade para ocupar o meu espaço inteiro e estou condenado à solidão de mim mesmo. É hora de reinventar o espelho, para não cair na submissão aos Livros e aos sábios que já têm verdades prontas para o consumo. Valha-me Deus, que sou ateu!

## **PLENITUDE**

**"La torre de marfil tentó mi anhelo,**

**quise encerrarme dentro de mí mismo,  
y tuve hambre de espacio y sed de cielo  
desde las sombras de mi propio abismo."  
Rubén Darío**

Derramado pelo chão da varanda como um corpo em combustão, o sangue em efervescência repousada, em estado de equilíbrio insustentável. Um corpo é uma extensão limitada, é um espaço reservado ou apartado do mundo de que é parte, é continuação, é contenção.

E' a parte líquida do corpo que reage ao sol da manhã incandescente, uma luz iridescente, envolvente, bronzeando a pele.

Neste início de ano, depois de despedidas e abraços, desejos e presentes, o corpo recolhe-se à sua própria dimensão, solitária e mesma.

Todo começo de ano é o momento da reflexão, do recolhimento, da revisão de si mesmo. Fechar para balanço. Sem protocolos nem tribunais de consciência, deixar fluir o pensamento, esvaír-se em anseios e receios.

De bruço, com toda a geografia humana exposta ao sol e à interpretação. Certo: o corpo envelhece, as dobras são revelações curtidas pelo amadurecimento, sulcos trilhados na existência e persistência.

De nada vale refletir sobre o passado, menos ainda sobre o futuro.

Hoje é que é, deitado sobre o chão da varanda, com saudades do mar, do sal da vida, do que foi e não vai ser mais. Amanhã, talvez.

O mar é uma constante, está no ar; há um mar vaporoso, que sopra e atravessa a ilha, envolve-nos despercebidos de sua salina presença. As grades das casas e o metal do automóveis corroem-se a céu aberto. As pessoas também.

Toda a Ilha do Encanto amanheceu entorpecida, bocejando, de ressaca. Logo volta-se à rotina, às contradições da realidade. Os videntes auguram dias melhores. O Papa vai morrer, um furacão vai arrasar um área mais ao sul, não se sabe de onde.

.....

O balanço de fim de ano não deve ter sido favorável ao Brasil. Crianças assassinadas, favelados fuzilados, índios decapitados, retirantes e imigrantes buscando os caminhos da sobrevivência. E' o que mostra a imprensa sensacionalista, nem por isso menos verdadeira.

Na festa em casa de Mariano Maura um jovem quis saber como deter a destruição da floresta amazônica. Ser brasileiro no Exterior é navegar no lugar-comum da cultura de mídia. Sim, **we have bananas!** Temos índios, temos arrastões e corrupção prá ninguém botar defeito. O jeito por sair pela tangente, cinicamente:

- Você sabe qual é o tamanho da Amazônia? Passa dos cinco milhões de metros quadrados. (...) Em pés quadrados, em hectares?! Meu Deus, isso é cálculo para o Pentágono! Mas não desviemos do assunto: quantos Porto Rico cabem na Amazônia? Certo: tem uns miseráveis e uns exploradores por lá, un alienados derrubando árvores. Quantos Porto Rico de floresta já foram devastados? Sei lá ! A' beça. Quantas França e Alemanha faltam devastar? Quantas árvores restam em Porto Rico, depois da devastação?

O jovem ficou assustado. O Prof. Maura interveio para explicar que o habitante da ilha não tem noção de proporções, raciocina conforme o diâmetro de sua realidade circundante. Lembrei-me da velhinha que conheci nas montanhas andinas, nos arredores de Bogotá. Nunca divisara o mar, nem no cinema. Na TV o mar parecia pequeno, do tamanho do vídeo. Ela queria que eu, sendo estrangeiro de outras terras e outros mares, desvendasse o mistério e dirimisse a sua eterna dúvida: seria o mar-oceano realmente maior do que a Lagoa de Tota, como garantiam?!

Garanti ao jovem de olheiras de intelectual que o verde-mar amazônico é ignoto, indevassável. Destruível, certamente que sim mas não à custa de duas motonetas e de quatro nordestinos de machado na mão. Bastava mandar duas multinacionais e duas missões religiosas para garantir a devastação da Amazônia em uma década e acabar de uma vez com a cultura indígena. Jurei que brasileiro não tem capacidade para tanto!

Ele ficou visivelmente assustado. Saiu então com aquela de que a Amazônia é o pulmão do mundo. Eu endosseí, e dei o troco:

- Que seja! Vamos, então, criar a OPEP do oxigênio. Unam-se Brasil, Venezuela, Peru, Colômbia, Bolívia e as Guianas para cobrar a toda humanidade pelo uso do oxigênio puro que ainda se respira.

Se não têm dinheiro para pagar pela preservação de tão precioso pulmão, cobre-se multas aos poluidores de mares e rios, envenenadores da atmosfera e da camada de ozônio, pelos depósitos de lixo urbanos e atômicos e leve-se toda a dinheirama resultante para a Amazônia.

A estas alturas, o jovem estava arrasado, esperando o final dos tempos. **Reloj, no marques las horas!**

Ainda tentei recompor o quadro, reconhecendo que a pressão exercida pelo excesso populacional sobre o meio ambiente é sempre maior que a da indústria e, colocando em termos mais racionais a questão da responsabilidade coletiva pelas matas tropicais - como disse Peter Drucker - **It will probably require that the develop rich countries compensate the developing poor ones for the high costs of environmental protection...**", mas o jovem evitou aprofundar o diálogo.

Mudou de assunto. Percebeu que o meu lado insano aflorara com duas copas de **jerez**, em plena e amena festa de Ano Novo.

.....

UUU

Consequentemente, prefiro a história oficial contada nos selos postais. Uma galeria de vultos e façanhas de nossos melhores e semelhantes, todos eles melhores do que nós. A nossa flora, os grandes eventos e comemorações e, se não bastasse a ufanação, um submarino brasileiro.

Prefiro a realidade dos cartões-postais que promovem o turismo. Mas há uns poucos editores que decidiram usar o retângulo postal para mostrar as mazelas do mundo: miseráveis, catástrofes, **apartheids** e guerras. Só falta ressuscitarem os postais de ex-escravos negros que tanto aborreciam o nosso Olavo Bilac.

Qual é a outra face da realidade? Na ideologia em vigor, realidade é só desgraça. Ressuscitar as crianças assassinadas e a devastação da floresta amazônica em plena festa de Ano Novo é uma provocação! Coisa de ativista ou ecologia de gabinete.

No ano que vem, vou partir para outra realidade: vou montar uma grande árvore de Natal (você acertou: árvore de verdade, como as milhares de árvores que são cortadas todos os anos para adornarem as casas dos afluentes colegas do hemisfério norte), com direito a neve artificial e tudo e, em vez de preocupações com infanticídio e ecocídio, vou assistir ao recital televisivo do Roberto Carlos, da Xuxa ou do Leandro e Leonardo. Pra valer.

## BARCA DE CATAÑO

Lá vai a barca de Cataño singrando a baía de San Juan, buscando a outra margem. Cataño está à margem do tempo, o tempo estancado, petrificado.

Lá vai a barca da Cantareira em busca **de la otra orilla**, nas lonjuras de Niterói. Niterói é um ponto de observação, lugar-comum frente à silhueta feminina do Rio de Janeiro.

Ano que vem já é agora, início de 1994. No meio do mar, no limite do tempo. Pode ser antes, ontem.

Quando eu era menino, gostava do passeio a Niterói, olhando o borbulhar do mar no convés, as gaivotas planeando e, ao longe, a paisagem reduzindo-se, afastando-se. A' medida que diminuía de tamanho, aumentava em abrangência, ao deixar o ancoradouro: por detrás da estação de passageiros começavam a aparecer os arranha-céus do Rio de Janeiro e, ao largo, surgiam as montanhas ondulantes, azuis, perenes. Olhos de menino fotografando o movimento, interpretando-o, buscando o outro lado da paisagem. Era a hora de verter o olhar para dentro, para buscar as infinitas ressonâncias no ensimesmamento, no confinamento marinho. O ferry era uma ilha em movimento. Ilha de menino, recontrando-se em sua curta e frágil existência. Debruçado sobre o parapeito do barco, acompanhava o mareio das turbinas na superfície aquática.

Agora existe a ponte Rio-Niterói e as faces que se aglomeram na barca são cada vez mais sofridas.

Decidi fazer a travessia de Cataño, sozinho. O porto de San Juan neste início de ano está congestionado pelos enormes navios de passageiros, brancos e fulgurantes. Pelas ruas de San Juan estão centenas de turistas com bermudas e tênis, camisetas festivas e câmeras fotográficas. Todos fantasiados de turistas. Buscam diferenças, saídas à mesmice e à rotina de suas vidas adernadas em outros horizontes. Casais de velhos, casais de jovens casados e envelhecidos pelos novos compromissos que os esperam, todos tentam ser diferentes antes de continuarem iguais, os mesmos. Um **break**. O guarda que controlava a entrada de passageiros percebeu que o público deste sábado iluminado não era corriqueiro. Para consertar a catraca travada pediu para que esperássemos, pediu um **breakecito**. Sim, um **breakecito**, como expressando a proporção exata daquela quebra de rotina. Um instante, apenas. Logo voltaremos ao pequeno de nossas vidas, em lugares distantes.

Cataño estava desolado, como numa foto domingueira, no fim do mundo. Um lugar feio, voltado para a beleza de San Juan. Prédio ordinários, pesados, entulhados, mal acabados como os de qualquer subúrbio pobre das grandes cidades. Ainda é possível encontrar algo das moradias de pescadores de sua origem urbana, uma quantas casas de madeira com tetos de zinco, de flagrante aspecto caribenho.

.....

Gente humilde. Bonita em sua feiura, como peças inacabadas, ou deteriorando-se antes do tempo. Como as paredes sujas de suas casas que são reformadas antes que terminem de ser construídas.

Nos ônibus de San Yuan circulam negros e mulatos. Os mais brancos andam de carro e freqüentam as universidades. E' óbvio que existem negros nas universidades e andando em seus automóveis coloridos, com bozinas tonitruantes. São veículos musicais, dançando ao ritmo do trânsito saturado e das músicas de seus aparelhos de som e das peças desajustadas. E' lógico que também luzem carros modernos, espalhafatosos para denotarem a sua excepcionalidade.

Um senhor sem dentes garantiu-me que já não há mais hombria nem civilidade, que os homens agora usam brincos nas orelhas e muitos vivem às custas de suas mulheres. Um louco começou a gritar pelas ruas que não precisou freqüentar a universidade para chegar à sabedoria que circula pelas praças e caminhos e que a ciência é uma atividade divina. Parecia dizer que os acadêmicos são cientistas mercenários, são sofistas alugados ao sistema. A verdade está nas ruas.

Todos por aqui estão em dívida, empenhados, pagando prestações. Já gastaram o que ainda vão ganhar. Parece que estão felizes, quando estão repousados. As caras são sempre tristes, se estão tranqüilas ou dormindo. Ao primeiro estímulo irrompem, iluminam-se, sorriem. Há muito cosmético nas meninas e os rapazes suburbanos cortaram os cabelos, usam bonés invertidos, carregam radiolas nos ombros. Andam aos bandos, gingando.

Todo mundo fala nos ônibus de San Juan. Espécie de **Speaker's corner** do Hyde Park de Londres transportado ao Caribe. Ouve-se e comenta-se. Canta-se, xinga-se.

Uma senhora surpreende ao jovem pedinte. Dá-lhe um folheto religioso e adverte-o que a salvação está em Cristo. Ele se defende. Não busca a salvação, contenta-se com um dólar.

Mata-se por menos, aqui e alhures. Ninguém espera de Deus ou do Governo, salvo no discurso eivado de verdades externas, tomadas por descuido, ou por comodidade e conformismo. Aprende-se logo que se deve lutar muito pelo pouco que se vai conseguir e que não será jamais de outra maneira, pelo menos para a maioria. Pelo menos, que mantenham o direito de ser assim, que ninguém venha impor o que eles já aceitam por fatalismo e desesperança. Um velho garantiu-me que essa estória de luta de classes só serviu para enriquecer meia dúzia de sindicalistas. Depois li exatamente o mesmo em Peter Drucker, para quem o discurso salvacionista das esquerdas já era, deixou de vigor na hora das transformações sociais dos dias que vivemos. As pessoas parecem querer a ilusão de que podem, de que consomem da mesma maneira que os outros, ainda que em escala diferente.

No jornal, leio que a auto-estima do porto-riquenho é mínima. O modelo vem de fora. Para que buscar soluções próprias?

Primeiro, Porto Rico. Em segundo lugar, Porto Rico. Em terceiro lugar, também. **Puerto Rico, siempre.**

Engana-se quem pense que o porto-riquenho seja um colonizado, embora muitos estejam convencidos de que sim. Tem a cidadania americana, mas não tem a própria cidadania. Estão orgulhosos disso, por isso protestam. São cidadãos americanos, em Porto Rico. Os que decidem migrar para os States voltam a ser borícuas, entram na categoria racial dos **latinos**; como em toda democracia, vão poder protestar e sentir a realidade da discriminação.

A bandeira porto-riquenha não cabe na bandeira americana, garante uma canção de protesta. Cantaram isso com o pulmão inflamado, durante um concerto de Natal, com a orquestra sinfônica. Todo mundo sabe e repete, e sabe que é mentira. Muitos sonham com transformar a bandeira nacional numa estrelinha da bandeira ianque e manter a própria para consumo estadual.

Ouve-se menos música norte-americana nas rádios do que nas repúblicas latino-americanas. A salsa e o merengue tem mais ouvintes que o rock e o rap. E é o espanhol que predomina nas camadas mais pobres, pois os ricos são bilingües. A religião católica parece ser um dos baluartes da identidade nacional. Herança espanhola.

**QUEM TE VIU, QUEM TE VE**

Era grande, imensa mas a sua voz era ainda maior. Uma voz inteira, total.

Eu era um repórter de subúrbio. Ia de trem em busca de notícias para uma seção no semanário, dedicado aos ídolos do Rádio. Não ganhava nada. Era o que menos me importava. Ficava feliz com as credenciais de jornalista e, se o patrão pagava o trem, era bastante.

Ela vinha de São Paulo, eu de Nova Iguaçu. Descia na Central do Brasil e chegava à Av. Venezuela, caminhando. Percorria a rua Marechal Floriano inteirinha, a pé. Seguia pela rua do Acre, passava por detrás do Edifício A Noite e logo estava no auditório da Radio Tupy. Se havia algum sobrando, tomava o bonde. Tanto fazia, o entusiasmo era o mesmo.

Leny Eversong nunca chegou a ser uma cantora das multidões, como as Emilinhas e as Marlenes. O repertório dela era eclético: ia do jazz ao cha-cha-chá, passando pelos sucessos italianos e pelas canções de efeito - em que luzia todos os seus recursos vocais - como **Jezebel** e **Granada**. Tinha uma cara bonita e um corpo obeso mas imponente. Ela nem disfarçava: usava vestidos colantes, com **pois**, que evidenciavam seus volumes. O programa era patrocinado por uma marca conhecida de champanha nacional e assistido por metade do público, que não era dela mas da próxima atração - quando então ficava cheio e em estado de delírio - que era Dalva de Oliveira.

Eu publicava suas fotos no jornal, seguidas das notícias. Meu patrão preferia as notícias da Angela Maria e do Cauby Peixoto, que eram da preferência da maioria, mas eu reservava sempre espaço para Leny Eversong. Seria uma cantora estrangeira? Ela cantava em inglês e não era nem carioca nem nordestina como as cantoras do rádio. Ninguém sabia. Leny Eversong parecia nome de cantora de blues. E ela era cantora de blues. Das melhores. E partiu para os **States** - que é como chamávamos todos - para um longo contrato. No Fontainebleau de Miami Beach e no Thinderbird de Las Vegas, nada menos! E, como era o **máximo** na época, foi cantar em La Habana.

Recebia as cartas dela, cheias de cartões-postais, e fotos. Mensagens breves, escritas em um tom pessoal.

Eu era apenas um garoto de dezesseis/dezessete anos, nos idos de 56/57.

Não havia ainda Fidel Castro e o Brasil era um canteiro de obras. O Juscelino prometia construir Brasília em três anos e eu acreditava. Pela primeira e última vez, um político cumpriria o que prometia.

Dez anos depois, eu era um estudante pobre em Caracas. No Brasil havia ditadura e tortura. Só eu sabia da minha condição de exilado.

Promovi um festival de poesia e canção de protesta com o Teatro Universitário, na Universidade Central da Venezuela. Convidamos uma jovem universitária, gordinha, bonita e que cantava canções de Paco Ibañez, recitava poemas de Rafael Hernández e acompanhava-se ao violão como a Joan Baez. Vinte e cinco anos depois revejo-a no palco do Teatro Bellas Artes, de Santurce. Está enorme, imensa, mas sempre bonita e já não usa o violão, e sim um

conjunto inteiro de músicos em suas exitosas turnés. Venho acompanhando a carreira dela à distância. Primeiro nas bolachas de ~~acrílico~~ - nos LPs dos anos 70 e 80 e depois nas bolachinhas laser dos CD- em que cantou de tudo, com a potência inigualável de sua privilegiada voz: canções da revolução espanhola, música folclórica venezuelana, salsas e merengues, música brasileiras, rancheiras com os mariachis mexicanos, muita MPB e agora os **inolvidables boleros**. Cheguei a vê-la no programa de TV "Chico e Caetano" interpretando uma canção do bardo carioca - Vai trabalhar vagabundo - em ritmo de **salsa**.

Soledad Bravo lembra-me a minha amiga Leny Eversong. Não faço a associação óbvia da obesidade. Identifico-as pela potência da voz (embora tão diferentes) e pelo ecletismo do repertório.

Cheguei a estar com Leny em sua casa, num bairro classe média de São Paulo, nos início dos anos 60. Ela morreu jovem. Sua obra vem sendo redescoberta pelos colecionadores.

Soledad Bravo projetou-se como uma das grandes figuras da música latino-americana e vai brilhar por muito tempo.

Os arranjos musicais que servem as gravações de ambas vão do excepcional ao tradicional. Suas vozes inibem tudo e às vezes a música é mero acompanhamento. Mas Soledad vem evoluindo pois o nível de público que a segue hoje é mais exigente, cada vez mais exigente, nas artes dos arranjos e das interpretações instrumentais.

Recolhi-me ao assento do teatro para vê-las. Ora era uma que cantava, ora era outra. Revi a figura sorridente de Leny Eversong cantando **A Noiva** e curti a presença irradiante de Soledad na execução da **nova trova cubana**. Eu, menino e adulto, na mesma pessoa embevecida, sonhando e ruminando. Depois dizem que não existe a ubiqüidade.

## SOLIDÃO NOSSA DE CADA DIA

O vento fresco do inverno afastou os borícuas das praias. Deixou-as sozinhas, tristes, inteiras para os turistas que vieram do norte, fugindo do gelo. São brancos e apagados como fotografias no fixador.

Eu tomo os caminhos do interior. Em busca das cavernas de Camuy, das serranias suaves de Cayey, das construções senhoriais de Ponce, onde o mar é definitivamente mais repousado e a terra é surpreendentemente mais seca e árida.

Uma luz oblíqua desvenda as distâncias a percorrer e as chuvas são mais freqüentes e intermitentes. São ânsias de transitar, de desvendar, de conhecer.

Em tantas andanças (ou circunvalações terrestres) acabei em San German, parte da história da povoação e colonização da ilha. Um lugar restaurado, com alguns pontos de interesse - uma igreja setecentista, uma botica oitocentista, alguns balcões de sabor colonial. Fomos até ali para um retiro acadêmico. Todos os professores **de la Escuela**.

Judith anda arisca. Magoada, detrás de óculos pesados, carregando sua mochila, olhando-me de soslaio. Aproxima-se e desaparece com indícios de simpatia e frustração.

Tampouco consigo olhá-la. Ela come com a boca aberta e chupa os dedos e faz ruídos. A comida é triturada à vista de todos. Fragmentos reviram-se, somem e reaparecem entre os dentes e a língua como uma baba em movimento.

Ela passeia sozinha enquanto o resto do grupo ensaia caminhatas nas horas livres. Não existe qualquer gesto de rechaço ou de rejeição, apenas estranhamento. Ninguém reclama a companhia dela. Ela não busca integrar-se ao grupo, tudo de forma ostensivamente natural, assumida, e até extremamente cortês.

Eu tampouco esforço-me por atraí-la ou por acompanhá-la.

No jantar, ela recorre à saudade de seus cães. Querendo dizer, quem sabe, que preferiria estar com eles embora apenas diga que sente falta deles, que está preocupada.

- Os cães realmente sofrem a ausência de seus donos - entrei no assunto.

Judith demonstra interesse. E continuo:

- Choram a ausência de seus donos, sobretudo na primeira noite, embora continuem choramingando nos dias seguintes.

Uma colega sussurra que eu estou sendo canalha, com um prazer enorme nos olhos.

- Há casos até de animais que se lançam de apartamentos, que cometem suicídio.

Judith olha-me horrorizada, triste.

- E' lógico que eu estou brincando. Cães não têm tamanha lucidez.

Mas Judith parece acreditar no que eu digo, não que realmente acredite no livre-arbítrio dos animais, mas porque está definitivamente convencida, independentemente de minhas palavras, do sofrimento e desolação a que devem estar abandonados os seus companheiros.

Alguém desvia o assunto. Acabamos contando, como é de praxe, piadas. Mas ela não as entende. Não esboça sequer um sorriso. Não é que estivesse absorta e ausente. Atenta mas perplexa, como que perguntando "e daí, onde está a graça ?" E confessa:

- Em casa, nunca contamos piadas.

De fato, ela não tem senso de humor. Tudo tem o sentido literal que as palavras expressam.

AAAA

Na semana seguinte, ela aparece no meu apartamento para levar-me à praia. Confessa, com certa resignação, que não fez nenhum esforço por integrar-se com os demais. Durante seis anos foi assim, e deverá continuar a ser assim nos próximos anos: apenas uma convivência agradável, ou indiferente, sem nenhum aprofundamento com os demais professores. Ainda bem que ela tem os alunos, e pode falar com eles e eles estão dispostos (ou obrigados) a ouvi-la.

Seguimos o mesmo caminho de sempre, para a mesma praia. Só o mar estava diferente: a água mais fria, e a corrente marinha parecia querer sugar-nos. Havia uma brisa enviesada e fresca. Éramos os únicos ali, mas também estávamos sozinhos, cada um com os seus pensamentos. As palavras que esboçamos foram apenas para falar das coisas que estávamos vendo, como para marcar a nossa presença, depois de prolongados vazios e ensimesmamentos.

O sol escondido detrás de nuvens de chuva.

Depois fizemos o trajeto de volta, em completo mutismo. Mas, em verdade, foi quando mais sentimos a presença do outro. Só que não encontramos como expressar os nossos sentimentos. No fundo daquele silêncio, sem disposição para o diálogo, estávamos até satisfeitos de nossa companhia.

## **UNIDADE NA DIVERSIDADE**

Como é possível vida inteligente por detrás de bigodes como os de Carlos Fuentes? Ano se questiona a inteligência do notável romancista e comentarista político, com obra e trajetória consolidadas, mas a convencionalidade típica de sua aparência. Podia muito bem ser a de um gerente de empresas - por exemplo, um editor - perfeitamente ajustado ao visual próprio de sua categoria, em que a seriedade faz parte do ritual.

Ora, Carlos Fuentes parece ser um homem vaidoso. Como pode e deve ser um intelectual com o seu talento. Os cabelos estão grisalhos, penteados no movimento natural de seu crescimento e umas discretas entradas na testa - que ele nem disfarça - não parecem representar o perigo iminente de uma calvície irremediável. Grisalhos, sim. Um tom ligeiramente ocre parece querer disfarçar o envelhecimento. Será o efeito de algum produto químico suave ou é o resultado da poluição que tanto ameaça as cabeças dos moradores da capital asteca?

Mas, em que importa a aparência de Carlos Fuentes? Certamente, em que o assemelha a certos grupos étnicos, a determinados grupos sociais que coexistem em nossa latino-americanidade.

E Carlos Fuentes nos fala da extraordinária capacidade de integração dos povos latino-americanos, atribuindo esse dom à nossa herança ibérica, em virtude de os nossos ancestrais espanhóis e portugueses terem convivido com os mouros e os judeus de uma forma ... Não explica qual. Se exemplar, se tolerante, se aberta à miscigenação mas acredita-se que seja esse o espírito de suas declarações, pois logo louva a nossa capacidade latino-americana pela convivência e fusão cultural a partir da colonização.

Usa a expressão **coexistiram**. Culturas cristas, mouras e judaicas influenciaram-se numa região submetida a constantes invasões, forjando uma autêntica vocação "pluricultural".

Já li bastante sobre essa virtude. Nosso Gilberto Freyre foi o apologista desse pluriculturalismo de arcabouço ibérico que teria levado o Brasil à miscigenação (tipo **melting pot**) em vez da pasteurização cultural própria dos Estados Unidos da América, onde se consolidou um modelo cultural mais dirigido e com a supremacia de uma vertente única, de origem anglo-saxônica.

Mas nosso Gilberto Freyre, um gênio, não caiu na simplificação e esboçou um retrato do Brasil em que a miscigenação não levou à uniformidade, mas à variedade. O Brasil tem feições múltiplas, tem variedade, não é apenas pluricultural mas polifacético, uma curiosa diversidade na unidade - milagrosa - nacional. Baixando o nível do raciocínio, pode-se usar a metáfora de que a nossa unidade se dá pela **mídia** mais que pela **média** (jogo de palavras, mas nem por isso destituído de sentido). E' pela globalização da mídia da TV e pela comunicação em português que essa diversidade no Brasil de hoje se nacionaliza, se assimila. Nossa tolerância está em aceitar mais as diferenças do que em buscar as nossas semelhanças, pois é com o contraste que lidamos e não com a nossa homogeneidade (que, aliás, nunca tivemos nem cultivamos). Nossa extraordinária capacidade de tolerância parece advir, portanto, da convivência com a multiplicidade, com a diversidade, com as **diferenças e contrastes** de nossa cultura. Curiosamente, estaríamos forjando nossa identidade na própria diversidade de nossa cultura, em que não **estranhamos** os costumes e valores alheios e, em certa medida, aportamos a valores comuns pela nossa faculdade de ampliar os próprios conceitos, pragmaticamente.

Que é um brasileiro? Como tipificá-lo? Atribuem a um general brasileiro a anedota de ter chamado a um capitão para formar um pelotão que os acompanharia a Pistoia. Iam buscar os restos de nossos pracinhas enterrados na Itália, para seu traslado ao Monumento erigido no Rio de Janeiro. O militar queria um conjunto de soldados que fosse representativo do Brasil, para o desfile lá no cenário de nossa participação na Segunda Guerra Mundial. O capitão interpretou que ele queria "vender" uma imagem "positiva" do Brasil. Naquela época a P.E. do Rio era visivelmente sulista, com louros enormes treinados como cães de guarda. Belos, de olhos azuis, prussianos. Eram filhos de agricultores do Paraná, de Santa Catarina, do Rio Grande do Sul. Descendentes de italianos, de alemães, de poloneses e ucranianos. Para o povão do Rio, eram os **catarinas**. A formação que o diligente capitão apresentou ao general era simétrica: todos acima de 1,80 m de altura, todos brancos, todos robustos e corados. O general mandou dissolver o grupo. Ele quis dizer com "brasileiros" um preto, um branco, um amarelo, um alto, um baixo, um magro, um gordo, um mulato, um ... Ele queria representar a diversidade na unidade.

Mas Carlos Fuentes é mexicano. Lá predominam os índios, seguidos dos descendentes de espanhóis. Não sei quantos negros, mas não devem ser muitos. Mulatos, não, mestiços sim. Mas, para outros povos, mulatos são mestiços. Isso para mostrar como os países latino-americanos são compostos diferentemente, na suposta mestiçagem.

Mas há um outro fator, que o escritor mexicano não tocou: que **não somos daqui**. Nossos vizinhos argentinos (de Buenos Aires) vêm a si mesmos como **européus**. Como não temos povos nativos com a presença marcante como no caso da Bolívia, do Paraguai ou do próprio México, nós brasileiros sabemos que **estamos** aqui nesta terra, uns trazidos a força, outros por opção, e fizemos aqui a nossa terra. Aos índios vemos como **nativos, aborígenes**. Os demais não são **nativos**. Estamos aqui, não somos daqui.

Como será no México, onde a maioria de índios e mestiços é nativa, enquanto os brancos são ibéricos?

Carlos Fuentes também participa de tal raciocínio: "**Pues no hay valores separados del contexto cultural que los nutrió. Y el respeto, el conocimiento y la aceptación de lo "distinto", incluso lo que pretende negarnos. Lo "otro", lo que me niega, me constituye y me enriquece en la medida en que me muestro receptivo a todo lo que no soy yo. La resolución del uno en el otro, mi transformación mediante el contacto con lo ajeno y diferente, es parte del apasionante desafío del mundo mestizo y multipolar hacia el que vamos irremediamente.**"

Na América Latina, os brancos mandam. Fazem o discurso da igualdade, mas são os que estão no ápice da pirâmide social. Certamente que há exceções.

Não há conflito racial porque há um reconhecimento tácito dessa supremacia das elites. Em Porto Rico, faz-se o culto da cultura negra mas é a branca que chega à Academia. No México, o legado asteca é recorrente, está presente na mitologia nacional. Mas não os índios descendentes da mesma cultura. Houve como-que uma apropriação da cultura pelas elites, independentemente de seus representantes imediatos. Carlos Fuentes representa esta cultura melhor que os índios que estão marginalizados. A isso Carlos Fuentes parece entender coerência entre cultura e nação. Não se pretende ver a Carlos Fuentes como um alienado. Ele está mais consciente da problemática ameríndia do que nós, apenas que o **equilíbrio crítico** em que vivemos coloca-nos (a mim, a Carlos Fuentes) numa posição de privilégio cultural, em que nos apropriamos da cultura alheia para o nosso discurso. Na medida em que conhecemos a cultura negra, ou a indígena, nos absolvemos de qualquer alienação, e podemos falar em seu nome, fazer a sua defesa. Cultura pelos próprios negros ou índios, é racismo...

Bom mesmo é cultura no museu, apartado da realidade que o circunda. Mas os museus estão deixando de ser **lugar**, para ser um enfoque, uma forma de representar cultura.

Preso numa ilha do Caribe, é o lugar de olhar para a desigualdade e para as desigualdades da América Latina. Exatamente em Porto Rico, que resiste à pasteurização ianque. Resta aos ilhéus a ibericidade que, em certa medida, abominam; e a cultura indígena, que estão recriando a partir de interpretações literárias e artísticas, para efeitos de retórica. Ah, perdão, resta também a mestiçagem, que é tanto mais absolvida quanto mais se embranquece.

DDDD

Voltando à questão inicial: certamente existe vida inteligente por detrás do estereótipo de um latino-americano de bigodes, chame-se ele Carlos Fuentes, Zapata ou Bienvenido Granda. Quem coloca em dúvida não sou eu. Na pergunta é possível perceber um preconceito, que é por demais comum entre culturas. Mas não é hora de entrar em discussões que mais caberiam num ensaio. Apenas arranho a questão, porque Carlos Fuentes andou por Porto Rico no ano passado e as suas idéias continuam sendo difundidas e discutidas entre nós. Fui ouvi-lo, para confirmar a minha admiração por sua obra literária. Antes, por ser um escritor de primeira linha, de vanguarda. Agora, porque virou comentarista de questões latino-americanas na imprensa mundial e suas idéias têm importância para a compreensão de nossa própria realidade, como para que o resto do mundo nos entenda. Ele foi eleito um de nossos interpretes, embora não se classifique necessariamente como um porta-voz. E está mudando sua imagem de um imaginador e criador de realidades, para ser comentarista de uma realidade. Tudo indica que vai acabar também no papel de político, como pretendeu seu colega Vargas Llosa. E aí o discurso é outro. O público é que vai ter que buscar intérpretes para entendê-lo.

## RETRATOS

**"En tres edades se divide la vida: la que fue, la que es, y la que será. De estas, la que vivimos es breve; la que viviremos es dudosa, y la que hemos vivido es irrevocable".  
Séneca**

Não regresssei às sessões de ginástica do Vicente. Assumi compromissos acadêmicos em novos horários, e o tempo anda escasso. Vejo-o sempre caminhando célere e sorridente por toda parte, com suas bermudas, e comunicando-se com todo mundo. E' um ser gregário, prestativo, cordial. A mulher parece não compartilhar de sua boa vontade incomensurável. Vejo-a sempre irritada, nervosa. Ele justifica-a: está fazendo o doutorado, anda angustiada, daí as farpas ferinas. Trata-o como um menino retardado, censurando-o, retendo-o, cobrando-lhe diligências e soluções. Ele sempre tem o carro cheio de passageiros a quem oferece "pon", a forma curiosa como chamam a carona por aqui. Eu sou um dos que ele recolhe, muitas vezes, a caminho da **Escuela**. Mas não sou o único, pois ele vai recolhendo quantos estejam

EEEE

caminhando na mesma direção, não obstante a irascibilidade da mulher, que está sempre com pressa. Ele, não. Até pára para conversar com outros que passam caminhando em sentido contrário, como o se o tempo fosse elástico.

- Cuide-se, professor - diz-me, ao despedir-se. E convida-me sempre para tomar a pressão arterial que, segundo ele, evoluiu muito favoravelmente. Está sempre pendente da saúde das pessoas.

Tampouco tenho sadio com as amigas Milagros, Gloria, Sonia, com as "meninas", como as apelidou o Maura. Vejo-as sempre, mas sem o companheirismo do ano anterior. Por que? Porque sim. Milagros está com o filho que veio dos Estados Unidos. Um jovem alto, belo, inteligente, que ela exhibe com orgulho. Glória - dizem - está saindo com um **pretendente**, ao que tudo indica, com dinheiro. E' possível que o costume da ilha obrigue, em situações assim, a que mulher se recolha, dê provas de dedicação... Ramón ficou apenas nas piadas, e deve ter desistido do assédio.

Maura, vejo-o sempre na **Escuela**. Vive afundado em rotinas burocráticas, depois de assumir a direção. Sempre solícito, prestativo. Nossas conversas são durante o almoço. Inteligente, culto, é a única pessoa com quem me aprofundo em temas menos triviais. Um diálogo em frações curtas, amenas, que podem ter segmentos, que reforçamos depois com documentos, fotocópias, livros e discos, tentando ampliar os conhecimentos. Não freqüento a casa dele. Vive com a mulher e filhos, em um recolhimento compreensível. Até há pouco estava sob a pressão angustiante da defesa de sua tese de doutorado em Pittsburg, fazendo sucessivas revisões de texto, que provocaram a caída de alguns de seus ralos cabelos. Ele nasceu na República Dominicana, mas já é cidadão norte-americano, com todos os direitos. [Estranho nascer em um país e adotar a nacionalidade de um terceiro, para viver em Porto Rico, mas é assim].

Fiz outras amizades, que não entraram no relato. Amizades que vão aparecendo, firmando-se, dissipando-se. Coleguismos, companheirismos de circunstância. Professores, estudantes, funcionários e pessoas a quem a gente se relaciona por motivos sociais, de interesses comuns, de convivência. Simpatias, antipatias. Em verdade, a cordialidade é a constante na ilha. As criaturas são amáveis, hospitaleiras, um tanto ingênuas, provincianas, atenciosas. Bem diferente de outros povos, onde a pragmaticidade e o carreirismo levaram a um objetivismo impessoal, a um aborrecimento nas relações humanas. Como-que aplicando a máxima de Sêneca de que as pessoas devem privar-se, evitar perder tempo com os demais.

[O filósofo estóico escandalizava-se com a facilidade com que as pessoas, solicitadas a dar seu tempo a outras, o faziam sem reservas, embora não fossem capazes de fazer o mesmo com os seus bens... Dispostos sempre a perder tempo, mas não a ceder o patrimônio... Para Sêneca, o bem mais precioso é o tempo, que não tem volta.]

Brasília, até há pouco tempo, era uma cidade de nômades burocráticos. Gente que vinha para ocupar cargos públicos e que deveria retornar a seus lugares de origem. Por isso, comportavam-se como se vivessem em hotel, evitando relacionamentos que não fossem úteis ou oportunos. Diferente de quem vive ou trabalha sempre no mesmo lugar, obrigado a ver e conviver com seus colegas de trabalho e de condomínio. Porto Rico, ao contrário, é uma ilha onde os habitantes estão obrigados a uma convivência forçada, em que as pessoas não

perdem contato com a família nem com os colegas, acabam entrando numa trama de relações pessoais que resulta em patrimônio, em referencial inestimável.

Vivendo em diferentes lugares, fiz grandes amizades e perdi o contato com elas, com as mudanças freqüentes. Nem sempre se consegue manter contato permanente com todos os conhecidos. Alguns desaparecem para sempre, outros dão notícias ou tem-se notícias deles, por terceiros. E, lamentavelmente, alguns mergulham no esquecimento. Não importa quão importante e tão profundo tenha sido o nosso relacionamento. Ou volta-se a vê-los, a reencontrá-los, e não os reconhecemos! Nossos retratos na memória costumam ser estáticos, quando não se apagam. Estar diante de alguém que o abraça, o beija, que relembra intimidades mas que a gente não consegue reconhecer, é uma experiência desconcertante.

Quando eu tinha meus vinte anos, andando pela Argentina, participei de festas e de tertúlias literárias, convivendo com muita gente. Numa dessas oportunidades, uma jovem perguntou-me como eu faria para lembrar-me, no futuro, das minhas amizades. Eu não perdi tempo, saiu-me a resposta - irreverente, por certo - sem rodeios:

- Muito simples: é provável, ou certo, que eu vou esquecer os nomes, ou até as circunstâncias em que as conheci. Mas de cada pessoa guardo um retrato particular. Mais que um retrato, uma caricatura em que sobrevive apenas um traço, um detalhe, algo que a distingue: os olhos rasgados, uns lábios provocativos, uma voz acariciante, um sesto, um gesto de descortesia, enfim, alguma coisa que acaba irremediavelmente identificando alguém. Nem sempre é o mais característico das pessoas, pois nem sempre se tem tempo para conhecê-las.

A jovem interrompeu-me. Não queria uma explicação elaborada. Estava apenas desejando que eu a notasse.

- Entendi. E, de mim, o que vai se lembrar?

Observei-a com cuidado. Era um tipo comum, sem maiores distinções. Um rosto nada marcante, um físico como qualquer outro e pouco ou nada sabia de sua personalidade. Respondi:

- Vou me lembrar sempre de você como a do bumbum.

Uma gargalhada geral. A jovem tinha nádegas empinadas, enormes, desproporcionais. Ela fingiu que achou graça, e perdeu o interesse por mim. Eu nunca a esqueci.

## **VIVER A PROPRIA FANTASIA**

"No es tan solo que lo inesperado es parte del viaje, sino que es el viaje..." Federico Fellini

Gloria estava sempre sorrindo, irradiando simpatia. Houve um momento em que nosso companheirismo parecia enveredar-se em insinuações e reticências. Tinha-a tão perto de mim, sempre afável e gentil. Um dos filhos não nutria grandes simpatias por mim. Olhava-me com certo ciúme, sempre a uma distância prudente. Era justamente o mais jovem, o que vivia com ela.

Numa das idas à praia de Dorado, percebi como crescia aquele relacionamento. Senti-me ridículo, como-que cortejado, percebendo um corpo tangente ao meu, receptivo. Gloria é uma criatura sem defesas, intuitiva, extremamente verdadeira em sua forma de relacionar-se com as pessoas.

Dias depois ficamos sozinhos no apartamento, na penumbra da sacada, olhando as luzes da cidade. Uma vertigem, um borbulhar de champanhe às vésperas do Natal. Como disse Ruben Darío, em palavras mais transcendentais, "**poniendo en un amor de exceso / la mira de su voluntad**". Não durou muito, mas o suficiente para dar a conhecer um tanto de nossas carências, e o abismo que nos separa. Despedem-nos com a certeza de um fracasso, que dissimulamos com extrema piedade. Por que deve o homem sair sempre vitorioso de tais circunstâncias? Até que ponto deveríamos levar a sério algo que talvez nem brotasse de nossos sentimentos, mas de sua ausência?

Voltamos a ver-nos, mas não éramos os mesmos.

.....

Quando eu tinha meus treze anos, um companheiro de escola, mais velho do que eu, olhava-me sempre, e com certa curiosidade. Mas evitava-me também. Ele era o atleta e participava das competições externas da escola. Trazia troféus e provocava admiração e inveja nos colegas.

Muitas vezes, temia-o. Era forte, violento. A mais de um havia agredido e, por isso, algumas vezes ficava detido nos fins de semana. Estávamos num internato, longe de nossas famílias. Chamava-me a atenção que, além de praticar esportes, estudava e lia sempre sozinho, e escrevia num caderno de forma tão pausada e circunspecta que eu jurava ser para o próprio deleite. Eu também escrevia assim, nos meus instantes de ensimesmamento e distanciamento. Apenas para mim, como protegendo-me do mundo.

Os semestres corriam vagarosamente naquelas circunstâncias, contando os dias que faltavam para as férias. Eu estudava um pouco, e lia muito. Lia os livros da biblioteca e, em muitos, encontrava a assinatura dele nas fichas de empréstimo. Passei então a tentar adivinhar que livros ele havia lido, para lê-los em seguida. Foi quando descobri as obras de Joaquim Manoel de Macedo e as novelas de Hermann Hesse, que me levaram ao encantamento. Não as entendia bem, mas deixava-me envolver em todo o seu fascínio, palavra pôr palavra. As

HHHH

vezes ele deixava o livro que estava lendo sobre a mesa e eu podia ver-lhe o título. Era um diálogo à distância, quase impossível em virtude de nossa diferença de idade.

Mas houve um instante em que o tive perto de mim. Veio defender-me de uma agressão de outro garoto. Eu tinha tudo para perder naquela briga que eu não desejava. Os demais meninos ataçavam-no contra mim e exigiam de mim uma resposta ao desafio. Mas ele acudiu-me na iminência de um massacre. Saíram blasfemando. Acompanhou-me até ao pátio, em lugar próximo aos zeladores e foi-se, sem dizer uma palavra sequer, e sem olhar para atrás. Nem tive como agradecer-lhe a proteção.

Quando chegou o fim do ano, era também a despedida de sua turma. Ele partia para sua cidade de origem, no sul. Eu já estava com a sacola pronta, esperando pelo meu pai e entretinha-me em conversas com os colegas. Ele veio falar comigo. Disse que queria entregar-me um envelope e que o acompanhasse. Fomos até ao jardim, onde ele, vencendo certo nervosismo, disse que escrevera uns versos para mim e que os guardara durante dois anos, e queria entregá-los antes da despedida mas na condição de que eu os lesse depois. Apertou-me a mão com certa cerimóniosidade, e desapareceu para sempre. Os versos falavam de um amor impossível, que não ousava pronunciar o seu nome. Anos depois descobri que Oscar Wilde havia usado a mesma expressão; ele a teria descoberto na biblioteca.

.....

Voltei a lembrar-me do jovem atleta ao ver o filme **I Vitteloni**, do genial Fellini. O filme é de 1953, filmado quando eu tinha 13 anos de idade. O cenário é uma cidade do interior da Itália e os personagens são jovens vazios, tentando matar a chatice de suas existências. Um dos rapazes do grupo é mais circunspecto, mais retraído. Faz amizade com um menino, nas madrugadas de sua província. No final, ele parte no trem. O menino quer saber a razão de sua partida. Ele limita-se a dizer que deve partir. Aquele lugarejo resultava já demasiado pequeno para ele, estreito demais para contê-lo. Na genialidade de Fellini, bastou a metáfora do rosto bonito do menino despedindo-se e desaparecendo nas brumas da manhã, enquanto o rapaz partia para viver a sua própria fantasia. Uma desgarradura fantasia.

## CONDICIONAMENTOS

Judith anda nervosa, trabalhando como uma condenada, que é a sua forma de ser feliz. Mas ela não é mais a mesma, embora continue sempre igual. Ela percebeu que sua rotina é uma forma de morte, não é uma maneira de viver. Mas não sabe como superar, sem desmorrar-se por completo.

Reaproximamo-nos, sem maiores envolvimento. Vêmo-nos sempre nos corredores, cumprimentamo-nos com assiduidade, trocamos palavras sem maiores informações mas que são como signos de simpatia e companheirismo. Sabemos que de comum só temos a condição de estrangeiros. E é quanto basta.

Esta semana ela esteve quase às raias de um ataque de nervos. Preparando um seminário, que a coloca sempre em cheque, na berlinda. Uma aluna dela contou-me que, há pouco tempo atrás, encontrou-a dando uma conferencia para um auditório vazio. Os porto-riquenhos não são pontuais. Quando ela estava terminando é que apareceram, para a atividade seguinte. Ela nem reclamou, saiu com a consciência do dever cumprido. Agora prepara um seminário, com as minúcias de um plano de guerra, que revisa e revisa em aproximações infinitas.

O nervosismo deixa-a gaga e incomunicável. Quando não funciona o micro sai em estado de desespero pelos corredores, em busca de socorro. Não pede, reclama aos gritos. Ninguém se perturba. Maura atende-a com uma paciência tensa, polida. Ela o interrompe em qualquer circunstância, como se o mundo estivesse desmoronando. Quando tudo está em ordem, depois de superado o problema, vem pedir desculpas. Se ele não está, justifica-se com o primeiro que encontra, como se fosse tudo parte de uma mesma ópera bufa. Todo mundo sabe de que se trata e dá um sorriso de solidariedade.

Encontro-a entulhada entre papéis de um estudo encomendado pela administração. Excesso de dados. Ela transita da impaciência para o estado de desespero. Fecha e abre o cartapácio, quer deixá-lo mas o dever obriga-a a continuar na mesma obra. Olha-me com certa doçura, como pedindo socorro ou salvação.

Busca palavras, saem ruídos ininteligíveis. Digo-lhe "**take it easy**", tentando ajudá-la. Desiste de falar, reinicia. Entendo que deseja vencer aquela situação. Qualquer outra pessoa, em tais circunstâncias, "saía numa boa, dava a volta por cima". Ela, afunda-se. Percebi que queria minha ajuda. Não para a tarefa, mas para sair da rotina. Acabou revelando o seu desejo: ir comigo ao cinema. Disse que sim, quando quisesse, tentando salvá-la. Mas, depois de um silêncio resignado, completou:

- Tem que ser no fim de semana, naturalmente.

O **naturalmente** soou antinatural, pesado, queixoso.

Encontro o santo do Maura, igualmente afundado em tarefas burocráticas. Comento que Judith anda irascível e que, tentando dominar-se, coça as nádegas. Um sesto, um escape. Ele fulmina, como vingando-se de seus acossos:

- Deve ter aprendido com os cães de sua estima.

## ANTROPOFAGIA

Durante um festival internacional de cinema celebrado em San Juan, no ano passado, senti a falta do cinema brasileiro. Apesar da crise econômica de Cuba, a Ilha de Fidel, mandou duas produções avidamente concorridas pela audiência. **Vidas Paralelas** e **El Reino de Este Mundo**, esta última baseada no célebre romance de Alejo Carpentier. Nada fantásticas, numa temática tão desorientada como a que predominava no último período do Cinema Novo...

Em conversa com o jovem Almeida Prado, que apresentava o único filme verde-amarelo do evento - **Perfume de Gardênia** -, o cinema brasileiro continua moribundo depois do Collor. Mas a crise já vinha de longe.

O filme do paulista agradou-me. Bem feito, apesar da economia de meios. Criativo, bem dirigido. Mas estava longe de ser uma obra prima, distante daquelas propostas ousadas e polêmicas que caracterizaram o Cinema Novo.

A reação de minhas amigas Gloria, Milagros e Sonia, que me acompanhavam e serviam de termômetro, foi de simpatia mas não de entusiasmo. Gostaram, e ponto final.

Senti um tanto de inveja e perplexidade ao ver que nações africanas e asiáticas, antes sem qualquer tradição cinematográfica, estavam presentes... E bem representadas. Mas o cinema francês e o italiano, tão fortes e inovadores durante décadas, estão encolhidos enquanto os espanhóis aparecem e brilham.

Parece que o cinema de alta tecnologia está superando o da inventividade do autor. Televisão em cabo e locadoras de vídeo educam as novas platéias, na alienação nossa de cada dia.

.....

O Cinema Novo foi o melhor, porque era impossível. A frase é do Roberto Sganzerla, o ousado criador de **Bandido da Luz Vermelha**.

Carlos Diegues, Glauber Rocha, Joaquim Pedro de Andrade, Leon Hirszman, Miguel Faria, Nelson Pereira dos Santos e Walter Lima Jr, no épico manifesto "Luz e Ação - estavam convencidos de que a invenção permanente é o que distingue um bom filme dos demais. Mas devem ficar perplexos ao constatarem a invenção de "efeitos especiais" que superam a própria temática - ou que se convertem em temática... - fascinando platéias inteiras, que já não crêem nas idéias mas na forma espetacular em que são colocadas, idéias carentes de idéias mas plenas de truques e magias ilusionistas. Uma nova estética?

KKKK

Estamos longe daqueles tempos heróicos em que o Carlos Estevam pregou a arte popular revolucionária. Fora dela não haveria outra forma de arte. Arte burguesa não era arte, arte do povo tampouco, nem mesmo a arte popular, inspirada na arte do povo, era arte para os radicais do Centro Popular de Cultura. Eu estava lá na leitura do Manifesto. Vibrei, aplaudi, mas saí assustado, com a dúvida de ser mais um alienado ou um pequeno-burguês... O Ferreira Gullar também estava e logo publicou o pior livro de poesia de sua vida. E ele é um dos nossos melhores poetas. Logo depois queimaram o prédio da UNE.

[Por certo, também publiquei um poema "engajado" no jornal do **Partido**, com o pseudônimo de Da Nirham Eros. O Grabois fez retoques. Justificou que minha linguagem era revisionista. Eu que saía em marchas de rua contra a censura oficial fui censurado pelos cânones do realismo soviético... Nunca mais voltei à redação do jornal, nem para recolher minha máquina de escrever, antes do empastelamento que sofreu por parte da polícia e de grupos direitistas].

Felizmente, o Cinema Novo rejeitou a fórmula do realismo soviético. Nosso cinema só chegou a La Habana, nunca teve acolhida entusiástica em Moscou. Ficou para o consumo dos intelectuais de esquerda da Europa e da América Latina, pois tampouco conquistou o povão, que preferia as **chanchadas** e a Hollywood. Reinventar a técnica de cinema dentro da "estética da fome", combinando a crueza do neo-realismo italiano com as divagações metafísicas do **nouvelle vague**, resultava um exercício de experimentalismo, ainda que genial em todos os sentidos, francamente elitista...

Depois da Embrafilme e da tentativa de criar um mercado comum latino-americano para o cinema continental (proposto pelo Roberto Farias), veio a crise. E o cinema brasileiro, numa posição mais madura e mais pluralista, já produzia para todos os públicos, e já conquistara um público cativo, mercê da reserva de mercado mas também por sua qualidade e diversidade. Mas nunca chegou à televisão, salvo por exceção.

Durante os tempos difíceis do Geisel, quando ainda havia tortura e censura, o cinema era combativo e até audacioso, apesar das queixas de cooptação e (possível) autocensura. Creio que foi o lúcido Gustavo Dahl, diretor da distribuidora da Embrafilme, que entendeu que cinema, em qualquer circunstância, é uma indústria e que precisa de mercado. Não pode viver eternamente na clandestinidade, sob pena de nunca ir ao público que pretende transformar. Ele estava consciente dos riscos do patrocínio estatal ao cinema, mas também consciente da diferença entre Estado e Nação. O apoio estatal era imprescindível e era uma conquista da Nação, desde os tempos de Vargas, que independia do regime de turno, que podia ser uma circunstância negativa, mas a ausência de recursos era igual ou mais negativa, na medida em que impedia a existência da indústria...

As co-produções do ciclo final do Cinema Novo eram tão cooptantes quanto as da Embrafilme, com o agravante de que obrigava a uma estética do "exótico" para agradar o financiador, como está acontecendo nas co-produções de Cuba com a televisão espanhola de nossos dias...

Dahl tinha até mais desconfiança de nossas "elites democráticas" do que dos militares. O jornalista Carlos Castelo Branco dizia a mesma coisa. Foram as elites que apoiavam Collor que, em nome da livre iniciativa e das leis do mercado, acabaram com a Embrafilme, no mesmo instante em que a França, com seu cinema ameaçado, volta a legislar para garantir a

LLLL

sua sobrevivência. Mas que não se entenda como simpatia pelos militares, mas apenas como estratégia de sobrevivência, quando se sabe as contradições do regime e se pode tirar proveito da circunstância para um projeto mais transcendente. Em outros termos, uma visão flexível e dialética, em contraste com a visão suicida e radical de outras lideranças.

.....

Mas Glauber e os nossos cineastas não teorizaram apenas sobre cinema. Resulta impossível entender a arte que eles criaram, sem ler os seus manifestos e entrevistas.

Todos coincidem em que o Movimento Modernista de 1922 foi a primeira grande e verdadeira manifestação de arte nacional, embora nas formas reconhecíveis pelas elites. Não necessariamente as elites econômicas e políticas - que são tão analfabetas, ou mais, que as minorias miseráveis - mas as de intelectuais e da classe média. Mas inventou a antropofagia cultural. Inventaram a capacidade de devorar modelos estrangeiros e vomitar fórmulas novas, híbridas, sem compromisso maior com as origens.

O Cinema Novo foi a própria festa do Canibalismo. **Terra em Transe** (Glauber Rocha, 1967) e **Macunaíma** (Joaquim Pedro de Andrade, 1969) devoram tudo, até o espectador, que não sabe se está na tela ou na platéia, que se sente convidado a uma festa em que é comido e vomitado. **Macunaíma**, repetindo as propostas de um "universal a partir do nacional" de Mario de Andrade, já no período eclético e **udigrudi** do Tropicalismo, já revelava toda a força miscigenadora própria de nossa cultura.

**A Idade da Terra**, o polêmico filme de Glauber Rocha não conseguiu financiamento na França, nos EEUU, na Itália nem no México, acabou sendo financiado pelo governo Geisel, que pretendia devorar. Os censores devem ter sadio da sala de exibição convencidos de que, se não entenderam, tampouco representava perigo para as massas... Intuição dos burros, que não deve ser subestimada. O Grabois, bem mais inteligente, teria mutilado metade das cenas que não obedeciam o catecismo realista. Teria censurado até o próprio Eisenstein, por hermetismo.

O certo é que as nossas elites continuam devorando a gente. Sem piedade, e sem a Embrafilme. Pelo menos a Embrafilme colocava o problema e trazia algumas mensagens de esperança.

## NA FORÇA DAS AGUAS REVOLTAS

"Aprendi desde cedo a viver para dentro,  
mundo porque não me adaptava

construindo o meu

**ao de fora." Carlos Drummond de Andrade.**

Encontro-a no laboratório de informática reservada aos professores. Ela levanta os olhos, como para expressar que está sendo incomodada e mergulha logo no trabalho, sem comentários. Judith é primitiva e verdadeira em sua expressão. Não disfarça seus sentimentos, por mais rudes que possam parecer. Dá a entender que chegou primeiro, que está ocupada, que não quer ser perturbada, que qualquer distração pode tirá-la de sua concentração. Era sempre a única a usar, com regularidade, aquele espaço, quase só seu. Ninguém jamais tentou interrompê-la, reconhecendo um direito por razões que nem se pretende questionar.

A minha presença altera as regras do jogo. Eu também tenho direito, mas não há por que discuti-lo. Meu direito deve ser posterior, sem prerrogativas.

Quando ela chega e eu estou trabalhando, olha-me como a um invasor de seus domínios e demonstra incapacidade de manejar a situação. Apenas apela para a necessidade e premura de sua necessidade, sem inquirir se eu, ou quem quer que seja, acaso tem também urgência. Mergulhada na angústia de sua obrigação, está convencida de que **deve** trabalhar quando precisa, não pode esperar. E as pessoas jamais discutiram se isso era ou não legítimo; ao contrário, reforçaram nela a certeza de que a sua necessidade era, por sua natureza inquieta e impaciente, imediata. Os outros, no juízo dela, tem outra noção de espaço, de responsabilidade e de **timing**.

Recebo-a, no entanto, com hipócrita ou polida condescendência. Explico-me. Dou a entender que já estou terminando, que logo em seguida ela poderá dispor do microcomputador mas ela nem comenta, apenas expressa um irritação silente, angustiada.

Alguém disse que Judith é como uma criança acoitada, com a obrigação de um dever a cumprir. Ela **tem** que cumpri-lo. E deve pensar que os demais não têm o mesmo nível de compromisso. Mas não é sequer por egoísmo, é como expressando sua própria responsabilidade, para que fique patente, ostensiva, para que todos possam certificar-se. **She is committed**.

Sua cara de desgosto com a minha chegada não é por minha causa, mas por sua própria incapacidade de dominar-se. É uma reação **natural**, própria de sua total devoção (mais que dedicação) e insegurança. Precisa ter tudo sob absoluto controle, que demonstre a todos esse domínio absoluto das coisas, como para precaver-se, defender-se. Não é capaz de trabalhar com o imprevisto e o imprevisível.

Os alunos devem sujeitar-se ao seu plano. Ela crê que tem um roteiro seguro para levar a cabo sua tarefa e não aceita que saia do previsto. Ela deve formular as perguntas e orientar as respostas, como garantia de transmitir o conhecimento. Fora disso, é o caos.

Tento conversar com ela, na praia. Ela sempre revela uma extraordinária modéstia e está eternamente disposta a aceitar como verdadeiras as críticas. Nunca pecaria por soberba ou orgulho. Confessa-se disposta a abrir-se, que está mudando, que aceita mudanças mas

confessa-se, de antemão, incapaz de domar a própria impaciência. E reconhece que a rotina e o dever, para ela, sempre foram fórmulas caseiras de orientar a sua ação.

Noutro universo, ela considera-se liberta pela paixão que nutre pela música e pelo exercício permanente da leitura. Não tem paciência para ler em espanhol, que exigiria um esforço e uma disciplina maiores. Ela prefere as artes plásticas como forma de conhecer a realidade local, em vez do universo inseguro das palavras. Ou a música clássica, que apela para formas mais universais.

Começo, com dificuldade, a penetrar o labirinto de suas regras e crenças. E' uma judia convicta, mas não é ortodoxa nem fanática, mas a religião ajuda-a a identificar-se e a relacionar-se. Não é das que aceitam ensinamentos sem questionamento, mas nunca os coloca no risco de rejeitá-los. Tradição e razão são forças opostas, mas também são uma ponte segura para transitar, para interpretar questões contraditórias e interdependentes.

No revolto das ondas ela volta a ser criança, a brincar e a ser feliz por inteiro. Mantém sempre uma distância prudente, mas sente-se feliz de ter-me banhando ao seu lado. De não estar só, de compartilhar de tais momentos de significado e prazer tão gratos para ela. Outra pessoa confessou-me que Judith é, sem sombra de dúvida, **buena gente**, no sentido de que jamais ataca ou ofende para atacar ou ofender, que nunca quer o mal para os outros. Nem sequer disputa posições, ou privilégios; ao contrário, não os deseja. Pulando e mergulhando na água, quase cega sem seus óculos, ela converte-se numa pessoa frágil e satisfeita. Pede-me a mão para enfrentar a violência da corrente de água, até trazê-la à areia da praia. Ri de sua fraqueza. Instantes depois, no trajeto de volta, agradece-me pela mão segura que a ajudou. Com certo orgulho, com uma pura manifestação de simpatia. Comovente.

.....

Acabo descobrindo a minha própria impaciência e intolerância. Mas sei como disfarça-las, com uma certa piedade por meus próprios defeitos. Disfarço melhor a minha insegurança, manejo quase à perfeição o improvisado e a minha incapacidade de impor-me um rigor mais científico ou metodológico aos meus argumentos. Não raro envergonho-me de minhas convicções, por cegarem a minha visão mais ampla dos fenômenos; sinto algum pudor pelo manejo excessivo da intuição e da auto-estima.

Descubro que Drummond era muito mais inseguro do que eu, guardadas as proporções. Para não deixar ambigüidade, esclareço estar referindo-me as desproporções entre a grandeza literária do poeta e o meu exercício amadorístico no uso das palavras. Mas Drummond era frágil e insatisfeito de si mesmo. Parecia isolar-se do mundo, no mundo exclusivo de suas poesias e de suas crônicas de igual lirismo, para disfarçar o que ele, em carta enviada a Alceu Amoroso Lima, considerava a sua precária educação acadêmica. Não passava de um profissional fracassado das artes farmacêuticas e sua capacidade não ia além das leituras de ficção e poesia. Sem os rigores dos especialistas em literatura. Prudente, nunca meteu-se no campo da crítica ou do ensaio. Evitava atividades sociais e não aceitava convites para dar conferências.

OOOO

Só uma pessoa tão grande era capaz de ver a sua própria limitação. E a limitação de Drummond parece tê-lo defendido do maneirismo e cacoetes intelectuais, deixando fluir em toda a sua criação uma intuição formal a um tempo criativa e rigorosa. Creio que só mesmo no campo da poesia conseguia segurança suficiente para ousar teorizar. Nunca fez manifestos mas fez poesia sobre a própria poesia.

**"Vou por um desvio, que é escuro e sem alegria, e não tenho certeza de chegar ao fim"**, confessou - estas foram as palavras que ele mesmo usou - ao maior pensador cristão do Brasil, que foi Amoroso Lima. E Drummond era um quase-ateu, sem convicção religiosa por "deformação" de sua própria educação incipiente, seguido seu próprio juízo. E para um mineiro que nunca renunciou ao seu provincianismo, tal falta de religiosidade era, sem dúvida, um terrível defeito. Que o teria levado ao abandono de si mesmo, conforme suas próprias queixas.

Quase como autoflagelando-se, o maior dos poetas brasileiros confessa-se impotente diante de seu dualismo de estudante que conquistava prêmios e o rebelde e insubmisso que se escondia em suas entranhas.

Eu sempre assumi, com muita lucidez e cinismo, tal contradição, se ela não é a própria essência, ou dialética, do processo de aprendizagem.

Descobrir a angustiada humildade de Drummond, longe de consolar-me, leva-me a uma confissão de soberba, imprópria para os autodidatas, no julgamento do próprio bardo mineiro...

Ao contrário, Judith professa uma franciscana culpa por sua ignorância e, como penitência e devoção, consome-se e autoflagela-se para ter um mínimo de auto-estima e segurança no domínio do conhecimento. Deve ser o exato caminho dos sábios.

## PRESENÇA DO BRASIL

O Brasil está em cada esquina de Porto Rico e certamente Porto Rico está em toda a costa do Brasil. Basta observar. Mas a semelhança deve passar do óbvio - das palmeiras e dos negros em transe nos rituais africanistas - para outras realidades. Sobretudo na ascendência e na dependência.

Foi a nossa querida Elba Ramalho, no exagero de seu estilo pós-tropicalista, depois de gravar um disco em San Juan com o compositor de **salsas** Glen Monroig, que achou a cidade "igualzinha a Caruarú". Se buscarmos as semelhanças físicas e topográficas, vamos certamente acreditar que a cantora estava em estado de alucinação pois San Juan estende-se à beira mar, vivendo suas contradições de porto turístico, com relíquias coloniais e uma mini-Miami de hotéis e cassinos para os visitantes, e com sua negritude recolhida nos subúrbios. Caruarú é a porta do sertão e, depois das suas feiras domingueiras, vem a alegria de sua

PPPP

música junina (**sanjuanina...**), terra do forró e das festas coletivas de raízes tão populares. Por certo, dizem que forró vem de **far all**, no mesmo espírito da tradição da salsa, que é aberta a todos e que, só agora, começa a absorver linguagens mais sofisticadas para sua internacionalização.

Não sei - nem pretendo saber - de onde vem a salsa, onde nasceu. Para mim, nasceu em toda parte do Caribe. Assim foi a minha percepção em Maracaibo, em Barranquilla e Cartagena, em Panamá, em San Juan, em Miami e em La Habana, guardadas as influências locais. A **salsa** é o Caribe **par excellence**, na medida em que filtra diferentes origens e estilos.

E não é de estranhar que Elba, depois de cantar forró, lambada e axé, identifique-se com a **salsa**. Tampouco que tenha reconhecido uma Caruarú no Caribe, como poderia, com mais facilidade, ter redescoberto o Pelourinho da Bahia de San Juan.

Mas são os intelectuais que mais se assemelham.

.....

De repente, uma invasão de brasileiros. Gente muito simples, ordeira, desceu dos navios da frota naval da Marinha do Brasil. Cinco navios. Marinheiros e fuzileiros navais, e uns poucos soldados da aeronáutica (os "araujos") do porta-aviões Minas Gerais, que insiste em permanecer símbolo e presença.

Havia visitas aos navios e até banda de música na praça.

Jogados nas ruas de San Juan, às centenas, poderiam confundir-se com a população local, pelos traços mulatos de sua composição. Gente humilde, quase sempre. Negros, mulatos e uns poucos arianos, de todas as estaturas e estruturas. Certamente havia algum sansei e descendentes de índios amazonenses. Feios mas convencidos de sua beleza. Em sua diversidade, eram o retrato transposto do Brasil. Unidade na diversidade. Tão iguais, e tão diferentes! E, tão parecidos aos da terra, deles se destacavam pela forma de andar, de expressar-se, de comportar-se.

Feia também é a população que circula nos ônibus, nas ruas do comércio de Rio Piedras. Feia, se comparada aos padrões impostos pela mídia, mas certamente bonita por seus próprios padrões e valores. Afinal, valor não é, está. Felizmente a nossa língua latina consegue separar ser, de estar.

Gente linda, se os parece. Por que não?!

.....

No ônibus, a marujada mais velha voltava para os navios, com bolsas e pacotes. Sem identificar-me, pude ver-lhes as faces talhadas nos diversos cruzamentos, nas cores que recebem a uniforme presença salina do mar. Levavam presentes para suas esposas, para

QQQQ

suas noivas, seus amigos e familiares. Um pouco de sonho, de saudade, de carinho. Brincavam, comentavam coisas talvez sem importância mas significativas de suas existências, entendiam-se. A marujada havia sido impecável, sem distúrbios, crianças em férias nas ruas da cidade, foi o que um deles quis dizer. Estava orgulhoso. Era isso que ele esperava. Nada mais. Parece que entrou em vigor um novo plano econômico no Brasil, ninguém ousou explicar o que estava acontecendo. Se continuavam pobres, ou estavam ainda mais pobres. Mas estavam felizes, regressando para casa. Sim, o Brasil estava lá longe, com suas famílias, suas coisas, suas vidas. O resto é abstração. Não, não houve congelamento desta vez, parece que os preços dispararam, ninguém entendeu bem o que vai acontecer com os salários, mas todos querem voltar logo, o quanto antes. Tudo bem.

Os demais passageiros, que os vêem tão parecidos a si mesmos, estão perplexos, sem saber de que estão falando.

Perguntam onde descer, não entendem bem o motorista, uns descem num ponto, a outra metade no ponto seguinte.

O motorista desabafa:

- Y estos que no se entienden y no entienden a nadie. Yo les dije que era mejor bajar en el otro punto y mitad se quedó sin saber qué...

- De donde son? - pergunta uma passageira.

- Son brasileiros. Están en los barcos. Pero no hablan ni español ni inglés, no entienden a nadie y nadie los entiende a ellos. No sé cómo se les antoja salir viajando por el mundo con una lengua que solo ellos hablan...

.....

E' certo: o Brasil é uma ilha em que se fala o português em todos os pontos cardinais. Fora do Brasil, a identidade nacional é mesmo o idioma, ainda que emprestado. Abrasileirado. Nos Estados Unidos da América chamam-no "Brazilian Portuguese" pois ninguém quer aprender mais o de Portugal, com todo o respeito que se tenha pela Madre Partia.

E os brasileiros já estão em toda parte. Basta esperar para ver: logo surgirá a nossa literatura no "exílio", tão boa quanto a música brasileira que já estão fazendo fora, por brasileiros nascidos no Pará, no Rio, em Minas Gerais, com a colaboração de músicos da Nigéria, de Nova Iorque, da República Dominicana, de Roma e da Bélgica. Quem sabe em português, talvez em inglês ou alemão. Dá na mesma. Quem viver, verá.

E estamos deixando de ser folclóricos para sermos universais. Muitos estão saindo para ver o Brasil inteiro, de longe. E para entendê-lo. Com o distanciamento e o paralelismo próprios para a reflexão. Para constatar, afinal, que San Juan é igualzinho a Caruarú.

## RETRATO SEM BEIRADAS

Esse que aparece na foto colorida em frente ao **Castillo de San Cristobal** não sou eu, mas o que a vida fez de mim. **Reloj, marques las horas.**

Ou vidas, pois as tive em quantidades. E as vivi com a intensidade que os poucos meios ao meu alcance me permitiram.

Algumas rugas e uma papada flácida denotam o cansaço de guerra, noites de espera, **stress**, mas os olhos revelam uma satisfação condescendente. Sim, valeu a pena ter vivido e mais ainda vale a pena continuar vivendo, mesmo que a carne se esgarce e as articulações revelem enrijecimento. Ou que a fogueira dos vinte anos dê lugar a uma vida mais contemplativa.

No canto do lábio há um certo cinismo, um resquício de desdém. Denota alguma frustração indelével, marcada e recalçada na comissura, revelando desejos insatisfeitos.

A cabeleira continua espessa, prateada. A testa um tanto lisa e taciturna, escondendo uma personalidade instável nas entranhas mas equilibrada na superfície. Fantasias e realidades fervilham pelo sangue, em dimensões que se completam.

**Sou trezentos, trezentos e cinqüenta.** Meu amigo Tadeu lembra-me os célebres versos de Oswald de Andrade. Não sei se fui, se continuo sendo. Alguma coisa ficou, como a borra do café no fundo do coador.

E existe também a memória da pele. E as imagens apagadas no fundo da memória. E os fantasmas que voltam sempre cobrando sua existência abandonada. Mas só me arrependo do que não fiz, ou não fui capaz de fazer. Absolvo até as minhas canalhices.

## DOIS PERSONAGENS EM BUSCA DE UM AUTOR

E apareceu Salomé, em plena Sexta Feira Santa, com véus e lenços transparentes, dançando com o ventre insinuante, para o desespero de seu padrao Pôncio Pilatos. Tinha os olhos felinos, ferinos e queria a cabeça de João Batista. No prato, inteirinha, para certificar-se de sua morte. Idéia fixa. A voz era de uma mexicana.

Em seguida, saí pela avenida oceânica - "el malecón" - de Santo Domingo. A maresia forte devolvia o cheiro dos despejos dos esgotos, enquanto casais, às centenas, caminhavam pela calçada, e alguns turistas falavam em suas línguas secretas, para o próprio entendimento e satisfação. Um mendigo meteu a mão no meu peito, buscando uma esmola. Tremi de susto. Eu procurava os meus amigos Sofia e Mário nalgum restaurante dos hotéis da orla marítima.

Ainda estava eu entorpecido, depois de um sono atravessado, no final da tarde, cansado de tanto caminhar pelas ruas do setor colonial da capital dominicana. Igrejas e casarões de pedras claras e sólidas, como testemunhos de cinco séculos de perplexidade e esperança. Tão alto fala a vontade humana em suas utopias e obstinações!

Por ali andou Cristóvão Colombo e ali foi enterrado. Alguns prédios conservam linhas tardias da arquitetura medieval espanhola, em que os traços civis, militares e religiosos se confundem. Em Santo Domingo começou a América e o processo de descobrimentos, da conquista, da evangelização e domínio espanhol no Novo Mundo.

Regresso ao Hotel V Centenário a tempo de assistir à crucifixão de Cristo, via satélite. A cores. **King of the Kings**.

.....

Sofia Vivo é artista e andarilha. Tem um vigor dominante, uma presença muito forte e desinibida. Mário de Andrade é suave como um amante domesticado fazendo a corte. Sempre irônico.

Os dois chegaram a Porto Rico, via Aruba, depois de lerem alguns capítulos de **Relógio, não marque as horas** enviados pelo correio. Já não os esperava mais, pensando que o entusiasmo pela viagem arrefecera.

- Vê lá como nos coloca no seu relato - brincou Mário, que não é o escritor mas é sim economista de um banco continental de desenvolvimento.

- Depende. A realidade é sempre mais cara do que a fantasia, mas podemos transformar fantasia em realidade a gosto do freguês... - brinquei eu. Como quer que os descreva? Como turistas novos-ricos buscando fantasias ou como intelectuais entediados fugindo da realidade?

Eu havia falhado ao encontro marcado para o lançamento de nossa antologia poética, na Flórida. Sofia foi a animadora e produtora do evento, na Feira Internacional do Livro de Miami. Eu sabia que ia ser um fracasso. O livro saiu atrasado da gráfica, não houve tempo para incluir o vernissage na programação oficial, e eu fiquei retido em San Juan por causa da greve da American Airlines. Poupei-me.

No ambiente limitado de Brasília, onde existem tantos escritores quanto academias literárias, Sofia é polivalente: poetisa, bailarina, artista plástica. Uruguaia, cidadã do mundo, mantém-se sempre ativa nas lides culturais. Não gosta da cidade, gosta do Mário, que é brasileiro e está estacionado ali por razões profissionais.

Nossa amizade é recente mas assídua, graça ao calor humano com que ambos brindam suas relações pessoais.

Alugaram um carro e eu saí com eles na condição de cicerone. Sem planos. Divertindo-nos. É possível dar a volta à ilha em dois dias, graças às estradas e autopistas. Horas de

TTTT

observação e reflexão num veículo em movimento. Olhando pra fora e para dentro, e para a vida vivida.

- Os ingleses colecionavam países, tinham colônias nos quatro pontos cardais. Outros colecionam vistos em passaportes... A ver qual de nós esteve em mais países. - sugeri, para passar o tempo.

Sofia, que já desempenhou múltiplos papéis na vida e tem uma especial inclinação pelo aprendizado/ensino de línguas estrangeiras, ganhou com folga: esteve em mais de sessenta, contra os meus quarenta e os vinte do marido.

A paisagem nova e repetitiva, impondo comparações a partir das experiências de cada um. Cidades, povoados, praias, balneários e o sol amenizado pelo ar condicionado do carro. Uma parada para observar a costa atlântica desde El Yunque, uma breve caminhada pela praia de Fajardo, um mergulho no mar em Guajataca e as lagostas e camarões da costa do Caribe, que a gente não sabe se são frescos ou se foram importados das ilhas vizinhas...

Logo saímos buscando os classificados dos jornais para saber as oportunidades de excursão. No Caribe qualquer ilha é país. Ou cada país é uma ilha. Até as mais diminutas, perdidas no oceano. E falam as línguas dos antigos proprietários, ou suas degenerações (degenerações pode parecer uma expressão preconceituosa, usemos então palavras mais apropriadas: mestiçagens, fusões, variações) como o papiamento e o créole. Foi como chegamos à República Dominicana.

.....

Sofia tem uma capacidade extraordinária para negociar, para barganhar, o que é providencial nestas circunstâncias. Se ela fosse a Cúcuta, como a minha amiga Blanca Alvarez, seria capaz de comprar pelo preço justo enquanto os tímidos e os tolos saem sempre lesados. Sabe articular, tem um sorriso por detrás de uma certa agressividade na voz, é firme e persistente. Mas o Mário garante que é mais pelo prazer do desafio do que pelo desejo de levar vantagem; que ela é capaz de pagar espontaneamente a diferença conquistada na barganha quando o vendedor cai-lhe bem. Eu acrescentaria: com a satisfação de ter sido generosa, com o dinheiro alheio... Mas é provável que não seja bem assim, em toda parte. Há lugares em que os preços são anunciados acima do valor real para permitir a pechincha, garantindo o lucro do negociante e a satisfação de um cliente como ela.

Os dominicanos são artistas nas artes da trapaça com os turistas, facilitados pela sua simpatia. Indiscutivelmente, um povo agradável e comunicativo. No câmbio negro o dólar sobe uns dez por cento, chance para os doleiros. Eu não sei lidar com essa gente. Prefiro o certo ao duvidoso, o seguro ao risco. Sofia quis tentar, por achar divertido. Os dois malandros tentaram trapaceá-la, passando as cédulas celeremente e dobrando outras, contando-as em dobro. Ela percebeu e desmascarou o leviano. Saiu irritada do episódio. Mais irritada do que se tivesse sido enganada.

- Incompetentes, nem roubar sabem! - esbravejou.

UUUU

Ela parecia frustrada, como se desejasse experimentar a situação com um verdadeiro e hábil trapaceiro. Mário ainda pensou em ensinar o malandro, baseado na experiência de ter sido enganado antes na Tchecoslováquia. Eu apelei para o humor:

- Esses coitados têm muito o que aprender. Melhor fariam se fossem treinados pelo teu marido que é banqueiro e sabe fazer bem essas coisas...

Depois ela negociou o preço da charrete. O cocheiro pedia cento e vinte pesos, ela ofereceu oitenta. Acabamos embarcando por cem. Mas o cavalo ficou irredutível, negou-se a sair, emperrou de vez. O pobre homem começou a agredir o animal e nós preferimos pular fora.

- Oferece cento e vinte, quem sabe ele desemperra... - conclui.

.....

Mário e Sofia ainda tiveram fôlego para uma viagem às Ilhas Virgens mas eu preferi ficar e cuidar dos meus afazeres. Logo manifestaram o desejo de conhecer Judith pessoalmente. Já a conheciam da leitura das primeiras partes do presente relato. No encontro, olharam-na com certa curiosidade e simpatia. A mesma sensação que deve ter experimentado Leila ao conhecê-la. Judith sempre passa uma sensação de doçura e desconforto.

## LOST CITIES IN THE AMAZON

Garanto que não foi o Márcio Souza. Depois de tramar encontros de terceiro grau na Brasília militar e expedições na Amazônia com extraterrestres, e aviões da FAB cruzando os ares com os discos voadores, ele assumiu um cargo de executivo da literatura e voltou ao asfalto e aos mundanos. Mas bem que podia ter sido o Márcio...

Quem escreveu de Miami para dar a notícia foi o meu amigo B. Wallace que é fissurado nestes temas. Está preparando uma missão particular para entrevistar Tatum Nara, depois de decifrar alfarrábios em alemão sobre Akakor. Mas não conseguiu ainda um Champolion para a interpretação definitiva dos escritos dos Pais Ancestrais de Ugha Mongulala, de cuja tribo Tatum é um príncipe.

Sem dúvida, os bandeirantes fizeram contatos com uma das cidades perdidas e sobre isso existem relatos extraordinários. Não sei por quê o Antonio Miketen, ao preparar o seu fantástico **A saliva do verde**, não fez referências a tais evidências. Miketen descreveu uma dessas cidades com a intimidade de um expedicionário, com a precisão de um cronista. Mais inclinado para a botânica e para as fabulações místicas, Miketen fez uma descrição maravilhosa e

emocionada do templo e está aí para quem quiser reviver a emoção da descoberta. No coração úmido e vegetal da Amazônia.

Estamos falando de uma civilização com quinze mil anos de existência. Que ainda está viva, escondida nas entranhas da selva, preservada e defendida por uma tribo que escapou do domínio espanhol e conserva os segredos recebidos pelos deuses que vieram de outras galáxias. Índios de cabelos vermelhos falando um alemão interrompido nos tempos imemoriais vagam pela floresta desde então. Foram vistos por garimpeiros e missionários. Como andaram pelo Acre, pensei que o Márcio tivesse contato com eles mas o escritor aparece extraditado de suas raízes ou guarda um tesouro para seu livro definitivo, o que é mais provável.

O SNI tem um relatório completo sobre o assunto. Conserva a sete chaves para defender-se de jornalistas impertinentes e da zombaria dos falsos cientistas. A Amazônia é grande demais e sepulta seus segredos. E' lá onde está a chave para decifrar as grandes verdades da nossa civilização.

O mesmo povo de Akakor construiu Tihahuanaco e refugiou-se em Macchu Picchu, antes de descer para as entranhas da hiléia amazônica quando os espanhóis rasgavam as encostas dos Andes e partiam para as beiradas da selva em busca do Eldorado. As cidades de pedra são muitas: Akanis, Akakor e Akahim. Os nomes indicam a seqüência de sua construção, conforme as raízes lingüísticas sugerem. Akanis fica num istmo do México. Ia do Atlântico ao Pacífico a civilização e a Crônica de Akakor, referida por Tatumca Nara, reporta-se ao ano 10.481 antes de J.C., no calendário gregoriano. Existem outros registros verossímeis em quechúa, que é a língua mãe das línguas do continente. Para escândalo e ceticismo de muitos, havia sim - sempre existiu - uma forma escrita, com 1.400 símbolos, com significações variantes conforme seu encadeamento. A escrita dos Deuses. Em monumentos incas, maias e aztecas eles aparecem, com as transformações próprias de seu isolamento no tempo e no espaço. Tatumca Nara consegue lê-los. Como domina mal o português e o alemão, suas alusões aos textos originais resulta de pouca serventia, conforme o testemunho do jornalista alemão Karl Brugger, que o entrevistou em Manaus, num boteco chamado Graças a Deus, em 1972. Brugger chegou a iniciar uma expedição com o interprete até as fronteiras do Peru, nos calcanhares andinos, chegando ao Rio Yaku mas teve que regressar em virtude (ou desgraça) de problemas intransponíveis. Entre eles, o desaparecimento súbito de Tatumca, pintado com estranhos símbolos de Ugha Mongulula.

Para os cépticos fica uma pista recorrível: tanto a Funai como a FAB têm registros copiosos. Tatumca salvou os tripulantes de um avião caído na selva acreana e existe até um pedido de extradição do governo peruano, acusando-o de participar de uma levante indígena sanguinário. O governo militar chegou a dar a Tatumca identidade brasileira nos idos de 68. Outra testemunha, infelizmente desaparecida em acidente aéreo estranho, foi o Bispo Grotti. Tatumca contactou o bispo amazonense em busca de ajuda para os índios famintos da região acreana mas o bispo, seguindo as informações incorretas da FUNAI, considerou o Acre livre de índios e não deu atenção ao pedido. Mais espetacular, no entanto, foi o contato de Tatumca com o então embaixador da Alemanha ocidental no Brasil. Tatumca foi considerado demente ao afirmar que ainda existem dois mil soldados alemães vivendo em Akakor.

Uma fotografia de Tatumca Nara, no porto de Manaus, é encontrável no livro **Lost cities of South America**, à pag. 256 (quem duvidar que recorra ao original), assim como exemplos dos

estranhos manuscritos de seu povo. Estou muito agradecido ao meu amigo B. Wallace que enviou o referido material, na esperança de eu poder ajudá-lo em sua própria missão ao Amazonas. Já escrevi para minha amiga Leila Mercadante, que tem em suas mãos as chaves de muitas bibliotecas preciosas, para buscar um artigo sobre o Mapinguari, uma preguiça ancestral que, depois de ser considerada lenda ou animal extinto, vem sendo pesquisada com o apoio da coroa britânica e do Museu Emilio Goeldi. Agora recorro outra vez a Leila para traçar as origens bibliográficas de outros textos sobre as cidades perdidas que, certamente, existem muitas e, em alguma dessas fontes, quem sabe o Wallace consiga interpretar os roteiros para a solução definitiva do enigma. Antes que o Márcio Souza faça o atalho da invenção.

## FRESAS Y CHOCOLATE

Judith também andou por Cuba e pela República Dominicana, com os seus estudantes. Foram buscar semelhanças e diferenças. **La caribeñidad.** Um exercício inútil e fútil. Bastava abrir a janela e respirar o ar. E abrir os olhos. Sobretudo os ouvidos de ouvir. E também o olfato, o tato e o paladar. Mas ela levantou barreiras ao longo de sua existência e sempre evita todo contato e contágio. Protege a pele e idealiza tudo antes de conhecer.

Em Cuba, refugiou-se na sinagoga. E escreveu um poema sobre a fome e sobre os pássaros, sobre "el periodo especial, the special time/ of want, of lack, of loss", com ressábios, tremores e ardores, com crianças e lembranças dos anos cinqüenta.

Por San Juan, recentemente, andou Senel Paz, o cineasta de **Fresas y chocolate**, que parece ser uma revolução dentro da revolução. Nem tanto nem tão pouco. Apenas o tema da liberdade de ser, numa era de direcionismos e condicionamentos. Escapou da censura e do patrulhamento ideológico mais conservador e transformou-se em sucesso absoluto. Quase em símbolo da contestação ao regime. Sinais dos novos tempos, que ele parece sinalizar e simbolizar. Senel viu a versão livre (adaptação para o teatro) de seu **El Hombre Nuevo**. Declarou ter achado estranho e alheio o texto, mas acabou gostando. Lamentou que David, o revolucionário, tenha sido minimizado a um segundo plano na peça porto-riquenha, e que o homossexual Diego tenha ocupado o cenário quase por inteiro. No filme é o contrário.

Há algo de caricatura e de estereotipo em tudo isso. Homossexualidade vista como maneirismo e exibicionismo, ou de forma deformada. Uma adaptação forçada às circunstâncias. "Estou assim, logo sou. Ou veja o que a vida fez de mim". **El Hombre Nuevo** insiste na fórmula do transformismo, do travesti, duble de mulher como essência e existência. Como algo contraposto ao **machismo**. Como troca de papéis. Besteiro! Como se toda a homossexualidade coubesse no fã-clubes da Carmen Miranda. No molde puritano, se fala da exterioridade para escapar do tema da sexualidade interior.

Senel deve ter percebido o exagero e o simplismo, sem desmerecer a qualidade do espetáculo nem a validade do caso. Entre outras formas de expressão da homossexualidade.

Uma sábia escapista: "veja, eu sou assim, mas dou a minha contribuição à humanidade. Logo, julguem-me". O mesmo se pode dizer das mulheres, dos negros, dos índios, dos judeus, de todas as minorias. (Em tempo: mulher é minoria?!) Certamente, uma forma distorcida de análise de realidades conflituosa. Pelo sentimento de culpa. "Eu sou pecador, mas me redimo, me sublimo".

Quando eu perguntei sobre a prostituição e o câmbio negro em Cuba, Judith disse não ter entendido a pergunta. Para ela, o turista só viaja para ver relíquias históricas e para comer os pratos típicos. Ninguém fornicava. Tentei convencê-la de que poucos vão ao Museu do Louvre. E que muitos preferem os prostíbulo do Recife. A AIDS viaja de avião, tem passaporte e visa consular.

Enrique acaba de chegar de Cuba e traz notícias desoladoras. As ruas estão repletas de gente vazia, como diria o Poeta. As paredes exalam suores e temores. Nuvens pesadas são presságios em movimento. Tetos desabam enquanto a escuridão levanta pesados rancores, protestos silentes, uma ansiedade expressa em frases ocas, dissonantes. A noite desvela uma angústia sem respostas. Uma escuridão prenhe de presságios agourentos. A manhã começa caminhando. Ou na fila, esperando a Godot. Raul Castro fez um discurso televisivo acusando o imperialismo norte-americano e foi considerada a melhor piada do ano. Só que o pessoal disse que já tinha ouvido antes. Mas achou graça, assim mesmo. Volta-se do trabalho, sem ter trabalhado. Caminhando ou pedalando. Nada nas despensas do Estado. **Hoy no, mañana sera. Estamos en un periodo especial.**

No malecón as pessoas passeiam suas necessidades, buscando amenidades. Os turistas ostentam dólares. Ninguém usa mais a moeda nacional. Nem o governo. Antevéspera do nada.

As paredes falam mais que as pessoas. Ainda não tem pichações porque não existe tinta. Nem precisa. Não se critica o regime pois todos se consideram responsáveis. Ninguém está arrependido. Apenas perplexos, ávidos.

As marcas nos muros são evidências maiores. Sobrados queixosos, com bocas famintas devorando seus ocupantes. De um tempo detido. Parado no ar. Um tempo de espera. Ano se sabe do que.

As ruas estão vazias de carros e cheias de transeuntes. Um povo em movimento. De um lado para outro. As fábricas paradas, um mercado negro que sai das sarjetas, sobe as escadas, invade as igrejas e chega até ao palácio governamental. Vale tudo, Mr. dólar. Passe, entre, por favor. Estávamos esperando. Pelo mar, pelo ar. Por debaixo da porta.

Não há jornais, nem notícias.

Uma criança, adiando seus sonhos, diz que, quando crescer, gostaria de ser um estrangeiro.

## VEINTE AÑOS NO ES NADA

**"Sentir que es un soplo de vida,  
que veinte años no es nada."**

Gardel & Lepera

Encontrei o nosso querido Stanislaw Ponte Preta na 7a. Feira Internacional do Livro de Bogotá. Um gênio! Bem humorado, paquerador. Cáustico mas sempre generoso e humano. Comprei o livro dele sobre as besteiras da revolução "redentora" (as aspas são do próprio Lalau) de 1964, para enviá-lo ao meu amigo Raimundo Tadeu Correa que, trabalhando na Esplanada dos Ministérios, está numa posição privilegiada como para escrever o texto do FEBEAPÁ 2 (para quem não sabe, Festival de Besteira que Assola o País). Como o Tadeu é leitor assíduo do Diário Oficial e por suas mãos passam boletins e ofícios de vária procedência, estaria em condições de dar continuidade à obra do falecido humorista carioca. Com a mesma verve e refinada ironia. Besteira é o que não falta em Brasília e, certamente, continua assolando o país por inteiro.

Bogotá está mais bonita e tranqüila. Pudera! Guardas armados por toda parte, revistando todo mundo. Dispositivos de todo tipo para inibir a violência e a criminalidade que marcam, de forma tão negativa, a imagem de um povo que, visto de perto, é tão educado e tão hospitaleiro. O palácio da Corte Suprema, na hierática Plaza Bolívar, está em obras, quase uma década depois do célebre atentado terrorista e de sua invasão com os tanques brasileiros Cascavel, que demonstraram seu poder de destruição.

Meu amigo Maura entreteu-se com as muitas cervejas nacionais enquanto eu sofria os efeitos das alturas - o **soroche** - que só consegui superar depois de doses de uísque e de uma sessão movimentada de cumbia e ballenato. Euzinho, abstêmio de carteirinha, bebendo uísque, cercado de bibliotecárias por todos os lados. Não eram propriamente as "certinhas do Lalau" mas tudo bem. Alguém, a meu lado, ao ver duas delas dançando juntas uma salsa antilhana, fez o comentário (impublicável): "incrível, quem diria, juntas fazem um século". Afinal, alguns vinte anos não são nada!

Na casa dos vinte anos é que eu visitei Bogotá pela primeira vez. A cidade não mudou muito desde então. Os grandes edifícios daquela época - o Tequendama, o Bavaria, o Avianca, entre eles - continuam impondo-se na silhueta capitalina. Hoje tem mais guardas, inclusive uma "policía bachiller" que intriga o transeunte. São meninos com armas pesadas. Rosados e risonhos. Eu, poeta expatriado nos idos de 66, luzia um poncho argentino para fugir do frio e para cair no anonimato. Havia maconha nas ruelas coloniais e nas reuniões de intelectuais.

ZZZZ

Era difícil explicar que eu não fumo, nem fumava àquela época. A maconha circulava como o cachimbo da paz. E como havia intelectuais! Lógico, todos esquerdistas. Depois das sessões soporíferas de teatro experimental, os sobreviventes entravam, em estado de êxtase, em debates que prolongavam a madrugada fria. E sempre terminavam cobrando dos atores as soluções aos problemas "planteados", buscando conseqüências e compromissos mais reais do que podia o ativismo teatral. Depois iam dormir, com a sensação fantástica do exercício excelso da inteligência. Os atores, cansados, sentiam-se culpados e impotentes diante do sistema opressor e do patrulhamento dos próprios aliados. Quase sempre acabavam criticados pelo crime de cobrar por seu trabalho pois, no julgamento dos companheiros, estavam mercantilizando a arte. Quando não eram subvencionados pelo Estado, interessado este em satisfazer as elites.

E haja discurso! Os escritores dedicam boa parte de seu tempo elogiando, em público, as virtudes dos companheiros. Talvez queiram, mais que elogiar, exhibir-se. A arte da retórica tem pedestal e púlpito, e muitos aplausos. Um dos presentes à Feira do Livro chegou a condenar os iletrados à escuridão eterna, os não-leitores nada mais são que ignorantes subumanos sem perspectiva de realização e superação. Condenados ao purgatório ou ao inferno dantesco de suas mínimas existências. Só a leitura redime e agrega essência aos mortais, tornando-os imortais. Havia aquela certeza de que, fora do manejo de manuscritos, não existe vida inteligente. E haja desprezo! Para isso, criou-se uma Lei do Livro. Lógico, para sermos livres.

Não foi em Cuba que inventaram o prontuário do Leitor?

O leitor da biblioteca pública recebe prêmio pelas leituras arroladas em seu prontuário. Não se sabe se julgam o mérito das leituras. Eu, certamente, se vivesse em Cuba, ao saber do expediente, inventaria meu próprio prontuário, solicitando obras despistadoras. Os juizes acabariam com a sensação desconcertante descrita pelo Stanislaw - o tal do "samba do crioulo doido": Marx e misticismo; Proust e "Corin Tellado"; fotonovelas e as técnicas guerrilheiras do camarada Mao.

E haja tango! Os colombianos ainda não superaram o remorso pela morte acidentada de Carlos Gardel em seu território. O Pavilhão Argentino da Feira do Livro converteu-se no templo ao culto do cantor portenho. Morreu solteiro, deixando tantas viúvas! Até hoje choram, desconsoladas. O ídolo teria dito à sua progenitora que nunca se casaria porque podia fazer feliz a todas as mulheres na condição de solteiro, enquanto que, casado, faria a infelicidade de uma delas. O Stanislaw Ponte Preta, ao ouvir a declaração, olhou-me com seus olhos de coruja e arrematou: "bicharoca". Isso mesmo: Gardel era gay. Este o grande segredo que levou para o outro mundo.

.....

**Calzoncillos con nubes o si prefieren S.O.S. Colombia** era o título do espetáculo que eu escrevi e dirigi em Bogotá, em 1972. Entre brumas e protestos. Os maoistas nos perseguiram na universidade, os militares ameaçaram impedir a estréia no Teatro Popular de Bogotá. Atores jovens, cantores, músicos. O texto brotou das leituras de jornais. Vivências e ocorrências. Depois perdi o contato com o grupo. Em vez de seguir viagem para o norte senti-me impelido a regressar ao Brasil. Um grave pressentimento. Cheguei ao Rio de Janeiro para a missa de sétimo de dia do passamento de minha querida mãe. Agora soube que acabam de clausurar um festival internacional de teatro e que, da Venezuela, veio o grupo Rajatabla com uma

AAAAA

**Homenaje a Carlos Gimenez.** Certamente, com alguma cena de **Tu País Está Feliz.** Mas eu não cheguei a tempo de assistir ao espetáculo.

Pelas ruas da Candelária, entre relíquias arquitetônicas, senti-me transportado àqueles tempos quase juvenis. Havia muitos **hippies** e a moçada sonhava com a revolução. Não se tinha bem uma idéia para quê. Sabia-se (presumia-se) contra o quê. Todos estavam contra o **establishment**, contra as convenções. Ninguém desconfiava que uma nova ordem, qualquer que fosse, viria instituindo novas convenções. Talvez mais justas, quem sabe. Mas, convenções e regras ao fim. Para serem obedecidas ou para marginalizar os renitentes, resistentes, os não-enquadrados.

Meus amigos de então, onde andarão? Estarão luzindo gravatas executivas ou ficaram marginalizados para sempre? Como se chamavam? Como são chamados hoje em dia, depois que renunciaram a seus apelidos, assumindo posturas condizentes com novos papéis na sociedade? Ficaram carecas? Estão cuidando dos filhos, garantindo uma educação formal e convencional a seus herdeiros, reproduzindo neles os valores que tanto renegaram?

.....

Tudo termina em cumbia. As bibliotecárias colombianas entraram em estado de alucinação. Bendito é o fruto entre as mulheres. Meus pés ardiavam. Os quadris retorciam-se em grupos assimétricos. Fumaça embaçava o ar. Eu, em várias épocas diferentes. Escondido no canto, para olhar e ruminar. Quando não era arrastado para a pista de dança, quase a contragosto. Maura tentava manter um discurso coerente mas a platéia começava a cantar e contar piadas e impropérios. Vinho e uísque provocaram reações incoerentes.

"Sim, estou fora do ar. Estou ausente. Por favor, quero ficar no meu canto. Entendo, amanhã será outro dia. E daí? Tenho mesmo que dançar, senhorita? Ok, se não há remédio. Mas quem vai dançar não sou eu."

Vejo o Dr. Maura cercado e sitiado. Depois do terceiro uísque, as bibliotecárias partiram para o canibalismo. Ele não sabe dizer não. Não e sim são bem parecidos em seu léxico particular, provavelmente um talvez. Partiu para lições de cumbias e merengues. Ele é da região, deve saber onde pisa. O certo é que a noite era interminável, com os pés ardentes. Pela manhã, no quarto do hotel, descobrimos uma delas dormindo sobre o carpete. Francamente, não sabemos de onde ela veio. Deixamos o hotel, rumo ao aeroporto, ainda pela madrugada. O corpo da jovem ficou lá, estendido. Eu acho que se chamava Cristina; mas o Maura acredita ter ouvido Marta, se era a mesma pessoa que vira durante a festa.

ESTRANHAMENTO

**"la búsqueda de la levedad como reacción al peso de vivir".**

## Italo Calvino

Uma escala em Panamá, a cidade debruçada sobre as marés do Pacífico, com casebres de madeira contrastando com os edifícios arrogantes de mais de cento e trinta bancos. Mais bancos do que escolas, ou seja, o Noriega saiu seqüestrado mas os ladroes que ele apoiava conseguiram institucionalizar-se. Agora têm onde lavar dinheiro legalmente, como se fossem lavadoras automáticas. Espécie de zona franca de divisas podres. O dinheiro passa o dia lá e dorme nas bolsas de NY, Londres e Tóquio.

Um calor crescendo com as buzinas dos automóveis, gente falando alto e letreiros ruinosos por toda parte. Ciudad de Panamá é pesada, sufocante, densa, congestionada, ruidosa, contraposta à placidez e simetria de Balboa, na zona do Canal. Dois mundos. Dois oceanos. Um canal considerado uma das maravilhas do mundo moderno, com suas eclusas e seu tráfego incessante.

Olhar esvaziar-se as diversas alturas, seus vertedouros vertiginosos, suas águas doces subindo e descendo, os navios descendo e subindo, puxados por comboios sobre cremalheiras, é admirar-se da invenção humana. Tanta imaginação, tanto sonho, tantas mortes e obstinações enlouquecidas! Todo terrorista do mundo deve ter sonhado com a sua explosão, todo ditador pretendeu tê-lo sob seu controle. Balões suspensos no ar interceptavam aviões kamikazes; **marines** insones espreitavam possíveis investidas guerrilheiras... O canal une dois mundos desunidos.

Que me perdoem os panamenhos mas o país é uma ficção geopolítica. E o Canal é mais que uma obra de engenharia, é uma obra de arte e engenho humano. Ciudad de Panamá, com sua zona franca, é um mercado ao ar livre, depósito de mercadorias, entreposto de bugigangas. Os bancos estão lá para facilitar as transações, as lavagens de dinheiro. Panamá é um lugar de passagem para navios e mercadorias.

Encontro de dois mundos. Caribe e Estados Unidos. Como água e azeite. O taxista mostrou-me as ruínas de uma estrada de ferro e explicou: foi o fruto da administração do canal pelos panamenhos. Não sei se exagerava, mas garantiu que bastaram seis meses para tudo aquilo virar sucata. Vagões abandonados, trilhos enferrujados, dormentes apodrecidos. Buscava justificativas para o controle definitivo do canal pelos gringos. O acordo de cessão termina em 1999 mas ele acredita que um novo acordo será firmado para dar continuidade, ainda que permaneça alguma co-gestão no processo. Tanto melhor, se garantir paz e prosperidade ao país. O homem estava orgulhoso do retorno da democracia, depois do rapto rambesco do Noriega que agora apodrece em carcel norte-americana. Pior para ele, melhor para os panamenhos que aproveitam a existência do canal para viabilizar suas estratégias de desenvolvimento econômico.

Panamá é pesado, não é leve. Costa Rica é leve, não é pesada. Maneiras de ser, maneiras de ver. Embora tudo seja relativo - justo sói reconhecer - pois, como bem vaticinou Italo Calvino **"todo lo que elegimos y apreciamos por ser leve no tarda en revelar su propio peso insostenible"**.

.....

Leve pode ser a poesia. Transformando coisas pesadas em corpúsculos etéreos, plúmbeos, voláteis, em que a noção de tempo se transfigura e transcende. Foi assim que uma exegeta considerou os versos de **Tu País Está Feliz**: leves e translúcidos. Ela reconheceu nos versos tentativas de relativizar o concreto, de superar o real e de suprimir as distâncias inúteis e os tempos impossíveis. Segundo ela, manifestações incontestes de um pós-modernismo literário.

Foi durante um recital organizado pelos estudantes da **Escuela**, no Museu da UPR, em abril de 1994. Eu aceitei ressuscitar os poemas, acompanhado por uma cantora (Wanda Pabellón) e por um guitarrista (Humberto González). Considerei meio estapafúrdia a idéia de reviver os textos mas acabei convencido de sua validade. A escritora Lourdes Vásquez entrevistou diretores de teatro que participaram daquela histórica apresentação da peça no Teatro cooperante, no Bairro Obreiro de San Yuan, nos idos de 1971. Maria "Ate" Matos redescobriu os recortes de jornais da época com a fotos e impressões dos críticos e repórteres. Diante de um público surpreendentemente grande para as circunstâncias, fiz a leitura, levintando no espaço-tempo. Queria saber se havia alguma validade em versos que falavam da guerra fria e da rebeldia contra os valores estabelecidos. Parece que mudaram as aparências mas permanecem as motivações. Avanços e retrocessos. Permanece a leveza do texto, insinuações mais que afirmações.

Porque a poesia é um exercício de despistamento mas que trai a si mesmo, revelando e desvelando aproximações consecutivas a uma verdade intangível mas perceptível. Artesanato das palavras e das imagens, transfigurações das idéias e das percepções. As palavras têm autonomia, seu universo próprio. Sua forma e significado. **Existe a palavra que só conhece a si mesma**, como afirma Italo Calvino. Que modela a existência, que a estabelece. **Tu País...** pretendeu caçar mariposas no abismo das contradições humanas, negá-las sem perder a sua identidade. Contrapor, negar e dar-se em fragmentos e por inteiro. Um exercício de imprecisões e de exatidões, visibilidades numa geografia que era mais temporal que espacial.

Não queria ser um poema. Pretendia ser um espetáculo: em que se mostra e se reflete, em que a palavra é apropriada, é exposta, vivenciada. Sem limites entre o ator e o espectador. Regressando a Calvino (que só descobri muitos anos depois), "**la literatura nunca hubiese existido si una parte de los seres humanos no tuviera una tendencia a una fuerte introspección, a un descontento con el mundo tal como es, al olvido de las horas y los días**". O teatro tampouco existiria, já que é outra forma de literatura. Mas em **Tu País...** a proposta era vencer o eu e ser o outro, em usar o tu e o nós para ampliar a participação. Não haver um personagem no palco porque o verdadeiro personagem estava para ser conquistado na platéia.

Foi espantoso ouvir testemunhos de quem esteve presente a alguma das funções originais. Houve até quem ainda recordasse versos e melodias. Distanciei-me, tentando aceitar os testemunhos. Teatro não é uma obra física, é um acontecimento.

DDDDD

Sou o autor de uma obra única, que nem é mais minha. Ninguém recorda o meu nome. As recordações fazem parte da história das pessoas. Eram estudantes, eram jovens ansiosos de liberdade e liberalidade, eram sonhadores buscando identificação com o texto e seu tempo. Vêm-me como o autor que **era**, mas não mais é pois não demonstram interesse algum pelo que veio depois. Basta rever ou reler os poemas de **Tu País...**, que também foi mas não é mais, estacionado em algum momento do passado que continua presente, agora fustigando como nostalgia do ser. As pessoas falavam de si mesmas, de suas crenças e vivências. A peça era parte delas, não eu, que parecia um estranho, a quem miravam com certa perplexidade e incredulidade. Os que não a viram antes, puderam imaginá-la e o recital concluiu com os aplausos e simpatias de praxe. Eu volto ao meu recolhimento, com ciúme de mim.

## DESPEDIDAS

**?qué sómos, qué es cada uno de nosotros sino una  
experiencias, de informaciones,  
de lecturas, de imaginaciones? Cada vida es una  
enciclopedia, una biblioteca, un muestrario de  
estilos onde todo se puede mezclar continuamente  
y reordenar de todas las formas posibles".**

**Italo Calvino**

**combinatoria de**

Sarah, a amiga de Judith, que é também judia e nasceu na Inglaterra, reclama do diálogo superficial de suas amigas norte-americanas. Não se refere a Judith ou a Margareth, suas companheiras de praia em Ocian Park, mas a outras que vivem na Ilha. Ela cresceu em Nova Iorque e optou pela quietude de Old San Juan, que tem charme e personalidade. Nunca entra no mar, basta-se com a contemplação e exposição ao sol. Vestida.

As pessoas são sempre um mistério, como caixas de surpresas, fascinantes para quem tem a paciência e a habilidade para desvendá-las. Sarah prefere gente a todas as coisas. "Viajo para ver pessoas, não viajo para ver lugares". Vai em busca de amigos, de calor humano. Do contrário, a paisagem é inútil, sem significado.

O comentário começou quando soube que estive com Margareth Melcher, na Feira do Livro de Bogotá. Seus olhos como que ficaram iluminados, felizes. "Não é significativo ir a um lugar qualquer e lá encontrar-se com amigos?" Concordei. "Pois valeu a viagem".

EEEEEE

Eu nunca havia prestado atenção nela. Está sempre lendo um livro, mesmo ao sol. E trabalha na Casa del Libro. Eu cultivo o silêncio junto ao mar, quando não estou dentro d'água. Minhas conversações são mais interiores, com o meu passado, com o meu futuro. Mais com o futuro, pois estou sempre antevendo situações, como que deleitando-me por antecipação. Nem chega a ser ansiedade, apenas **imaginações**. Algo que nunca será, mas que já é, antecipando-se. Situações imaginárias, que se repetem, sem terem jamais acontecido, como se fosse possível ruminar um temário futuro, já vivido imaginariamente, mas que nunca chega. Não importa, pois vivido de alguma forma, ainda que pelas sensações do imaginário. Memórias do futuro. Mas Sarah fala do passado, como coisa presente.

O Village dos anos 40 e 50 era mais tranqüilo mas sempre envolvente. Com gente sempre interessante, de todas as partes. Sente-se privilegiada por ter tido pais tolerantes e liberais. Teve amigos de toda espécie: negros, homossexuais, orientais, de todas as religiões, sem preconceito. E chegou a ser modelo para pintores. Nua. E teve um romance com um italiano que era da máfia e a encontrava em lugares alternativos, marcando encontros com senhas e despistes. Não entendi bem a estória. Só sei que ele um dia apareceu em Puerto Rico, com a mulher e os filhos, para visitá-la. Se é que eu entendi, ou estou inventando. Ela vivia entre artistas, entre criadores.

Tentou explicar-me o significado de ter vivido a sua adolescência em Nova Iorque. Em outro lugar, teria sido diferente. E falou de suas leituras, de **suas** experiências alheias, do diálogo com as pessoas e com as coisas. Aliás, de sua incapacidade de entender as coisas independentemente das pessoas.

Uma pessoa qualquer. Sarah, em poucas palavras, levantou-se diante de mim, numa arquitetura completa de imagens e indagações, como um ser recorrente, pleno de sensações transferíveis, dona das palavras para expressei-las, em frases muito curtas mas sempre carregadas de significados desdobráveis, insondáveis. Apenas uns minutos ao sol, enquanto as amigas caminhavam pela praia. Três mulheres ato diferentes, ato opostas mas unidas pelos caprichos do acaso. Talvez nem conversem muito sobre suas vidas. Provavelmente nem se conheçam bem. Sarah saiu como de uma vaso de perfume, ou de um cofre violado, para expressar sua condição humana. Antes era apenas um corpo flácido, uns olhos renitentes e escrutinadores, uma figura como outra qualquer na paisagem urbana. Mesmo próxima de mim, não a vira até então em sua dimensão individual. Ela quis que fosse assim, num lance de dados, de relance, instantânea e furtivamente, como à guisa de despedida. Ganhando seu próprio espaço e perfil. Ela estava em Londres quando eu por lá andava em meados de 75. Um dado sem a menor importância para mim. Ela quis detalhes de minha estada, como se fizessem parte de um reconhecimento, como coisas de uma intimidade intuída, secreta, própria de sua maneira de entender as relações humanas.

DE NOVO, O VERÃO EM NOS

**"Sólo entonces vio la Sierra Nevada por la ventana,  
nítida y azul, como um cuadro colgado, y la memoria  
se le perdió en otros cuartos de otras tantas vidas."  
"El General en su Laberinto", Gabriel García Marquez**

Havia folhas pelo assoalho. Debaixo da mesa, junto às cadeiras, na sala e na varanda. Judith nunca fecha as portas e janelas de seu apartamento. Estamos no início do verão, com os ipês floridos e as árvores renovando suas folhagens.

Havia também papéis, poeira. E ruídos dos automóveis. Ela já nem ouve. Como a sinfonia de coquis que a gente nem mais percebe. Como a miséria circundante para quem vive nas regiões mais despossuídas. Fazem parte do cotidiano, da paisagem circundante.

As folhas entram pelas janelas, têm todas as colorações ocres. São belas. O vento pode levá-las de um lado para o outro. Melhor assim. Ou podem resultar esmagadas debaixo de nossos pés andarilhos.

Tenho que reconhecer os dotes culinários da anfitriã mas fico perturbado vendo-a comer com a boca aberta. A comida esmagada subindo e descendo, ao capricho da mastigação e das expressões aceleradas por sua impaciência. E o cachorro ao lado, disputando migalhas. Judith é assim mesmo. Vive num mundo só seu. Vejo-a sempre nos concertos de música clássica. Prefere a música barroca, renascentista, e as últimas tendências musicais mas não se interessa pela fase romântica e muito menos pela canção popular. Nem sabe que existe. Ou não a conhece. Certa vez quis saber que era essa estória de bolero, que não conseguia identificar propriamente. E tampouco tem paciência para outras coisas. Na apresentação de um filme do Fellini - nada menos que o clássico **Amarcord** - ela pergunta-me, meio desorientada com as discussões da família italiana à mesa, entre gritos e gesticulações - de que se trata. Tento explicar que são memórias do cineasta relativas à sua cidade natal, nos tempos tragicômicos do fascismo. "Ah, pois eu não entendo nada disso". Levantou-se e deixou o cinema. Ela é assim. Autêntica e individualista. Não tem paciência nem curiosidade para o que não entende. Mas eu a entendo, em seu mundo de trabalho e perseverança. Nele está a sua fortaleza.

## **LA SONATA DE LOS FANTASMAS**

Tempo é uma dimensão psicológica. Nem tanto o tempo físico, transformante, que deixa rastros e cicatrizes, mas o tempo transcendente, que se vive numa dimensão interior.

Foi August Strindberg, já visivelmente paranóico, que descreveu melhor este estado do tempo. Simultâneo, multitemporal. Em que a gente convive com os nossos fantasmas, em diferentes momentos de nossa existência, simultaneamente. Estão todos aí, presentes, desafiando-nos, exigindo nossa atenção. Alguns conhecidos, outros inventados, mas todos demandantes. Têm caras, têm vontades, ocupam nosso espaço sem maiores constrangimentos, figuras de diferentes épocas numa convivência impossível mas verdadeira, nem sabemos se real. E nós mesmos, absurdamente, somos vários ao mesmo tempo, em diferentes momentos, marcando uma presença de cobranças e afirmações inquestionáveis. "Vê, eu sou você, aqui estou esquecido neste salão vazio, abandonado de mim mesmo. Você me deixou, não quis que eu me realizasse, possuído de idéias que me negavam, me impediam de ser." "Tenha vergonha de mim, eu poderia ter sido mas apenas pretendi, neguei-me, deixei de realizar-me por culpa sua, que não me queria, me cerceava". "Pois vou vingar-me de quanto me privou, medroso de ser, de dar-se, de conceber uma outra existência mais criativa e realizadora, vou martirizá-lo até o último de seus dias, infeliz". "Porque me banalizava, me desgastava em questões tão ordinárias e sem qualquer motivo, é que exijo, que cobro uma oportunidade, a realização de meus desejos desatendidos. Agora é a minha vez pois a sua já a malgastou, em vão."

E existem os outros. Tangenciais, esquecidos. Instando nosso ser, clamando atenção e devoção. "Sim, sou eu, o preterido. Eu que acreditei que significava alguma coisa, quero a minha hora e vez, ainda que tardia, não importa." "Pois ficarei ao seu lado, para que não esqueça da promessa não cumprida, para que possamos alguma vez cumprir o nosso sonho juntos". A casa está cheia de fantasmas, saem das gavetas, dos livros, dos armários insondáveis, de caixas e objetos abandonados. Estão por toda parte, nem esperam que chegue a noite ou o sono. Fazem amor com a gente, podem levar-nos ao orgasmo ou ao desespero. A qualquer momento. Figuras de diferentes épocas se cruzam sem ver-se, nem por isso menos presentes. Nada têm a ver com o passado, seu tempo é o sempre, inalcançável. Um jogo de azares, acontecimentos falsos e verdadeiros, numa existência volátil, imaginosa, enganosa. Uma loucura consciente, da qual nos envergonhamos enquanto lúcidos e que desejamos enquanto inconscientes.

.....

E viajam comigo. O vôo de regresso não é uma fuga nem uma volta a lugar algum. Não é um regressar ao passado nem uma ida ao futuro. O aeroporto de Caracas é como a estação entre o hoje e o ontem, no caminho do amanhã. Vê-se da janela do avião as rotas litorâneas de Maiquetía em direção a La Guaira, os contornos serpenteantes que sobem o Avila até alcançar o vale congestionado de Caracas. Lá estou eu, em outro tempo, apaixonado pela vida, buscando minhas aventuras. Um jovem magro, alto, esguio, nem bonito nem feio, cheio de vontades e desejos, compartilhando seu corpo e seu tempo. Subindo a ladeira, mergulhando no mar caribe, sorvendo sabores em ânsias de uma paixão desenfreada, secreta, sem beiradas. Sim, viver celeremente, intensamente para viver mais. Depois ruminar uma e outra vez, para viver mais ainda. Várias vidas numa vida de prazeres, ainda que mínimos. Mas tão intensos, tão imensos!

O avião é uma capsula do tempo, numa trajetória desatinada. Um destino que parece recuar mais que avançar.

HHHHH

Puerto Rico não é apenas uma ilha. Três Porto Ricos, em três momentos. Quando ali aportei, pela primeira vez, como mambembe, com um espetáculo que era a extensão de meus desejos e idéias, com uma juventude de comunicações e relacionamentos inconsúteis; depois uma visita profissional, de recordatórios e saudades impalpáveis; e agora uma estadia prolongada, trabalhando e revivendo uma experiência que era a de um ser incompleto, insatisfeito, mas com o júbilo de uma realização conseqüente. Três décadas seguidas, interpenetradas, reinterpretadas. Aquela San Juan dos anos 70, idealista, sonhando com a independência e com a identidade latino-americana. A dos anos 80, mais pragmática, buscando realizações compensadoras. A dos anos 90, resignada e realista, tentando outras dimensões de comunicação. Talvez a nível interpessoal, literária, cultural.

Convivi com Porto Rico e comigo mesmo, como nunca em minha vida. Um espelho interior, voltado para todos os tempos de minha existência. E revi meus fantasmas, meus valores, minhas crenças e dúvidas. Uma vida pequena, mínima, tão minha, tão de ninguém, tão insignificante em sua grandeza momentânea. Certo de uma auto-estima que, contra todas as indicações e razões, cresce e se consolida. Teimosamente. Uma ilha é uma mirada para dentro de uma existência. Fisicamente apartada de outros mundos, tive o distanciamento físico e temporal para introspecções e reflexões profundas, ainda que inúteis.

O avião é um transporte incrível, uma ilha em movimento, uma prisão aerodinâmica levando-nos do nada a coisa nenhuma. A gente está no meio, a meio caminho do que não se consegue superar. Para trás ficam rostos, imagens, lembranças que começam a idealizar-se, a confundir-se; pela frente a reconquista de situações e faces que já são outras e que não reconquistaremos, porque nunca foram nossas.